

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
– MESTRADO PROFISSIONAL: HISTÓRIA, CULTURA E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

MARCOS ROSSINY LEANDRO

GOIÂNIA: O *CHÃO VERMELHO* EM QUE TODOS PISAM -
HISTÓRIA DA CIDADE POR MEIO DE ELI BRASILIENSE E HÉLIO OLIVEIRA

CATALÃO/GO

2016



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Marcos Rossiny Leandro

Título do trabalho: Goiânia O Chão Vermelho em que todos pisam – História da cidade por meio de Eli Brasiliense e Hélio de Oliveira

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Marco Rossiny Leandro
Assinatura do (a) autor (a)

Data: 29 / 08 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

MARCOS ROSSINY LEANDRO

**GOIÂNIA: O *CHÃO VERMELHO* EM QUE TODOS PISAM -
HISTÓRIA DA CIDADE POR MEIO DE ELI BRASILIENSE E HÉLIO OLIVEIRA**

Dissertação apresentada, ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional: História, Cultura e Formação de Professores, da UFG/ Regional Catalão vinculado a Linha de Pesquisa 1 - Cultura, Linguagens e Ensino de História, para obtenção do título de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges.

CATALÃO/GO

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

LEANDRO, Marcos Rossiny

Goiânia: o Chão Vermelho em que todos pisam - [manuscrito] :
História da cidade por meio de Eli Brasiense e Hélio de Oliveira /
Marcos Rossiny LEANDRO. - 2016.
CCIV, 204 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão,
Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2016.
Bibliografia. Apêndice.

Inclui mapas, fotografias, lista de figuras.

1. História. 2. Ensino. 3. Cidade. 4. Goiânia. 5. Cotidiano. I. Borges,
Valdeci Rezende, orient. II. Título.

CDU 94(817.3)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 05

Aos dez dias do mês de agosto de dois mil e dezesseis realizou-se, na Sala 11 – Bloco C, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública de trabalho de conclusão de mestrado intitulado “Goiânia: o chão vermelho em que todos pisam – história da cidade por meio de Eli Brasiliense e Hélio Oliveira”, de autoria do mestrando Marcos Rossiny Leandro. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes: Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges [Orientador], professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Maria Clara Tomaz Machado, professora da Universidade Federal de Uberlândia – UFU/Uberlândia - MG; Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às catorze horas, sendo presidida pelo Professor Orientador, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra ao discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra às componentes da banca que tiveram cada um, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho de conclusão de mestrado apresentado, tendo o mestrando igual tempo para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que o candidato e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse avaliar o trabalho. Após a conclusão dos trabalhos, as arguidoras atribuíram o seguinte resultado: **APROVADO**. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelo Senhor e Senhoras membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos dez dias do mês de agosto de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges (Orientador)

Profa. Dra. Maria Clara Tomaz Machado (UFU)

Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos (UFG/RC)

DEDICATÓRIA

Primeiramente a Deus.

Aos meus pais, irmão, familiares, amigos e o meu orientador Valdeci.

AGRADECIMENTOS

Trago, uma frase de Theodore Roosevelt que me faz lembrar todas as experiências percorridas nessa caminhada do mestrado: “É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota”.

Agradeço aos meus pais Cátia e Duplani e ao meu irmão Willian pelo apoio que sempre me deram durante os anos de faculdade e no mestrado, principalmente, por todos os outros anos na minha vida de estudante quando não mediram esforços para que hoje possa estar vencendo mais uma etapa em minha vida. Agradeço aos meus tios, aos avós, primos – em especial Daiane e Rodrigo - e demais familiares que sempre estiveram me apoiando e dando auxílios nessa jornada. Aos familiares que mesmo morando distantes estão sempre me incentivando e contribuindo de alguma forma ou outra para essa realização.

Agradeço também aos meus amigos do peito que estiveram ao meu lado nesses anos e que tenho certeza que estarão juntos nas próximas batalhas da vida. Agradeço a eles por terem compreendido as tantas vezes que dispensei uma saída, uma viagem devido ao número de atividades extra sala, as longas e inacabáveis leituras e fichamentos para a realização dessa pesquisa, que tinha para realizar. Agradeço principalmente: Layanne, Lucas, Gabriela, Handriny, Maicon, Marina e Regiane aos quais estão sempre incentivando, apoiando em cada luta e presentes em todos os momentos do dia a dia.

Agradeço também a todos os professores que passaram por mim desde os primeiros anos do Ensino Fundamental e aos professores do Curso de História da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão e aos que ministraram as aulas do Mestrado Profissional em História desta unidade acadêmica: as professoras Luiza e Regma que quantas manhãs deixou-me de “cabelos em pé” com as teorias de Rusen e outros historiadores com discussões complexas, mas como esquecer das aulas de didática e discussões sobre a luta dos professores na atualidade – essas foram memoráveis. As professoras Márcia e Teresinha Duarte, com as deliciosas aulas de História Cultural ministradas por elas, quantas discussões e textos maravilhosos que foram proporcionados nessa disciplina. E ao professor Getúlio, onde discutimos o imaginário e a sociedade em prazerosas aulas, com discussões que nos fizeram interpretar a discutir o qual grandioso é a história, essa vitória também é graças a vocês!

Agradeço de forma particular a meu orientador Valdeci pelas leituras sugeridas, por abrir novos horizontes, pelos incentivos, “puxões de orelha”, pela leitura atenta e anotada, aproveito para parabenizá-lo pelo excelente profissional.

Agradeço a todos os meus colegas de sala que também contribuíram de uma forma ou outra para esse momento, em especial a Janaína e Jesiele que sempre dividimos as mesmas angustias, desafios e conquistas durante o mestrado, também quero registrar o companheirismo de duas amigas de viagem para o mestrado, elas que também serão as novas mestres em história: Fabiola e Elizangela: a vocês meu obrigado.

Seria uma injustiça deixar de citar e agradecer a uma turma em especial: Débora, Poliana e Daniel, nosso “quarteto” formado nos anos de graduação que persiste até hoje. Vocês que nas noitadas regadas a cerveja, churrasco, conversas e muita diversão não deixaram de dar forças, ajudas, críticas, sugestões durante esse mestrado, a vocês que foram pequenos co-orientadores desse trabalho também (*risos*). Agradeço imensamente por todas as ajudas, conselhos, trocas de ideias, espero vocês nas próximas seleções do mestrado para poder “co-orientá-los” (*risos*).

Enfim, agradeço a cada um que participou de uma forma ou de outra durante toda essa caminhada, foram dois anos de longa jornada, momentos “inacabáveis” de escrita, mas no fim tudo valeu a pena, já dizia Charles Chaplin “a persistência é o menor caminho do êxito”, e aqui está o resultado desse esforço.

Joviano continuou a olhar a cidade. Era como mulher infiel entregando-se a trastes como Juventino, expulsando gente pobre de seu chão vermelho transformando em outro. No principio era apenas o chão vermelho, terra à-toa para procissões de saúvas e armações de cupins. Agora era reboiço de muito povo. Lugar de maquinações de traficantes, cidade grande. Mesmo assim não abandonaria nunca. Tinha muito de seu braço, possuía grande parte da coragem da esposa que se fora. Amada infiel, mas sempre amada. Os homens deveriam ser como Ferreira, como Sancho, como o carroceiro Manoel e muitos outros que não eram trastes. Amavam a vida e o seu trabalho, não se deixavam vencer pelo desespero. Nem santos nem heróis, apenas homens.

Eli Brasiliense

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo discutir a vida cotidiana durante o processo de construção, estruturação e consolidação de Goiânia, a nova capital do Estado de Goiás, fundada em 1937. Para chegar aos resultados fazemos uma breve história da formação do Estado de Goiás, passando pelos discursos mudancistas da capital, a construção da cidade e chegando à sua configuração na década de 1950. Em seguida abordamos nossas fontes e seus produtores, e avançando debruçamos sobre alguns temas por eles trabalhados analisando e interpretando as falas de Joviano, o personagem narrador que nos conduz pela história do cotidiano goianiense nos anos de 1950 bem como, pelos fios da memória, pelas décadas anteriores de edificação da capital. Tomamos como fonte principal do trabalho o livro de Eli Brasiense, *Chão vermelho* (2002), rico em representações de como era a vida e as condições de existência de uma parcela da população que chegava à Goiânia. Junto ao romance trazemos a obra do fotógrafo Hélio de Oliveira, denominada *Eu vi Goiânia crescer* (2008), como fonte secundária deste estudo, pois retratou Goiânia na década de 50. Como resultado desta pesquisa nasceu ainda um livrinho paradidático que foi pensado com a finalidade de auxiliar professores e os próprios alunos a pensarem na formação de Goiás, de Goiânia e seu povo. Através do trabalho, percebemos que cada autor mostra a cidade de maneira diferente, mas apesar das diferenças, têm-se representações que se aproximam e se encontram, pois inseridas no mesmo espaço de significação.

Palavras-chaves: História; ensino, cidade; Goiânia; cotidiano.

ABSTRACT

The research aims to discuss everyday life during the construction process, structuring and consolidation of Goiânia, the new capital of the State of Goiás, founded in 1937. To get the results we do a brief history of the formation of the State of Goiás, passing by mudancistas speeches in the capital, the construction of the city and coming to your configuration in the 1950. Then we discuss our sources and their producers, and advancing on some themes for them has worked on analyzing and interpreting the words of Jovian, the Narrator character who leads us through the history of everyday life goianiense in the years 1950 and, through memory, the previous decades of building of the capital. We take as primary source of work the book of Eli Brasiense, *Ground Red* (2002), Rico in depictions of life and the conditions of existence of a portion of the population that came to Goiânia. Along the novel bring the work of the photographer Hélio de Oliveira, called *I Saw Goiânia Grow* (2008) as secondary source of this study, because it portrayed Goiânia in the 1950. As a result of this research was born even a book reader that has been designed with the purpose of helping teachers and students themselves to think in the formation of Goiás, Goiânia and his people. Through work, we realized that each author shows the city differently, but despite their differences, have been representations that approach and are, as entered in the same space of signification.

Keywords: History; Education; City; Goiânia; Daily life.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 – Planta Final da Cidade de Goiânia	58
Figura 02 – Planta de Goiânia – Destaque Imagem de Nossa Senhora	59
Foto 01 – Usina do Jaó, 1957	67
Foto 02 – Estação Ferroviária, 1951	69
Foto 03 – Avenida Anhanguera, 1952	71
Foto 04 – Trabalhadores na Avenida Anhanguera, 1951	72
Foto 05 – Avenida Anhanguera, 1952	73
Foto 06 – Avenida Goiás com Rua 03, 1957	76
Foto 07 – Trabalhadores na Construção do Mercado Municipal, 1952	77
Foto 08 – Eletricidade Rua 10, 1952	79
Foto 09 – Parque Agropecuário, 1950	82
Foto 10 – Trabalhadores na Construção da Avenida Paranaíba com Avenida Goiás, 1953	90
Foto 11 – Trabalhadores na Construção da Avenida Anhanguera, 1955	90
Foto 12 – Palácio das Esmeraldas, 1955.....	100
Foto 13 – Café Central, Avenida Anhanguera, 1958	111
Foto 14 – Cine Teatro Goiânia, 1952	111
Foto 15 – Jockey Clube, 1951	112
Foto 16 – Faculdade de Direito, 1955	115
Foto 17 – Praça Universitária, 1959	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – Vidas e Obras de Dois Goianos de Coração	30
1.1 – História, Literatura e Fotografia	30
1.2 - Brasiliense – das Artimanhas de Menino ao Literato	34
1.3 – A Literatura de Eli Brasiliense	37
1.4 – <i>Eu vi Goiânia crescer</i> e Hélio de Oliveira	45
CAPÍTULO II – O Nascer de uma Cidade e suas Primeiras Décadas de Vida	48
2.1 – Da Capitania ao Estado de Goiás – num breve sobrevoo.....	48
2.2 – Pedro Ludovico e Outros “Pais” da Idéia de Uma Nova Capital	49
2.3 – Goiânia – Uma peça na Marcha para o Oeste e na Disputa pelo Poder	51
2.4 – Construindo a Ideia da Mudança da Capital à Própria Edificação da Cidade	53
2.5 – A Jovem Cidade na Década de 1950	62
CAPÍTULO III – Goiânia: “A Cidade dos Sonhos”?	64
3.1 – Marcas do Tempo no Romance	65
3.2 – Cenas da Vida na Cidade e seus Personagens: a Modernidade na Nova Capital	69
3.3 – Do Crescimento Populacional e seus Problemas	84
3.4 – Preocupação com o Trabalho: sua Apologia e a Condenação da Malandragem	88
3.5 – A Questão da Terra e dos Costumes Rurais	93
CAPÍTULO IV – Outros Olhares sobre a Cidade: Política, Sociabilidades e Ensino	96
4.1 – A Política: Males, Eleições e Esperanças do Povo	96
4.2 – Espaços de Lazer e Sociabilidades	102
4.3 – O Ensino: A Educação como Solução	112
4.4 – Assuntando Ainda mais a Cidade: Últimos Olhares	117
Considerações Finais	123
Referências	125

Apêndice - Goiânia: o Chão Vermelho em que todos pisam – história da cidade por meio de Eli Brasiliense e Hélio Oliveira.....	136
--	------------

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir o cotidiano das transformações da cidade de Goiânia durante a década de 1950, tendo como fonte principal e privilegiada o livro *Chão vermelho*, escrito por Eli Brasiense, publicado pela primeira vez em 1956 pela editora da Livraria Martins S.A. Para a análise, utilizamos a 3ª edição do livro publicada, em 2002, pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira (AGEPEL) e pelo Instituto Goiano do Livro (IGL). Recorremos ainda, como fonte complementar, que nos ajuda a ampliar nossa investigação sobre a cidade, a coletânea de fotografias de Hélio de Oliveira denominada *Eu vi Goiânia crescer* publicada em 2008, é que constituída por fotos produzidas pelo fotógrafo no decorrer de sua vida, as quais explicitam sua preocupação também com os temas e lugares do cotidiano da nova capital.

O interesse pelo tema aqui proposto nasceu ainda na graduação durante a elaboração da pesquisa monográfica intitulada “Goiânia, a capital do cerrado: visões literárias e fotográficas de uma cidade em formação (1950-1960)” defendida em janeiro de 2014. Naquele momento a referida pesquisa objetivou mostrar como se deu a formação, como se constituiu a cidade de Goiânia, tendo como prisma estabelecer uma leitura referente aos primeiros discursos mudancistas, seu culminar com a transferência definitiva da capital no ano de 1937 e, por fim o enfoque na vida cotidiana das pessoas que ali viviam durante o período delimitado. Como material empírico para as análises selecionamos os livros, de literatura de Eli Brasiense, *Chão vermelho* (2002), e de fotografias de Hélio de Oliveira, *Eu vi Goiânia crescer* (2008).

Estes livros nos oportunizaram ampliar as reflexões, análises e discussões até então existentes acerca da cidade de Goiânia, nos conduzindo a mergulhar, por meio desses artefatos, textos escritos e imagéticos, no cotidiano das pessoas que, em específico, viviam naquela cidade e experimentaram sua constituição. Ou seja, os autores citados, a partir de suas leituras e expressões de como enxergavam a vida e o mundo, nos mostraram como a cidade pode ser pensada como constituída por vários olhares e representações que se tem dela. Assim, buscamos aqui neste trabalho desenvolvermos uma investigação focada nos discursos, nas vozes e nas diversas visões, olhares que constituem leituras próprias de alguns segmentos sociais sobre a trajetória da cidade e suas mudanças ao longo do tempo, em especial na década de 1950.

Isto porque, com o final do trabalho de conclusão de curso notamos que a pesquisa poderia ser mais aprofundada deslocando nosso olhar para perceber como as personagens de *Chão vermelho* contam, de forma significativa e particular, peculiar ao lugar que ocupam na sociedade, o processo de desenvolvimento de Goiânia na década de 1950 e como suas percepções podem ser pensadas e problematizadas, arranjadas de forma complementar umas às outras ou postas em confronto entre si, expondo suas tensões e conflitos.

O movimento de defesa da construção de Goiânia e sua própria edificação nos remete a busca de entender um pouco mais sobre a História de Goiás durante seu processo de expansão e crescimento econômico, uma vez que a própria história de formação do Estado faz parte de um contexto, no qual, conforme Palacín (1994) tiveram significativa importância as várias bandeiras que percorriam o Brasil durante o século XVIII em busca de ouro, originando os primeiros povoados da região.

Segundo a historiografia (Palacín, 1994; Chaul, 1997; Borges, 2000) que aborda o assunto, Goiás teve seu auge durante o período de exploração do ouro e com o passar dos anos entrou num período de decadência com o fim da extração aurífera. Contudo, por volta de 1907, com a chegada da estrada de ferro no Estado, começou um lento e gradativo crescimento populacional e econômico, com pessoas vindas de várias regiões do Brasil e até de outros países, como os imigrantes italianos, sírios libaneses e turcos.

Assim sendo, a proposta de pesquisa aqui apresentada além de estabelecer um diálogo com a história de Goiás, considerando a produção historiográfica existente, propõe problematizar como a história de Goiânia, descrita a partir de fatos cotidianos acerca das experiências de alguns personagens de *Chão vermelho*, sobretudo, e das fotos de Hélio de Oliveira, em menor escala, pode ser contada por meio de uma interlocução entre eles, e em diálogo com eles, nos mais diversos momentos dos livros e expor visões diferenciadas sobre o mesmo processo. Neste sentido, discutimos: é possível conhecer a história de Goiânia por meio das representações literárias? Os personagens da história construídas por Eli Brasiense são representativos dos sujeitos sociais que construíram a cidade? Existe uma percepção diferenciada entre o literato e o fotógrafo na medida que o último é um representante do poder oficial? Este poderia encobrir ou deixar em silêncio aquilo que poderia trazer à tona aspectos que iria divergir a epopéia da mudança e do progresso de Goiânia? Quais seriam os custos sociais dela advindo e os interesses nela envolvido? Isto porque os capítulos de Eli Brasiense expressam visões ora de um trabalhador ou dos operários que a construíram e a viram e fizeram nascer, ora do povo ou da população pobre em geral, ora de um estudante secundarista pobre filho de operário que almeja ser médico, ora já de um médico em pleno

exercício da profissão, ora de um camponês expulso de sua terra que chega à cidade. Já as fotos de Oliveira são visões da cidade pelo olhar de um fotógrafo oficial do Estado.

Na busca de delimitarmos nosso campo de pesquisa deteremos, especificamente, na cidade de Goiânia, que remonta sua origem ao século XX e se insere no rol daquelas que possuem, desde sua formação, um lugar e papel primordial na constituição do povo goiano. A pesquisa se assenta na tentativa de pensar a história da Capital do Estado de Goiás através da obra mencionada de Eli Brasiense, com apoio naquela de fotos de Hélio de Oliveira, sobretudo atendo aos aspectos voltados para o cotidiano de seus habitantes e às visões dispares e cheias de intenções, desejos, expectativas e frustrações que emitem sobre eles.

Propomos, ao abordar a constituição dessa cidade, analisar e compreender como a mesma foi descrita pelo literato, de forma a expor como vários de seus segmentos sociais a viram, a pensaram, a sentiram e perceberam-na. Assim levaremos em consideração a característica e o processo de transformação social e histórica da urbe na tentativa de compreender como esta fora pensada, sentida e representada, realizando, assim um diálogo entre diversos autores e atores, para através deles, levantar a discussão ao redor do cotidiano de Goiânia na década de 1950, em foco no livro de *Chão vermelho*, de Eli Brasiense, e ainda presente na obra de Hélio de Oliveira que abarca um período de tempo mais amplo.

Pelos trechos selecionados da obra de Brasiense, procuramos perceber qual ou quais foram os discursos e as visões produzidos sobre a cidade mirando compreender o processo de formação, constituição e transformação da mesma, atentando para a relação expressa entre “progresso”, “desenvolvimento” econômico e as condições de vida e cultura de seus habitantes, os quais, em geral, envolvem a construção histórica de tantas outras cidades, além de entender seu lugar e papel na formação do povo goiano.

Para tanto acreditamos que o uso da literatura como fonte de análise e referência do processo histórico seja de extrema importância para essa abordagem. Assim sendo, buscamos pensar essa história, ou várias outras histórias possíveis, a partir da obra literária em análise em interação com aquela fotográfica mencionada. Com isso, a pesquisa se justifica pela necessidade de se trabalhar a formação da cidade de Goiânia tendo como mecanismo o uso da literatura como fonte documental principal e a fotográfica como suporte de apoio secundário.

O enfoque da pesquisa se insere na preocupação e busca de estender as análises históricas para o processo de ensino e aprendizagem nas escolas de ensino médio. Ou seja, a investigação não se restringe apenas em instituir um grau de análise de cunho historiográfico, mas sim que tais análises rompam com questões tão somente de cunho acadêmico e que possam alcançar a própria forma de ensinar e problematizar a história da formação da cidade e

do povo goiano. Assim, esta discussão tem o objetivo de atingir os alunos do ensino médio, haja vista que hoje nos currículos escolares tais temáticas devem ser abordadas em sala de aula.

Acreditamos que a discussão histórica calcada na literatura se constituiu um instrumento extremamente significativo para os processos de pesquisa e de ensino-aprendizagem, uma vez que obra literária comporta a expressão de visões sociais e veicula representações históricas e sociais, abarcando aspectos diversos da cultura e o do movimento histórico, ou seja, há nela uma finalidade maior que apenas o ato de narrar uma história em forma de romance, pois como produto social e humano mantém-se presa nas teias do simbólico tecidas sob as condições históricas, logo podendo nos auxiliar e contribuir com a formação de um pensamento crítico, além de possuir grande valor material e cultural para a sociedade.

Para ampliar os estudos a cerca da cidade de Goiânia e sua constituição, recorreremos também, como já dito, como fonte complementar para esta investigação a fotografia, que é documento valioso para conhecermos o passado, por meio dos indícios que guarda. Nesse sentido é preciso ter claro que tais bens culturais, a literatura e a fotografia, são representações do social e não a realidade em si, sendo marcados pela problemática relação entre história e ficção, na qual não deteremos aqui neste momento, pois objeto de amplo debate. Porém, torna preciso dizer que temos clareza do quanto é delicado para o historiador lidar com tais fontes, que tratam do real, mas não como esse é ou foi e sim como o mesmo pode ter sido lido, imaginado e significado, no caso da literatura e, tal como o mesmo pode ser ou ter sido “recortado”, no caso da fotografia. Porém, tanto num caso como em noutro, sempre produzindo uma representação do real e nunca o real em si.

Isso porque, como acredita Roger Chartier (2009, p. 24), ficção e história não se confundem, pois uma e outra têm diferentes relações com o real; uma que “informa” do real sem pretender abonar-se nele, outra que pretende dar da realidade uma representação adequada acerca do que foi e já não é. No entanto, ambas realizam representações do passado; representação que, para Chartier (2009, p. 12), se dá entre o que foi e o que não é mais, propondo ocupar o lugar desse passado e permitindo o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida sempre como uma escritura construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção. O encontro de ambas no discurso do historiador é possível tomando a História Cultural como aporte, na qual este trabalho se insere.

A partir de então, nesta pesquisa, estabelecemos um estudo da constituição da cidade de Goiânia atendo aos aspectos do cotidiano através da mencionadas obras de Brasiliense e de Oliveira. Assim, analisamos como ocorreu a formação e as mudanças da cidade discutindo seu processo de edificação meio às referências bibliográficas que abordam a história do Estado e sua transformação.

Partindo desta reflexão, para análise das obras se propõe a edificação de uma história da cidade expondo visões ou percepções diferentes sobre sua trajetória que se intercalam a partir dos trechos de *Chão vermelho*, quais sejam: uma visão oficial e oficiosa, expressão dos membros elite e de personagens que com essa compartilha e defendem seu modelo de desenvolvimento, pois o autor nos propicia esse olhar, com discussões e conversas entre seus personagens mais “elitizados” e remissões a esse universo por meio de personagens de outros estratos sociais.

O livro abarca ainda outras visões, como aquela crítica ao tipo de desenvolvimento da cidade ao tratar dos serviços e benefícios básicos ofertados à população ou de sua falta e precariedade, além, também daquela visão da cidade fruto do olhar do povo comum, dos ditos segmentos populares e trabalhadores, visando entender como eles a viam, experimentaram e perceberam as mudanças da urbe em várias ocasiões e por meio de atitudes em suas rotinas cotidianas, como procissões, conversas em bares, recepção de vizinhos em casa, dentre tantos outros momentos da vida comum, onde os personagens, discutem e refletem sobre a cidade em suas conversas.

Sendo assim, através dessas reflexões, pretende-se, então, fazer com que seja possível entender como se deram diversos momentos relevantes da formação e transformação da cidade de Goiânia e como estes foram filtrados pelos olhares múltiplos e de maneira diferenciada pelos vários segmentos que constituíam essa sociedade. Logo, na discussão busca-se ater-se às imagens que emergem da escrita do literato em suas representações da cidade de Goiânia, um imaginário, como conjunto de imagens, fruto de diversos olhares.

Quando se fala de imaginário na atualidade, está se referindo às representações e às imagens elaboradas sobre os mais variados aspectos da vida social, da atividade global dos agentes sociais, que se manifestam na diversidade de seus produtos. Os imaginários sociais constituem “pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através do qual [...] ela se percepção, divide e elabora os seus próprios objetivos”. Os imaginários coletivos são produtos sociais por meio dos quais “uma coletividade designa a sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom

comportamento’...”. Desta forma, é produzida “uma representação global e totalizante da sociedade como uma ‘ordem’ em que cada elemento encontra o seu ‘lugar’, a sua identidade e a sua razão de ser.” (BACKZO, 1984, p. 309).

Chartier (2009, p. 24), abordando a questão das representações, como já dito, da distinção entre a história e a ficção, esclarece que “a ficção ‘é um discurso que ‘informa’ do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele’, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é.” Com isso nosso papel neste trabalho será contextualizar o que Brasiliense representa em seu livro e estabelecer um diálogo com os variados discursos e reflexões acerca dos temas eleitos.

Numa época em que nossa relação com o passado está ameaçada pela forte tentação de criar histórias imaginadas ou imaginárias, é fundamental e urgente a reflexão sobre as condições que permitem sustentar um discurso histórico como representação e explicação adequadas da realidade que foi. (CHARTIER, 2009, p. 31).

Assim sendo, com o uso da literatura em si é necessário também trazer o estudo acerca da cidade com o objetivo entender e analisar como esta foi representada por Eli Brasiliense, proporcionando uma discussão sobre a vida urbana, suas características, práticas e seus costumes, que hoje interessam ao historiador. Michel de Certeau, ao abordar os estudos das cidades aponta que,

[...] a cidade instaurada pelo discurso utópico e urbanístico é definida pela possibilidade de uma tríplice operação: a produção de um espaço próprio [...]; estabelecer um não-tempo ou sistema sincrônico [...]; a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade [...] [Mas] A cidade, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. (CERTEAU, 1994, p. 172-173).

Dessa forma, nesse campo de estudo, Borges (2010b, p. 64) aponta que “as cidades têm sido objetos de investigação histórica sob diversos olhares”. Portanto, podemos perceber que nos dias atuais as cidades, além serem abordadas pela esfera econômica, têm sido alvos de estudos sob outras perspectivas, por historiadores do século XXI. Para Maria Izilda Santos de Matos (2007, p. 23),

[...] os estudos sobre a cidade vêm passando por mudanças significativas. Pode-se dizer, que anteriormente, a cidade era um elemento de delimitação espacial do objeto de estudo do historiador; era como o “palco da história”, não se constituía em si como objeto, questão e/ou problema.

Mas o que será que faz com que a cidade seja um objeto de reflexão? Em suas reflexões sobre cidade Maria Sttela M. Bresciani (1997) destaca a questão da memória e do aparato simbólico na fundação da mesma e de nosso imaginário sobre ela, ao dizer:

[...] a cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante na forma como se vê nomeada. (BRESCIANI, 1997, p.13).

Logo, podemos compreender a cidade como um local de diversos olhares e múltiplas experiências, as quais podem ser relatadas, aproximadas ou distanciadas de forma pessoal ou coletiva, sendo a urbe um espaço de imaginários e de memórias tecidas ao longo dos anos por seus moradores e narradores. Para Lucrécia D’Alessio Ferrara (1997, p. 194),

[...] o imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado, atribuir significados a significados; suas produções não são únicas, mas se acumulam e passam a significar mais por um processo associativo onde um significado dá origem a um segundo ou terceiro e, assim, sucessivamente. Pelo imaginário, a imagem urbana – locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados – passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos em relação à imagem básica que lhes deu origem.

Dessa forma, devemos tomar a cidade como possuidora de múltiplos significados e sentidos produzidos pelos homens, os quais compõem seu imaginário, constituindo um conjunto de imagens. Nesse contexto, a literatura ao ser produzida apresenta-se como suporte para a produção e veiculação de imaginários uma vez que entendemos que a narrativa e sua linguagem se instituem como produções humanas e como tal estão envoltas por intencionalidades. Ainda que a cidade seja espaço de inúmeras representações de locais, de atos e fatos, as quais nos remetem e constituem o imaginário urbano, “nessa ação, a cidade é um cenário, um pano de fundo, um recorte que sustenta um caudal de sentimentos e reflexões” (FERRARA, 1997, p. 196-197).

A cidade deve ser pensada pelo historiador como parte da história, ou seja, ela se configura também como sujeito da história, como criadora e “sofredora” de múltiplos imaginários e significados.

[...] o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos/índices, produz discursos que com ela interagem. Uma espécie de diálogo insólito porque, no primeiro momento, o usuário é emissor e receptor ao mesmo tempo e, apenas com o registro da memória esses discursos se transformam em arquétipos culturais. Assim sendo, o imaginário dialoga, em última instância, com a história urbana. (FERRARA, 1997, p. 198).

Assim, não se pode falar de cidade sem falar do seu cotidiano e “as recentes preocupações da historiografia, com a descoberta de ‘outras histórias’, vêm favorecendo os estudos que contemplam a abordagem do cotidiano” (MATOS, 2002, p. 21), que remete para o dia a dia da urbe e de seus habitantes.

Sandra Jathay Pesavento (2007, p. 11) acredita que:

as representações tecidas sobre as cidades propiciam-nos acessar experiências urbanas vivenciadas e apreendidas por seus habitantes, observar práticas e imagens delas construídas no tempo e no espaço, as memórias acerca do vivido e desejado por aqueles que as habitavam e que nelas deixaram suas marcas.

Trabalhar com cidade pode-se passar por diversos campos desde as primeiras concepções urbanas da Grécia até as cidades planejadas, como o caso de Goiânia, e assim estabelecer relações mais próximas com as experiências dos alunos, tornando o estudo mais atrativo.

Através desta pesquisa, podemos perceber que as cidades são objetos de estudos palpáveis, elas nos permitem refletir sobre diversos temas da existência humana com uma dimensão histórica muito grande. Com *Chão vermelho* tivemos essa experiência de refletir sobre a cidade de Goiânia ao redor de diversos temas inseridos na esfera do cotidiano, de outra história que não aquela dos grandes temas já estabelecidos.

Ao estudarmos as cidades, como no caso de Goiânia, com nome próprio, podemos compreender o nosso papel de agentes sociais refletindo sobre as práticas e ações dos sujeitos históricos que nelas habitam, por elas foram marcados e que também as marcaram.

Assim, ao estudá-las verificamos a forma como se constituíram, acompanhamos sua evolução e o impacto das transformações na vida de seus habitantes, os lugares dentro da cidade que separam os grupos sociais, as fronteiras e barreiras existentes, os locais símbolos para seus habitantes. (OLIVEIRA, 2002, p.104).

Diversos pontos e aspectos podem fazer com que o aluno possa ler e entender a cidade. Através de seus construtores, das fachadas das casas, o que está em seu entorno, sua localização na cidade, são elementos que permitem que dialoguemos com as experiências e com o mundo daqueles que construíram esses lugares. Nesse sentido, os mais diversos “construtores” de Goiânia – do operário ao construído grande líder – fazem com que possamos conhecer e fazer pensar as intenções deles, conhecer as transformações que ocorreram ao longo do tempo nos discursos, nos espaços e os motivos e intencionalidades das mudanças.

Segundo Regina Soares de Oliveira (2012, p.110), “é interessante estudar os bairros de uma cidade, pois estes possibilitam aos alunos a percepção, de forma geral das transformações que a cidade sofreu, de seu processo de modernização, convivência entre diferentes tempos históricos”. Assim, podemos realizar através dessas observações e percepções, diversas atividades, e concluir que a cidade preserva em suas formas uma parte importante da história, desde a história de seus moradores até própria preservação, conservação ou não de seus bens culturais, inclusive arquitetônicos. Estudando a cidade de Goiânia, professores e alunos, podem perceber o processo histórico de construção da cidade, passando por seus significados nos mais diversos momentos históricos, e também discutir a forma como os espaços foram ocupados pela elite goianiense face aos diversos segmentos de seus habitantes, de trabalhadores, do povo, de operários e gente de baixa renda.

Com isso, durante o desenvolvimento do trabalho julgamos de imensa importância a realização de uma discussão sobre a relação entre história e memória, história e cultura, esta última pensada, conforme Chartier (2009), como as diversas práticas humanas comuns, pois esta investigação está voltada para a memória de um povo e de uma cidade, a qual acessaremos por meio, principalmente da obra de Brasiliense, e ainda das fotos de Oliveira.

Conforme Chartier, devemos ter claro que existem famílias de definições de cultura, e nesse sentido, para nossa pesquisa nos apoiamos na concepção da antropologia de Clifford Geertz (1989, p. 103), que diz:

o conceito de cultura ao qual eu me atendo [...] denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Sabemos que a História é uma ciência humana que estuda a presença e o desenvolvimento do homem no tempo e no espaço. Ela analisa os processos históricos ocorridos em todos os tempos, personagens e fatos para poder compreender um determinado período histórico, uma cultura ou civilização. Através dela podemos realizar diversos estudos para entendermos ainda mais o nosso passado e assim poderemos também contribuir para construção de nosso futuro.

A ciência da história deve poder preservar esses pontos de vista do abuso político e também sustentar a autoridade que lhe é (por vezes) reconhecida no debate político em torno das orientações históricas. (RÜSEN, 2011, p. 86).

De imediato a maioria das pessoas pensam que a história esta apenas para servir o passado. Sim, ela também serve para recuperar o passado, que por muitos foi esquecido. Mas

as relações entre passado e presente são muito mais que o confronto ou a integração entre dois blocos homogêneos e bem diferentes da simples continuidade ou relação especular (SILVA, 2003, p. 32).

A história, que recupera o passado, se vale da memória que, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado, sendo uma representação, conforme Paul Ricoeur (2007). A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional, logo coletivo.

O conceito de memória, e a maneira como ela funciona, vem sendo tema dos estudos de filósofos e de cientistas há séculos. Este conceito vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas. A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. Mas só muito recentemente se tornou objeto de reflexão da historiografia.

Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que foram repassadas a ele, mas que não pertencem somente ele e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. O estudo histórico da memória coletiva teve desenvolvimento com a investigação oral. Esse tipo de memória tem algumas características bem específicas: primeiro gira em torno quase sempre de lembranças do cotidiano de um grupo e quase nunca faz referências a acontecimentos históricos valorizados pela historiografia, tendendo a idealizar o passado.

A memória é marcada, portanto, por dimensões de invenção, seleção e combinação temáticas no social, que se diferencia do passivo acúmulo, deixando patentes caracteres de disputa em sua definição. (SILVA, 2003, p. 68).

A memória nos oferece o privilégio de, por seu meio, realizar discussões, pesquisas e reflexões. Nada que se fala ou se escreve é perdido, tudo nos pode proporcionar momentos de descobertas por meio de tais produções. Temos hoje problemas que enfrentamos na maioria das cidades, como a tentativa de apagar algumas memórias, tais como ao “modernizar” as casas, derrubar construções de uma localidade para mostrar a marca e o avanço do progresso. Essas memórias também são constituídas pelas narrativas das pessoas.

O propósito de lidar com as narrativas como práticas que se forjam na experiência vivida e que, também, intervêm nela, nos coloca o desafio de adotar e desenvolver procedimentos que nos possibilitem apreender o trabalho da consciência e incorporá-lo na explicação histórica. Ao narrar, as

peças interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista. Nesse sentido, temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativos que abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social. (KHOURY, 2001, p. 124).

Para compreender o processo da história e da memória o historiador pode dispor-se a intervir na construção da memória, do mesmo modo que intervém o político, o jornalista, o poeta ou o educador: modelá-la utilizando como ferramenta o prestígio tradicionalmente ligado à sua prática, porém sem renunciar a suas convicções de ofício.

No trabalho do historiador é importante elencar os principais autores que se detém sobre o tema tratado na historiografia de Goiás, visando realizar um cruzamento entre as diversas fontes. Nesse sentido, dialogamos com Luiz Palacín, Nasr Chaul, Barsanufio Gomides Borges, Juscelino Martins Polonial e outros autores que abordam a história e a formação do Estado de Goiás. O uso de tais autores nos possibilitou compreender a história da constituição de Goiás.

Conforme Selva Guimarães Fonseca (2010), no Brasil democrático, consolidou-se na primeira década do século XXI, uma rica diversidade de modos de pensar e ensinar a história. Estudos sobre o ensino e aprendizagem de história evidenciam que diversos temas, problemas, abordagens e fontes relevantes para o ensino de história passaram a ser considerados. Segundo Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca (2007), “a mudança repentina seja no meio da transformação da tecnologia ou da ciência é produto constante e predominante na atualidade, o que faz serem os currículos repensados e democraticamente revistos no âmbito do ensino”.

Nesse sentido podemos mencionar o *Currículo Referência da Rede da Rede Estadual de Educação de Goiás*, que foi elaborado em 2012 pelas Subsecretarias Regionais de Educação, apresentando eixos temáticos, expectativas de aprendizagem e conteúdos a serem ministrados conforme a realidade e presentes nos livros didáticos a serem adotados. O Currículo remete ao conteúdo relativo à História de Goiás, levando em consideração o contexto histórico mais amplo apresentado no ano em curso. A temática da História de Goiânia pode ser apresentada aos alunos no 9º ano do Ensino Fundamental ao se trabalhar “Goiás e a Era Vargas” e bem como em “Brasil e Goiás: Redemocratização”. Aí se poderá apresentar aos alunos os discursos a cerca da transferência da capital, como abordado, sobretudo, no segundo capítulo desta dissertação, de Goiânia sendo “fruto” da Marcha para o Oeste, inserida num programa de expansão territorial e modernização do país implantada

durante o governo do Presidente Getúlio Vargas. Sendo assim, nessa proposta, Goiânia seria trabalhada dentro do eixo temático da História Contemporânea – Brasil Contemporâneo. (GOIÁS - Estado. Secretaria de Estado da Educação, 2012, p. 261-2).

Já no que refere ao Ensino Médio, a História de Goiânia pode ser trabalhada em sala de aula dentro da temática proposta a 2ª. série: “Goiás no período monárquico: relatos de viajantes, secessão de Goiás, panorama político”, abordando os discursos dos primeiros governadores de províncias que já apontavam a necessidade de transferir a capital considerando diversos motivos, econômicos, climáticos, geográficos e até mesmo estéticos da capital. Na 3ª. série do Ensino Médio pode-se apresentar aos alunos a História de Goiânia em diversos momentos. O primeiro no conteúdo “Goiás na Republica Velha: oligarquia/coronelismo e cenário econômico”, no qual os estudos a cerca da necessidade da transferência da capital podem ser aprofundados, além de trabalhar a resistência de algumas famílias a cerca das terras em que seria edificada a nova capital do Estado e a questão do poder econômico desenvolvido no Estado e a necessidade de uma capital mais centralizada no território goiano. (GOIÁS - Estado. Secretaria de Estado da Educação, 2012, p. 275-6).

Ainda na 3ª. série, Goiânia deverá ser apresentada dentro da temática “Goiás e o Período Vargas: ‘Ludoviquismo’ e ‘Mudancismo’”, onde cabe ser tratado os discursos de Pedro Ludovico a cerca da necessidade de construir uma nova capital para o Estado, levando em consideração seus relatórios enviados ao então Presidente Getúlio Vargas, além de trabalhar a cidade de Goiânia como símbolo máximo do progresso apresentada por Vargas com seu plano de Marcha para o Oeste, que visava levar o desenvolvimento e a modernidade a todo país. Nesse mesmo sentido, pode-se dar continuidade aos estudos, na temática “Brasil e Goiás: República Democrática ou Populista”, onde a ideologia de Pedro Ludovico pode ser novamente ressaltada e que o fez, na época, ser um dos maiores populistas do Estado de Goiás. Nesse tópico pode-se ainda avançar os estudos sobre a expansão da cidade, sua construção e o rápido crescimento populacional da recém fundada cidade. Esse item comporta ainda trabalhar os tópicos apresentados nessa dissertação, fazendo com que o aluno possa compreender como se deu o passo a passo da dita modernização e a efetivação de uma das cidades mais importantes do Estado de Goiás: sua capital. (GOIÁS - Estado. Secretaria de Estado da Educação, 2012, p. 277-8).

Se ao ensino de história cabe um papel educativo, formativo, cultural e político e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos, é essencial localizarmos questões, temas e problemas considerados relevantes para a formação da consciência histórica dos alunos. Isso requer um diálogo crítico com diferentes

sujeitos, lugares, saberes e práticas. Cabe aqui o papel do professor, que é agente ativo decisivo na seleção e concretização dos conteúdos e dos significados dos currículos.

De acordo com Silva e Fonseca (2007), compete ao docente oferecer um processo de aprendizagem pelo caminho mais comum e circunstancial ao ambiente em que se vive, priorizando alguns temas definidos sobre os olhares e diálogos com os alunos, pais e a comunidade. Nessa esfera é importante ao professor refletir sobre os aspectos do aprendizado, que estão para além da sala de aula, como o trabalho com a cultura material, em especial com os museus, com o imaginário, expresso na literatura, na fotografia, dentre outros bens culturais, o que torna nosso trabalho pertinente com tais diretrizes.

Para Fonseca (2011), é preciso pensar a disciplina de história como disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora, pois a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, que conforme Jörn Rüsen (1992, p.33) é “um pré-requisito para a orientação em situação presente que demanda ação”. Esse papel só possuirá eficácia através do trabalho realizado pelo professor em sala de aula e sua interação com os alunos.

Algumas formas de transposição didáticas podem contribuir para a construção da consciência histórica, que é nossa forma de relacionar e interpretar o passado com orientação sobre o tempo e projeção para o futuro e, ainda, elemento fundamental para se pensar no aprendizado histórico. Entre elas podemos destacar a relevância do conhecimento, ou seja, do saber a ser ensinado, encontrado nos indícios documentais e na experiência cultural, em confronto com outras fontes de conhecimento histórico como, por exemplo, os manuais didáticos; a forma do saber ensinado, ou seja, a ação dos professores em aulas de história, e a natureza do saber aprendido, isto é, um tipo de relação que os alunos estabelecem com o conhecimento histórico, compreendendo-o como algo que é diferente do simples acúmulo de informações. Nesse sentido é que produzimos um livreto, que segue em anexo, como material didático, voltado para trabalhar a história de Goiânia em sala de aula, com atividades que visam integrar ensino e pesquisa partindo das obras de Brasiliense e Oliveira.

Fonseca (2011) destaca três princípios básicos que poderão nortear o ensino de história, sendo primeiro a busca de documentos em estado de arquivo familiar e a relação entre a história vivenciada e outras narrativas. O segundo, de natureza histórica metodológica, se refere a identificação dos indivíduos à experiência humana, em diferentes formas. E o terceiro deriva do entendimento de que a experiência humana apreendida identifica com as experiências de outras pessoas, de outras épocas, podendo ser constituídas de diferentes narrativas históricas. Com isso, percebemos que a construção da consciência histórica exige

conteúdos que permitam o desenvolvimento de uma argumentação histórica e crítica, de uma contra narrativa, na medida em que tais conteúdos buscam a mobilização, não de todo o passado, mas de experiências específicas do passado relacionadas a sua própria existência. Nessa perspectiva o livro de Brasiliense nos tem muito a oferecer, como suas representações conflitantes da constituição de Goiânia como cidade e capital moderna e desenvolvida do Estado e, para outros, urbe desordenada e adversa.

Assim, para pesquisa se realizar tornou-se ainda necessário aprofundar nosso conhecimento sobre as produções historiográficas sobre a cidade de Goiânia, como também estabelecer um grau comparativo entre essas e as visões veiculadas através de *Chão vermelho*, representativas de seguimentos sociais que antes mencionamos.

Por fim, consolidando a pesquisa realizada produzimos o texto dissertativo que segue, bem como uma proposta de material didático acerca do assunto para ser disponibilizado nas escolas públicas do Estado voltado para o Ensino Médio com a finalidade de instrumentalizar tal prática em sala de aula.

Na dissertação, no primeiro capítulo, realizamos um estudo sobre a vida e a obras de Eli Brasiliense, procurando inseri-los nos contextos históricos que o autor viveu, escreveu e a que fez referência no livro *Chão vermelho*. Abordamos, ainda neste capítulo, a figura de Hélio de Oliveira e de sua obra *Eu vi Goiânia crescer*.

No segundo capítulo, buscamos situar o processo histórico que levou a transferência da capital Estado da Cidade de Goiás para Goiânia, realizando um levantamento histórico do movimento que parte dos discursos rumo à fundação e formação da cidade até chegarmos a década de 1950, momento o qual Brasiliense aborda e representa em seu livro e que Oliveira, por sua vez, fotografa.

No terceiro capítulo, procuramos analisar alguns aspectos do livro de Eli Brasiliense, como dadas marcações que indicam o período que a narrativa abarca, para em seguida determos em cenas do cotidiano dos personagens na cidade aclamada por sua modernidade, abordando questões como crescimento populacional e os problemas sociais a ele atrelados, a preocupação e apologia ao trabalho em contraponto à malandragem e, por fim, os conflitos ligados a terra e os lastros da cultura rural ainda presentes no dia a dia de seus moradores.

No quarto capítulo, ateremos a outros olhares sobre a cidade que abarcam o campo da política, das sociabilidades e do ensino, focando seus problemas, mas também as esperanças depositadas em tais dimensões do viver social; as percepções e apreciações dos personagens referentes a esses temas e, por fim, fechando o foco, trazemos algumas visões sobre a cidade que, de certo modo, sintetizam e amarram muitos aspectos antes tratados a respeito da urbe.

Em anexo à dissertação trazemos um livro com caráter de material didático, denominado *A Goiânia dos anos de 1950 em sala de aula: na Literatura e Fotografia*, que tem como objetivo apresentar algumas formas de como o cotidiano da cidade de Goiânia pode ser trabalhado em sala de aula no Ensino Médio por meio do livro *Chão vermelho* e as fotos de *Eu vi Goiânia crescer*, de Hélio de Oliveira, com sugestões de trabalhos que levam em consideração os capítulos anteriormente elaborados nesta pesquisa. Este livro didático foi pensado a partir de uma breve análise das diretrizes para o ensino de História no *Currículo Referência da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás*, que, como dito, foi elaborado ao longo do ano de 2012 pelas Subsecretarias Regionais de Educação do Estado, apresentando eixos temáticos, expectativas de aprendizagem e conteúdos a serem focados de acordo com a realidade nos livros didáticos adotados na rede estadual de educação.

CAPÍTULO I

VIDAS E OBRAS DE DOIS GOIANOS DE CORAÇÃO

O objetivo, neste capítulo, é abordar as vidas e as obras dos dois autores que servem de fonte documental para este trabalho, qual sejam Eli Brasiense, autor do livro escolhido para a análise nesta pesquisa, *Chão vermelho*, e Hélio de Oliveira, autor do livro de fotografias sobre a cidade, *Eu vi Goiânia crescer*. Porém, antes de buscar conhecê-los um pouco mais e pensá-los como testemunhos e fontes relevantes para nossa investigação sobre a cidade de Goiânia na década de 1950, realizaremos, primeiro, a seguir, uma breve reflexão sobre as relações entre história, literatura e fotografia.

1.1- História, Literatura e Fotografia

Ao elegermos uma obra literária como fonte documental para pesquisa o fazemos por considerar que o conhecimento histórico produzido a partir da literatura se constituiu em instrumento privilegiado para o processo de ensino-aprendizagem, visto que a obra literária comporta a expressão de visões de mundo e da sociedade, sendo representação histórica do observado, imaginado e projetado. Entendemos que tal produção cultural incorpora e abarca aspectos do processo histórico, pois ligada e presa às teias de um momento e de uma sociedade, logo podendo nos auxiliar e contribuir com a produção do conhecimento num viés crítico.

Dessa forma, em um trabalho com a literatura como fonte de conhecimento, a maneira da mesma se ligar à realidade não pode ser desconsiderada. Nosso estudo, portanto, ao buscar explorar os ricos caminhos que a literatura oferece, uma vez que ela, segundo Valdeci Rezende Borges (1996, p. 213) detém um valor temporal e histórico, que pode ser captado mediante um processo de historicização da obra, do autor, dos temas e das tramas contidas no texto, o que, por seu lado, pode evidenciar a cumplicidade entre ficção e história, a partir de aproximações internas e externas ao texto, atenta à necessidade de contextualizar tal produção.

A literatura tem uma importância muito grande como fonte por representar e testemunhar acerca do cotidiano, as ações nele contidas, as transformações e permanências históricas. Ela capta, torna matéria prima e a transfigura, os fatos observados na sociedade ou os desejos e proposições de mudança histórica de um tempo e lugar. Assim, ela passa, então, a ser testemunha ocular da história, conforme nos fala Borges (2010a, p. 98-99):

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico. Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular.

Vemos então neste fragmento de Borges (2010a), a importância da literatura como fonte para a história, para fazer uma leitura do período trabalhado pelo pesquisador.

O historiador deve analisar o romance levantando aspectos que julgar oportunos e importantes para sua análise, extraindo do livro escolhido os principais dados que irão conduzir sua pesquisa histórica. No caso da literatura é preciso, portanto, estar atento aos ambientes socioculturais do período analisado para se evitar tratamento anacrônico da fonte (FERREIRA, 2011, p. 81). Assim, buscamos ater às imagens que emergem da escrita do literato em suas representações da cidade de Goiânia, um imaginário, como conjunto de imagens, fruto de diversos olhares.

Nesse contexto, a literatura, produzida sempre em diálogo com a sociedade, sua cultura e história, apresenta-se como suporte para a produção e veiculação de imaginários uma vez que entendemos que a narrativa e sua linguagem se instituem como produções humanas e como tal estão envoltas por intencionalidades.

Nesse sentido, na busca de desvelarmos tais aspectos, como a linguagem, as motivações e intencionalidades que o texto literário veicula, dentre outros, torna necessário edificarmos uma metodologia, estabelecermos alguns procedimentos de como a história pode

utilizar da literatura para suas pesquisas, e, para tal levamos em consideração algumas indicações de historiadores, de historiadores da literatura e de sociólogos, sistematizadas por Borges (2010a, p. 101):

Para Pesavento (2004, p. 83), o historiador deve tomar a literatura a partir do tempo de sua escrita, do autor e da época em que foi produzida, tanto se o texto falar de sua época, de uma passada ou futura. Bosi (1992, p. 176) também chama nossa atenção para nos atermos à busca da compreensão mais do tempo em que a obra foi forjada do que aquele que por vez se refere. Candido (1985) aponta que a abordagem do texto literário deve articular tanto o intrínseco da obra, logo, seu conteúdo, que engloba suas temáticas, tramas e dimensões formais, estéticas, quanto o extrínseco, referindo-se ao contexto social e temporal em que foi escrita. No contexto do tempo e do lugar, no emaranhado das relações históricas, sociais e culturais, no qual o texto literário foi elaborado, ele revela sua estética, seu estilo, sua linguagem, sua escola ou movimento, seus significados, os quais são criações coletivas e possuem sentidos, aceitação ou rejeição, nesse ambiente e tempo.

Assim, torna-se preciso refletir sobre tais questões ao abordar a literatura como fonte documental, ainda conforme Borges (2010a, p. 101):

Logo, utilizar a literatura como documento para produção do conhecimento histórico requer também pensar sua estética, o cânone literário pertinente a esse tipo de escrita e que foi considerado para sua avaliação, pois o valor e a importância de um texto literário não são absolutos, podendo o historiador recorrer tanto aos escritores apreciados e reconhecidos como grandes pelo grupo de agentes intelectuais, quanto àqueles considerados como menores e medíocres. Reconhecer as regras e as convenções estabelecidas pelos agentes e produtores intelectuais, as quais são elementares no processo de reconhecimento do produtor e do produto, dando-lhes prestígio ou não dentro campo intelectual e da cultura, explicita o estatuto do texto e ilumina sobre as aproximações e os distanciamentos que estes possuem em relação à realidade a que se referem e representam (PESAVENTO, 2004, p. 84; BOURDIEU, 1992, p. 183-202).

De tal forma, a historicização e contextualização da produção literária remete à interrogar sobre suas relações com o mundo social. Conforme Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de M. Pereira (1998, p.7),

a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.

A história, como conhecimento, possui certas doses de subjetividade e podemos recorrer à literatura para produzir seu saber, pois a literatura não despreza certos parâmetros

da realidade objetiva, sendo a história acontecida matéria inspiradora para a ficção, que reinventa e reconstrói a realidade (BORGES, 1996), por meio do texto poético.

Nesse contexto, pensando toda documentação como representação, e ao recorrermos, para complementar e ampliar os estudos a cerca da cidade de Goiânia e sua constituição, à fotografia de Hélio de Oliveira como fonte complementar, julgamos necessário também pensar um pouco sobre tais artefatos e sua constituição. Para tal recorreremos como referência teórica à discussão de Boris Kossoy (2007), para quem “a documentação iconográfica é uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado; trata-se, porém de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa de histórias que não mostram” (KOSSOY, 2007, p. 31).

A fotografia e seu uso ao longo da história fora marcada por uma diversidade de possibilidades, pois foi, e ainda é, parte importante de diversos tipos de jornais, revistas, dentre outros. Com passar dos tempos ganhou espaço em museus, exposições e como fonte documental, dentre outros. No caso dos estudos históricos, seu uso teve nuances diferenciadas. A partir da década de 1920, os livros didáticos de História passaram a utilizar reproduções fotográficas de obras encontradas em museus e arquivos. Mas, o uso complementar, técnico ou narrativo, no livro didático se reduz, na grande maioria dos casos, ao meramente ilustrativo, no sentido de oferecer ao aluno uma ideia visual do acontecimento apresentado no texto didático (CARVALHO; LIMA, 2011, p. 39).

O historiador, tomando-a também como uma forma de representação do passado, que pode apropriar das imagens. Isto, apesar de pouco usual, já vem ocorrendo, pois como observa Peter Burke (2004, p. 17) “[...] imagens, assim como textos e testemunhas orais constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular”, o que não significa que seu uso seja tranquilo, mas sim que há a necessidade de pensar a imagem como testemunha, mas uma testemunha muda, que precisa ser indagada sobre o que mostra e, também, o que não mostra.

Imagens que não podemos identificar como sendo o real, mas como construções acerca do mesmo, como representações do real. Logo não recuperando por si a realidade, mas permitindo realizar em mente associações de imagens, sendo para isso necessário alcançar o fotografado e o fotógrafo por meio da foto; estar atento ao modo como foi produzida e por que o foi de determinada maneira, antes mesmo de perguntar o que está representado (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1995, p. 23, 52, 64).

Portanto é que recorreremos a literatura de Brasiliense, de forma mais ampla, e às fotografias de Oliveira, em menor escala, como fontes para produção de nossas reflexões.

1.2–Brasiliense – das Artimanhas de Menino ao Literato

Eli Brasiliense Ribeiro nasceu na cidade de Porto Nacional, no dia 18 de abril de 1915, “numa casa em frente à catedral de Nossa Senhora das Mercês, perto de um sobrado, que era tido como cheio de mal-assombramento”¹(BRASILIANSE, 2002, p-11). Filho de Bernardino Ribeiro e de Jesuína Silva Braga.

Segundo o artigo “O tropeiro que falava francês e outros casos”, escrito em 1983 e publicado pela primeira vez em 1985, no livro *Presença Literária de Eli Brasiliense*, de teor autobiográfico, onde o escritor narra sua trajetória de vida, sua infância em Natividade teve experiências traumáticas. Havia caído da escada de casa e “quase morri afogado, num dos poços do córrego da praia, onde brincava com vários colegas, quando me atirei na água funda, numa afoiteza de menino que ainda não sabia nadar.” (BRASILIANSE, 2002, p. 11).

Em entrevista concedida ao professor Giovanni Ricciardi² e publicada no prefácio do livro *Chão vermelho*, ao ser questionado de como era a vivência em Natividade, Brasiliense diz que “era aquela vida pacata... De noite, a gente via os velhos em roda, na porta, conversando. As comadres de um lado, os compadres de outros, aquela vida pacata.” (BRASILIANSE, 2002, p.18).

A mãe de Eli Brasiliense foi professora primária no Arraial Nossa Senhora do Carmo, mas pouco exercia a profissão, pois tinha mais vocação para costureira. “E costurando, cantava aquelas modinhas antigas e eu, pertinho, pra decorar páginas da história sagrada ou estudar as lições. Enquanto não dava certinho não ia brincar.” (BRASILIANSE, 2002, p. 19).

O que Eli Brasiliense chama de “livro de história sagrada” era a Bíblia, onde realizava estudos que eram tomados por sua mãe; ele decorava as páginas da Bíblia ilustrada com desenhos de mais diversas representações simbólicas e dali recebia orientações gerais para a vida. Brasiliense foi um homem que muito estudou desde sua infância e foi educado em colégio católico em regime de externato. Depois do primário cursou todas as matérias do Seminário São José, que era de responsabilidade dos Dominicanos na cidade de Porto Nacional.

Em se levando em consideração à sua vida profissional Brasiliense pode-se dizer que tivera grande êxito. Na cidade de Pedro Afonso, foi professor primário e o primeiro diretor do

¹ “O Tropeiro que falava Francês e outros casos”, escrito em 6 de janeiro de 1983, foi publicado no prefácio da 3ª Edição do livro *Chão vermelho*.

²Entrevista concedida ao professor Giovanni Ricciardi e publicada no prefácio do da 3ª Edição do livro *Chão vermelho*.

Grupo Escolar Pádua Fleury; em Goiânia, em 1937, foi jornalista; já no ano de 1940, na cidade de Pirenópolis, e nomeado Delegado Municipal do Recenseamento; nesta mesma cidade foi secretário da Prefeitura e professor de Português e de Francês, na Escola Normal Padre Gonzaga, além de diretor desse estabelecimento. Em 1947, juntamente com Aristeu Bulhões, Bernardo Élis, Lopes Rodrigues e Léo Lynce foi integrante da Comissão Julgadora de Concurso de Poesia. Brasiliense trabalhou como professor em vários lugares, como no Colégio Comercial Cinco de Julho, Educandário Goianiense, Colégio Comercial Dom Marcos de Noronha, Colégio Santo Antônio e também contribuiu com a Escola Normal Padre Gonzaga, da cidade de Pirenópolis.

O interesse pela literatura surgiu durante os estudos no Colégio de Santo Tomás de Aquino, em Porto Nacional, onde curso Humanidades, que hoje equivale a Filosofia e Letras. Já como jornalista, obteve experiência na tipografia do Colégio Dominicano, em Porto Nacional, onde editava um semanário, que começou sendo manuscrito até que a direção do colégio comprou uma tipografia. Esse jornal tinha o nome de *Folha dos Moços* e falava das vaidades da juventude naquela época, onde ajudou na elaboração de matérias e até na edição da publicação do jornal. Eli Brasiliense também teve um jornal de própria autoria, denominado *O Tagarela*. “Foi em 1953, por aí assim. Não me lembro” (BRASILIANSE, 2002, p. 21).

Como jornalista profissional Brasiliense fora Redator-Chefe da *Folha de Goyaz*, da *Revista Vera Cruz*, do editor Walter Friedmann, do jornal *O Social* e diretor do *Diário da Tarde*. Foi ainda fundador e diretor da revista periódica *O Bólido*. (BRASILIANSE, 2002, p. 29-30).

Na juventude, além de estudos e trabalho, Brasiliense gostava de momentos com os amigos, dos quais conta: “nós nadávamos no Tocantins. Lá em Porto Nacional ele é profundo. Às vezes aparecem alguns baixios, mas a ponte tem novecentos e poucos metros, veja a largura dele. A gente viajava de barco, remava canoa, nadava, aquele divertimento dos meninos antigamente.” (BRASILIANSE, 2002, p. 21).

Em relação aos estudos e atuação profissional, José Mendonça Teles (2000) esclarece que Brasiliense

Fez os estudos primários em sua terra natal. Depois de exercer cargos públicos em Porto Nacional, transferiu-se para Pirenópolis, onde desempenhou o cargo de secretário contador da prefeitura, professor de francês na Escola Normal. Mudou-se para Goiânia, ingressando no magistério e na função pública aposentando-se como funcionário do fisco estadual. (TELES, 2000, p. 170).

Assim Brasiliense é um dos testemunhos da construção e desenvolvimento de Goiânia, e quando indagado sobre sua mudança para a cidade ele diz:

vim para Goiânia em 1937. Vê que foi logo no início. Não tinha nada, aparentemente nada. Eu vim para o primeiro congresso de educação que se realizou aqui, e eu mesmo não acreditava que Goiânia tivesse um desenvolvimento tão rápido, por causa das condições do Estado na época. E hoje nós temos esta cidade. Até escrevi um livro que dá a situação nos primeiros tempos. O título é *Chão Vermelho*, porque aqui o terreno é vermelho. (BRASILIENSE, 2002, p. 17).

Na capital, Brasiliense foi membro da *Academia Goiana de Letras*, onde ocupou a cadeira número 2. Foi presidente da mesma entre 1961 a 1964, membro da *União Brasileira de Escritores* e seu presidente no período de 1950 a 1955, além de Conselheiro da Associação Goiana de Imprensa nas décadas de 1950 e 60, de membro da Comissão Executiva do 3º Encontro Nacional de Imprensa, e de membro do *Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*.(BRASILIENSE, 2002, p. 30).

Foi durante os anos em que Brasiliense exerceu a profissão de jornalista que descobriu o gosto pela literatura e a partir daí escreveu seu primeiro romance *Pium*, em 1940, que o levou a ganhar o prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. Segundo Nelly Alves de Almeida (1985, p.26) foi um livro de grande relevância e sucesso na época. “*Pium* trouxe-lhe aplausos não apenas do país como, também, do exterior.” (ALMEIDA, 1985, p. 27).

E, a partir de então, Brasiliense continuou a escrever. Em 1954, lançou sua segunda obra, *Bom Jesus do Pontal*, e, em 1956, o romance urbano *Chão vermelho*, que também teve grande importância na carreira do escritor, pois o enredo relatava o surgimento de Goiânia como capital. Em 1964, ganhou o prêmio de romance do 1º Concurso Literário da Universidade Federal de Goiás, com o livro *Rio Turuna*. Em 1968, com um novo estilo, escrevendo contos, lançou *O irmão da noite*, livro de contos que foram bem aceitos. Já com cunho filosófico, em 1969, lançou o *Grão de mostarda* e em 1970, *A morte do homem eterno*. 1972 foi o ano de *Uma sombra no fundo do rio* e a *Cidade sem sol e sem lua*. Em 1973 lançou *Perereca* e em 1982 seu último livro, *Um bilhete a minha filha na noite de natal*.

Brasiliense faleceu em 5 de dezembro de 1998, aos 83 anos de idade e 59 anos de atividade literária. Goiano, professor, redator, cidadão, escritor, foi pessoa que lutou pela sobrevivência e viveu sabiamente envolvido com o conhecimento e com a educação, buscando executar o melhor em seu trabalho por onde passava. Assim, Brasiliense deixou várias contribuições para a sociedade, com suas atividades culturais e literárias, e este trabalho

se serve de *Chão vermelho*, obra de literatura urbana, rica em detalhes e marcada pela simplicidade do povo, para abordar a vida, sobretudo, dos setores populares, na cidade de Goiânia nos anos de 1950.

1.3 – A Literatura de Eli Brasiense

Brasiense fez parte de um grupo de autores goianos que acompanhou de perto a produção da literatura no Estado, pensando sobre ela e sobre seu próprio fazer literário. Segundo ele, alguns autores da literatura goiana acompanharam o desenvolvimento da cidade e sua sociedade tornando suas questões objeto de escrita literária: “Alguns escritores se aproveitaram de temas justamente goianienses. De maneira que está bem retrato todo esse tempo, até agora, pelos nossos escritores” (BRASILIANSE, 2002, p.17). Como tal, ele participou de um movimento de escritores que em Goiás discutiram sobre as questões de estética literária e as novas tendências de produção que foram criadas e circularam no momento:

Nós tivemos grupos aí que tratavam disso, para seguir justamente as tendências novas que surgiram no país. Cada um à sua maneira, conforme sua capacidade de compreensão e sua capacidade de criação. O *Jornal Bazar “Oió”* registrou toda essa fase. [...] Bernardo Élis, José Godoy Garcia, Carmo Bernardes, Jacy Siqueira, embora fosse mais novo, também penetrou no movimento. (BRASILIANSE, 2002, p.17-18)

Brasiense considera que o principal trabalho e meio que influenciou sua literatura foi o jornalístico. De acordo com ele: “O jornalismo é uma escola muito boa, porque a gente tem contato com o povo, tem contato com os acontecimentos e aquilo vai sedimentando, de maneira que mais tarde a gente pode aproveitar muita coisa.” (BRASILIANSE, 2002, p.23). Assim, percebemos que Brasiense encontrou no jornal uma porta de entrada para sua produção literária e uma fonte de inspiração para suas obras ao estabelecer contato com o povo e suas questões, e, a partir daí, elaborar sua escrita literária. Por meio dele acessou o dia a dia de toda essa gente e o transformou em texto, como fez em *Chão vermelho*.

Seus romances trazem reminiscências de seu ir e vir por espaços diversos na cidade e no Estado; recorrem às memórias de um povo marcado por lutas e, sempre, remetem às coisas simples do cotidiano. Ao iniciar a escrita de um livro, ele dizia ajuntar peças, estabelecer ramificações, aproveitando o visto e observado pelo caminho afora em suas andanças.

O romance é como um rio. Ele tem a nascente e tem o leito próprio. Mas ele recebe muitos afluentes. Então são as histórias que estabelecem um ramal, mas todas centralizadas ali naquele canal. De maneira que a gente aproveita muitas coisas, sem prejudicar o leito próprio do rio. Ao lado de um registro, uma idéia, a gente se lembra de acontecimentos que poder ser passados para a literatura. Reminiscências, vivenciada no sertão, viagens a cavalo de Porto Nacional à antiga capital, Cidade de Goiás, ida e volta. A antiga São José do Douro, Santa Maria de Taguatinga, Conceição do Norte, Natividade, hoje aquelas vilas são todas cidades. Viajei tudo por aí. E fui registrando os acontecimentos mais importantes pra passar para os livros. (BRASILIANSE, 2002, p.23-24)

Vemos, então, mais uma vez, de onde vinha a inspiração de suas obras. Porém, nem sempre ele aproveitava tudo o que viu, observou e pressentiu na escrita de um livro, fazendo recortes temporais e temáticos, para que o mesmo não fugisse de seu “leito”. Com relação a esse expediente de produção de seu artesanato literário ele diz: “Às vezes eu chego ao exagero de rasgar muitas páginas. Eu digo que chego ao exagero porque tem gente que aproveita tudo, espicha o assunto desnecessariamente, emprega palavras e palavras sem necessidade. Eu me preocupo mais com a síntese.” (BRASILIANSE, 2002, p.24). Assim, sua literatura é pautada numa escrita de linguagem sintética, “porque eu encaro as coisas com muito realismo, muita objetividade” (BRASILIANSE, 2002, p. 25), havendo mesmo autocensura no ato de produzir: “_Às vezes eu escrevo e acho que aquilo não vai causar boa impressão. Então eu cancelo” (BRASILIANSE, 2002, p. 27).

Brasiliense é considerado por alguns intelectuais, como Irapuan Costa Junior, como um escritor regionalista.

Isso já havia me ocorrido antes, na mesma intensidade, precisamente ao ler “Chão Vermelho”, onde Eli Brasiliense criou um romance-crônica do nascimento de Goiânia, aquele que testemunhei na minha infância. Fiel aos fatos, nos mínimos detalhes, “Chão Vermelho” foi para mim uma autêntica máquina do tempo, tal como é agora, “O Tropeiro Eli”, que tenho em mãos. Se temos muitos bons escritores, poetas e prosadores, não deixa de ser verdade que alguns regionalistas fizeram, mais que os outros, com que se conhecesse, além do Paranaíba, nossa prosa: Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Eli Brasiliense, Carmo Bernardes. (COSTA JUNIOR, 2012, p. 1).

Ainda, para Costa Junior (2012, p. 1), Brasiliense pode ser visto como um autor que atrela seus personagens a um tempo e lugar dados:

consegue mostrar o homem que viveu uma época de desbravamento no então Norte Goiano, hoje Tocantins, e outra na nascente capital fundada por Pedro Ludovico, hoje essa metrópole que conhecemos. E mostra também o escritor que materializou em papel e tinta as imagens dessas épocas. A do rude garimpo e a da florescente capital no centro-sul do Estado.

Para Antônio Coelho de Carvalho (2015, p. 1), *Brasiliense*, tratava de seu povo, em especial aquele sofrido, em seus textos:

Assim como os autores regionalistas queriam mostrar a seu modo como vivia o povo, seu sofrimento em terras distantes, de um Brasil ainda unicamente agrário, atrasado e sem perspectiva de melhorias. Eli usando da literatura como forma de sensibilizar os formadores de opinião da época na tentativa de levar um olhar mais humano e menos capitalistas ao já sofrido povo.

Já, falando sobre a linguagem dos personagens de *Brasiliense*, de modo geral, Carvalho aponta para a diferenciação que pode ser observada entre eles, conforme sua inserção ou lugar que ocupam na sociedade.

As falas de seus personagens, as palavras, isto é, os fonemas a linguística, a forma lexical de cada um dos participantes da história. Como o médico com sua fala mais culta no sentido acadêmico da linguagem, diferentemente de outro personagem, como a inexistência de plural, e outras palavras e expressões desconhecidas do público de outras regiões. Nesse sentido Eli mostra de forma clara outros aspectos da realidade do norte goiano, mostra a geografia quando fala de relevo e paisagem do tempo da seca e principalmente dos conflitos sociais e psicológicos e existenciais de uma sociedade em transformação. (CARVALHO, 2015, p.1)

Porém, sendo mais específico, ao remeter, precisamente a *Chão vermelho*, Carvalho destaca o trabalho do autor de ambientar sua trama na nova capital em construção:

Outra obra prima do autor é o romance, *Chão Vermelho*, ambientado na década de 50, onde conta o nascimento de Goiânia, tenta compreender os aspectos e características da nova cidade na vivência de seus personagens, as contradições, o ambiente local a segregação sócio-espacial e como lazer, o trabalho, a política e as expectativas de futuro. (CARVALHO, 2015, p.1)

Portanto, *Brasiliense* adotou a literatura regional, constituída na primeira metade do século XX como forma de escrita, sendo um dos intérpretes da cultura goiana. Esse estilo ficcional é marcado pela rudeza, pela captação direta dos fatos e pela retomada do naturalismo, além de possibilitar uma visão crítica das relações sociais.

Segundo Almeida (1985, p. 45), *Brasiliense* em seus textos “[...] revela argúcia e sensibilidade, tecendo fantasias, contando verdades, descrevendo tragédias, num testemunho de incontestada grandeza.” O autor tece o romance por meio de uma linguagem clara, popular, simples, porém muito rica. Busca descrever os espaços, tradições, personagens e culturas por meio de uma linguagem cheia de riquezas lexicais.

O regionalismo universal de *Brasiliense*, conforme Cavalcante (1978), parte da ideia de que é “no momento em que o artista, nos seus processos intuitivos de eleição, sabe captar e

expressar a vida, pela percepção sensível que é a mesma em todos nós e, por isso, universal no espaço e no tempo, que os artistas se expressam como regional”. Assim, ainda, segundo esse autor, “quanto mais nacionais, mais internacionais se tornam as formas artísticas” (CAVALCANTI, 1978, p. 272).

As obras do literato são divididas, conforme os estudiosos, em três ciclos, e em cada ciclo se distinguem na forma literária. O primeiro deles é o “Ciclo do Norte ou do Tocantins”, no qual se inserem *Pium*, *Bom Jesus do Pontal*, *Rio Turuna*, *Uma sombra no fundo do rio* e *O irmão da noite*. O segundo é o “Ciclo Citadino”, composto por *Chão vermelho*, e por fim, vem o “Ciclo Filosófico”, com as obras *O perereca*, *O grão de mostarda*, *A morte do homem eterno*, *A cidade sem sol e sem lua* e *Bilhete a minha filha na noite de natal*.

O livro ora trabalhado aqui, *Chão vermelho*, fora publicado em 1956 e considerado por críticos literários e por estudiosos, como Nelly A. de Almeida (1985, p. 17), como uma das mais belas obras de Brasiliense. Por ela recebeu críticas e elogios literários de grandes nomes do meio literário, como de Jorge Amado, Adonias Filho e Anatole Ramos. O livro pertence ao “Ciclo Citadino” do autor, mas não deixa de promover relações com temas alheios a urbe, integrando-os ao núcleo regional, porém sempre se prendendo ao universo da cidade como construção humana, marcada pelo sangue de seus verdadeiros construtores e não apenas planejadores.

Para Heloisa Helena de Campo Borges, o livro é, e nos mostra, a “construção literária do nascimento de Goiânia. Seguindo ações e sentimentos das suas personagens, o leitor pode acompanhar as peripécias da fundação de uma cidade: o trabalho, a esperança, as decepções.” (BORGES, 2002, p. 35). Por meio da narrativa e das reflexões de Joviano, que se põe a assuntar e a cismar sobre a cidade vamos conhecendo aspectos da construção e da mudança da capital.

O romance conta-nos, através de narrativas compostas por diálogos entre seus personagens, o dia a dia de uma cidade que estava nascendo. O livro está dividido em 33 capítulos numerados e sem título, e, em cada um desses se encontra um tema, uma abordagem diferenciada dessa cidade que aflora no meio do cerrado, geralmente expressando a visão de um personagem sobre a urbe e representando setores diferentes da sociedade, ora do trabalhador na construção civil, ora do filho de operário que estuda pensando em ser médico, ora de um médico que exercita sua profissão na capital.

Os personagens, na sua maioria, são pessoas pobres, humildes e preocupadas com o seu futuro, mas existem aqueles também pertencentes à elite, embora, nem sempre, expressando os pontos de vista dessa. Personagens esses que se preocupam com a vida escolar

dos filhos, com a poluição, com a política, com o rápido crescimento da cidade e suas consequências, como o aumento da marginalidade e criminalidade. O livro conta, também, através dos personagens jovens, o cotidiano boêmio, noturno, com suas festas e dramas, permitindo assim fazer uma reflexão sobre a vida boêmia das pessoas daquela época.

O enredo de *Chão Vermelho* é marcado por falas de personagens como Joviano, que era operário nas obras da capital e vivia na vila operária. Jove, como também era chamado, é de família simples, casado com Dona Fia e pai de três filhos: Binduca, ainda criança, Toninho, jovem que sonhava em se tornar médico e Santinha, casada com Doutor Ferreira, um médico conhecido e respeitado por todos na trama. A figuração em torno da família de Jove se passa por meio de conversas, recepções de amigos em casa, saídas de Toninho com sua namorada Noêmia, que pertencia a uma família rica de Goiânia.

Além da família de Jove, deparamos com outros personagens como Sancho, que era militar; Terêncio, um senhor simples que no desenrolar da trama vem a falecer por contaminação da água; Joaquim, amigo de Joviano, que foi tentar a vida em São Paulo, mas voltou para Goiânia, e vários outros personagens que, no decorrer do enredo, vão dando sentido a história.

Dessa forma, em suma, a obra de Brasiliense aborda a cidade de Goiânia jovem e o cotidiano das pessoas naquele momento. Com isso a violência, muito mostrada no livro, é uma questão que, desde a década de 1950, em sua afirmação como “cidade grande”, Goiânia já enfrentava. A violência retratada no decorrer da obra é vista como uma questão rotineira nas ruas da cidade, ainda jovem, mas que já sofria com a marginalidade e os atos de vandalismo, que as grandes metrópoles enfrentam.

Assim como hoje, os desastres naturais descritos na obra, apesar de fictício o enredo, são mostrados, como a chuva e as enchentes que causavam estragos naquela época, provavelmente provocados pela falta de infraestrutura ou por sua inadequação e organização em alguns pontos críticos da cidade. Pontos esses em que a dita modernização ainda não dava passos tão largos, como em outros tão aclamados. Vejamos um trecho onde Brasiliense nos remete a esse assunto, como ao mencionar as margens do córrego Botafogo:

[...] Havia passado pelas margens do Botafogo, onde a chuva fizera estragos de espantar. Muitas casas haviam caído, famílias inteiras no tempo. Dois armazéns marginais foram levados pelo córrego açulado pelo aguaceiro. Uma multidão de curiosos entupia a passagem para a Avenida Anhanguera, onde os desabamentos foram maiores. A polícia impedia que espertos se aproveitassem da confusão para levar restolhos dos armazéns destruídos. Descera um pouco para ver se havia feridos ou mortos. Nenhuma vítima. Um lote inteiro tinha sido esburacado pelas águas, nenhum vestígio da morada que ali havia. (BRASILIANSE, 2002, p. 152-153).

O trecho revela como muitos aspectos da cidade planejada escapavam às políticas empreendidas na construção de Goiânia. Se se lembrarmos que a urbanização do Córrego Botafogo, e a inauguração da via Marginal, se deu apenas na década de 1990, é de se pensar que o que nos mostra *Brasiliense* foi uma experiência vivida cotidianamente pelas pessoas durante os períodos de chuva. A cidade planejada, que passava por cima do córrego com seus viadutos e pontes, não dava conta de resolver muitos problemas que ficavam escamoteados sob o discurso de ideal, de progresso e dinamismo, passando assim, por situações que fugiam ao planejamento e às estruturas que foram realizadas.

Desta forma, a infraestrutura e a segurança são questões muito discutidas entre os personagens, os descasos dos policiais e dos governantes perante os problemas no entorno de Goiânia também são temas dessa obra. Ao referir à infraestrutura o autor vai criando imagens das situações e dos lugares onde havia um total descaso das autoridades em resolvê-los, como bairros não asfaltados, buracos em meio às ruas, falta de iluminação elétrica e outros elementos, que indicam que dito o “progresso” não chegara com a mesma velocidade que se dava nos bairros e ruas que formaram o plano piloto da cidade.

Ao mesmo tempo *Brasiliense* vai criando e apresentando seus personagens segundo preocupações da vida ordinária do homem trabalhador e com traços orientadores de sua ação no tempo e no espaço. O futuro, tema muito trabalhado por *Brasiliense*, é preocupação dos personagens, expressa ao tratar da vida educacional dos jovens, da importância de um filho passar no vestibular e ingressar em uma universidade, pois, a cidade, que vinha a ser a mais nova potência do Estado, e que era erigida como símbolo do progresso no centro oeste brasileiro, que veio desbravando o cerrado, deveria ter locais para formar a chamada elite intelectual goiana. Ou seja, o horizonte de vida de que trata *Brasiliense*, está assentado nos sonhos que a cidade modelo poderia permitir ao homem simples, e os ideais de “progresso” e “modernidade” se tornavam perspectivas fixadoras das pessoas que migravam para esse lugar, cheio de promessas de oportunidades de melhoria de vida, de viver uma vida diferente da que estavam acostumados, seja nas pequenas cidades, seja no campo.

Temas como a diversão, o lazer e entretenimento são assuntos muito trabalhados no decorrer da obra de *Brasiliense*, pois vistos como novidade, o diferente, e, enquanto tal, abordados de modo a oferecer orientações aos habitantes de como lidar com eles. A diversão e as noites em Goiânia eram bem frequentadas pelos jovens da época. Boates, bailes, cabarés eram os principais programas dos personagens que procuravam se divertir nas noites da cidade. Noites promissoras de possibilidades, apesar de “não serem tão longas” quanto

aquelas dos dias atuais – no sentido em que os jovens da época tinham, a maioria deles, a orientação da hora marcada por seus pais para que pudessem retornar para casa.

Mesmo assim, a diversão e o namoro eram garantidos, ainda que naquele período a juventude não ficasse até o amanhecer na rua em festas e bailes, isso porque a maioria deles tinham horários determinados para terminar, pois as moças da época tinham também a indicação orientadora em relação ao tempo de sua duração, dos horários marcados pelos pais para chegarem em casa.

Como se verá nos próximos capítulos, muitos outros temas, como a política e as eleições também tiveram seu espaço na obra, como as formas como os candidatos se expunham e os medos dos eleitores de assumir uma posição perante os partidos, que ficaram claros nas páginas desse enredo permeado de orientações para seus habitantes viverem a vida na capital. Dessa forma, a obra de *Brasiliense*, pode ser vista como um texto que, em suas representações, deixa entrever como foi o crescimento de Goiânia como a capital do Cerrado.

A questão da terra também é trabalhada pelo autor durante a obra. Ele discute a questão da representação entre o campo e a cidade, faz referências aos migrantes vindos do campo por conta da expropriação de suas terras. Percebemos no livro que grande parte da população de Goiânia vinha do meio rural e quando chegava à cidade não eram “ungidas por um modernismo que supostamente faria com que essas pessoas assumissem um discurso laudatório do progresso associado à modernidade” (ABREU, 2010, p. 68).

Outra questão muito importante no livro é referente à visão do trabalho. *Chão vermelho* apresenta um discurso no qual podemos perceber a valorização do trabalho e ao mesmo tempo o enaltecimento da luta para vencer no dia a dia as dificuldades de cada um.

O livro é, assim, um guia da vida em Goiânia daquele tempo, e ela aparece na obra não como uma referência geográfica, mas sim, como nos diz Adonias Filho (BRASILIANSE, 2002, p. 34) “como uma cidade que se humaniza ao contato do sangue de suas criaturas.” Desta forma, queremos mostrar no decorrer deste trabalho, essa Goiânia, humanizada pelo sangue de seus habitantes representados pelo autor.

Percebemos, então, que *Brasiliense* pode ser pensado como um narrador (BENJAMIN, 1985) das questões e experiências do povo goiano do tempo moderno contadas no romance. Recorrendo à memória, às reminiscências suas e de outros, bem como às suas próprias experiências e aquelas de outras pessoas, figuradas em seus personagens, relata episódios, mudanças e permanências do viver na cidade em construção.

A obra escrita em na década de 1950, lançada em 56, possui influxo dos tempos de Getúlio Vargas no poder, tanto do período de 1930 a 45, aos quais acessamos por meio das

reminiscências dos personagens, como as marcas da Marcha para o Oeste, quanto de 51 a 54, e suas políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da nação, dentre elas a busca de implantar uma indústria automobilística nacional e o incentivo à ocupação de terras do Centro-Oeste (ARAÚJO, 2009, p. 7).

Quando Brasiliense nos remete, logo nas primeiras páginas da história, ao personagem Joviano falando que “pouca gente conhecia a verdadeira história da mudança da Capital para Goiânia”, podemos, então, pensar nos projetos getulistas para o desenvolvimento do Brasil, calcados na Marcha para o Oeste e nos incentivos à ocupação de terras na região. Assim, obra foi escrita num período em que o Brasil vivenciava uma fase de volta a vida democrática (1945-1964), com o fim do governo populista e ditatorial de Getúlio Vargas e do Estado Novo, mas, também, de volta de sua pessoa ao poder, em 1951, e de sua permanência ali até 54.

Esse período do governo democrático de Vargas é aquele vivenciado como o presente pelos personagens de *Chão vermelho*. É momento de profundas transformações em diversas as áreas de existência da nação com políticas voltadas para a industrialização, para empreender a indústria automobilística, para abertura de investimentos internacionais e também de construção de cidades planejadas. Assim, vemos em *Chão vermelho*, alguns dos resultados desse processo de industrialização e modernização brasileiro refletidos na cidade de Goiânia, como a luz elétrica, a construção de usinas hidrelétricas, a menção aos insumos e máquinas agrícolas e outros.

Outro governo que podemos destacar na configuração do contexto de escrita e publicação da obra, diz respeito aquele de Juscelino Kubitschek (1956-61), iniciado no ano do lançamento do livro, e marcado pelas proposições de seu Plano de Metas e sua política desenvolvimentista, conseqüentemente, de construção da nova Capital Federal, Brasília, para qual, certamente, Goiânia serviu de inspiração e incentivo.

O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) traz a marca do aprofundamento da relação entre Estado e economia. Neste período, a indústria automobilística surge como o grande ícone da consolidação da indústria nacional. O Plano de Metas do Governo JK nesses cinco anos prevê investimentos maciços nas áreas de infra-estrutura (à produção de energia e ao transporte são conferidos 73% do total dos investimentos). (BRASIL, 2009, p. 4).

Dessa forma, percebemos que o cotidiano dos personagens de *Chão vermelho*, também recebe influências desse contexto de implantação no Brasil de uma indústria automobilística e, logo, do avanço do número de veículos em circulação, como tantas vezes

nos deparáramos com trechos em que aqueles nos remetem à presença de automóveis nas vias da cidade e ao aumento do tráfego de carros nas principais delas.

1.4 – *Eu vi Goiânia crescer* e Hélio de Oliveira

Como dito anteriormente, trazemos para complementar a reflexão e nosso estudo acerca da cidade de Goiânia na década de 1950, a fotografia como fonte complementar por meio das fotos de Hélio de Oliveira.

A obra fotográfica de Hélio de Oliveira, *Eu vi Goiânia crescer*, publicada em 2008, é uma coletânea de fotografias feitas pelo autor ao longo de sua vida de fotógrafo, por longo tempo oficial de governos diversos, e se ocupa também dos temas e lugares que remetem ao cotidiano da nova capital. Oliveira expõe suas imagens de Goiânia, já que o livro de fotografias visa contar a história do crescimento de Goiânia através de suas fotos.

Hélio de Oliveira também publicou o segundo volume de *Eu vi Goiânia crescer*, em 2014, e lançará, ainda, um terceiro com imagens aéreas da cidade e um quarto, com fotos antigas e atuais, fazendo uma comparação entre os locais goianienses e como eles mudaram desde a fundação da capital. (HÉLIO..., 2014).

Oliveira, que saiu de Goiânia na adolescência, indo para Uberlândia (MG), para estudar, após concluir os estudos, voltou à Goiás com uma nova paixão, a fotografia, e com uma máquina fotográfica nas mãos, como já estava acostumado a fazer fotos de amigos e pequenas festas em Minas, deu continuidade à atividade na capital goiana, acabando por sair da esfera de atuação como amador para aquela de profissional, inclusive atuando como fotógrafo oficial do governo do Estado, onde ficou por várias décadas e auxiliou na fundação da assessoria de imprensa do Palácio das Esmeraldas. Como repórter fotográfico foi pioneiro no fotojornalismo em Goiânia e, em 1951, quando o jornal *O Popular* passou a ser veiculado diariamente, se interessou pela vaga de fotógrafo e acabou ocupando o cargo por dez anos. (HÉLIO..., 2014).

O fotógrafo é assim descrito no *Programa Raízes – Jornalismo Cultural*:

Goiano Hélio de Oliveira, natural de Buriti Alegre, em 1935, mudou-se para Goiânia na companhia de seus pais. Cresceu acompanhando o desenvolvimento de Goiânia, e fez seus primeiros estudos em escolas particulares. Em 1950, exerceu a profissão fotografando reuniões sociais, atividades desportivas até que, no final de 1951, ingressou no jornalismo sendo contratado pelo jornal “O Popular”, como primeiro repórter fotográfico de Goiânia, permanecendo no cargo por 10 anos. (HELIO..., 2011).

Para além de sua inserção no mundo da fotografia e da imprensa periódica do Estado é fato importante sua atuação como fotógrafo oficial de vários governantes tanto na esfera estadual como federal.

Na mesma época começou a prestar serviços para o Governo do Estado, sendo o fotógrafo oficial dos Governos de Pedro Ludovico Teixeira, José Ludovico de Almeida (Dr. Juca), José Feliciano Ferreira, Mauro Borges Teixeira, interventor Meira Matos, Marechal Ribas Júnior e Otávio Lage de Siqueira (até a metade de seu mandato). Continuou trabalhando junto à área de comunicação do Estado até o 1º mandato do governo de Marconi Perillo quando se aposentou. Foi o primeiro fotógrafo a retratar o Presidente J.K. no sítio onde se ergueria a nova Capital do País, em 1956. Fotografou os primeiros grandes acontecimentos de Brasília, como as primeiras construções, a primeira missa, a inauguração oficial da capital, as primeiras visitas ilustres, sempre acompanhando os Governadores de Goiás. Foi o fotógrafo oficial da campanha de J.K. ao senado por Goiás, acompanhando-o por todo o Estado. (HELIO..., 2011).

Para nosso estudo da cidade em específico, Oliveira destaca-se pela produção de imagens da cidade:

Durante mais de trinta anos, antes do advento dos cartões postais coloridos, divulgou Goiânia fornecendo vistas da cidade para as bancas de jornal, atendendo também solicitações por carta de várias partes do país. (HELIO..., 2011).

O livro *Eu vi Goiânia crescer* é composto por 80 fotos que mostram imagens de diversos pontos da cidade que crescia cada dia. As fotos foram tiradas entre os anos de 1950 a 1968, período esse que Goiânia ainda crescia de forma triunfal conforme a aclamada marcha do progresso.

Nas fotos percebemos momentos de distração, de lazer ou entretenimento das pessoas em parques, o grande fluxo de veículos nas vias públicas, as pessoas circulando nas avenidas Anhanguera e Goiás, várias imagens de ângulos diferenciados do marco principal do poder governamental - a Praça Cívica, composta pelo Palácio da Esmeralda, em especial, sede do governo estadual.

Há, também, fotos da Praça Universitária e da Faculdade de Direito, o que remete a questão da cidade preparada ou buscando se preparar para formar e receber os intelectuais da época. O Teatro Municipal também retratado por Oliveira mostra esse espaço cultural voltado para as pessoas da elite goianiense, mas que também parece querer inserir Goiânia em um circuito nacional de arte e espetáculos. Com capacidade para 850 pessoas, foi inaugurado em

1942, por Pedro Ludovico, com peças de teatro e filmes, apresentando assim a aspiração da cidade a ser também uma capital artística e cultural.

O autor, assim, compôs seu acervo de fotografias, organizado em livro, de forma a mostrar uma evolução de Goiânia, e ao mesmo tempo, deixando entrever a construção subjacente de uma vocação, como se verá no próximo capítulo, da cidade para a grandiosidade. As fotos em grande plano e as diversas aéreas expressam a leitura que Oliveira foi realizando da cidade com sua câmera. É possível dizer que ele desejou que a cidade fosse e seja vista como fruto de um rápido crescimento, pois se percebe nas fotos aspectos como asfalto em bairros, prédios, monumentos, muitas casas, pessoas bem arrumadas, trabalhadores risonhos sobre grandes obras. Em fim, Oliveira parece querer mostrar uma cidade que é a cara do progresso.

Portanto, tanto Hélio de Oliveira como Eli Brasiliense, em especial, com seu personagem Joviano, são narradores (BENJAMIN, 1985) dos acontecimentos da modernidade goiana centrada na construção da capital e no novo viver de seus habitantes, sobretudo das classes populares, heróis da vida minguada e escassa em meio às aclamações do progresso e do desenvolvimento. Joviano, o narrador de tantos episódios por ele observados ou “ouvidos dizer”, nos conta sobre seu presente, mas também nos remete ao passado por meio das reminiscências, e, ainda, planeja o futuro, nele depositando esperanças.

Oliveira, por sua vez, com suas lentes atentas, registra momentos diversos, desde obras variadas como de construções acabadas, nas quais o sangue e o suor de tantos trabalhadores fora consumido. Muitos fatos e acontecimentos que foram também narrados pelos personagens de Brasiliense. Desse modo, Brasiliense e Oliveira, ao escrever e clicar foram deixando registradas memórias de acontecimentos múltiplos, memórias que neste trabalho se tornam histórias e nos ajuda a reconstruir e interpretar a experiência humana na nova capital.

Por fim, percebemos que os livros tanto Hélio de Oliveira como Eli Brasiliense, – um fotográfico e outro literário – são lugares de memórias (NORA, 1993) dessa cidade e sociedade, pois guardam e armazenam acontecimentos e fatos do tempo do nascimento e crescimento da capital, que hoje é a mais importante cidade do Estado de Goiás, seu centro político e sede de todas as decisões públicas da unidade federativa. Cidade essa que até hoje tem voltado para ela os olhos de todo o povo goiano.

CAPÍTULO II

O NASCER DE UMA CIDADE E SUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DE VIDA

Neste capítulo voltamos à busca de uma contextualização da cidade, que é contada, na década de 1950, como um grande canteiro de obras e com uma população extensa por Eli Brasiliense, em *Chão vermelho*. Nesse sentido, realizamos um breve apanhado sobre o processo de ocupação e crescimento daquele que viria, posteriormente, a ser o Estado de Goiás, passando aos discursos mudancistas da capital, que até então se localizava na cidade de Goiás, e à sua transferência para a tão sonhada Goiânia. Assim, trazemos um histórico desta cidade, desde os primeiros embates discursivos para sua construção até chegar à inauguração, passando pelos discursos utópicos de Pedro Ludovico e findando com a urbe do decênio de 1950 na qual focamos nossa análise.

2.1 – Da Capitania ao Estado de Goiás – num breve sobrevoo

Ao tratar da história e formação do Estado a historiografia goiana aponta que desde início da colonização diversas bandeiras, expedições exploratórias, percorreram esse território, mas que seu povoamento apenas ocorreu no século XVIII devido o descobrimento das minas de ouro. Essas expedições seguiam os trechos dos rios Paranaíba, Tocantins e Araguaia, e “vários arraiais surgiram às margens dos rios propícios à mineração.” Conforme Nasr Fayad Chaul (1997, p. 28), é comum dizer que foi Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que “descobriu” Goiás, pois, “após seis meses de viagem de São Paulo ao sertão goiano, onde vinha pela terceira vez, fundou em 1726, às margens do Rio Vermelho, o Arraial de Sant’Anna, mais tarde Vila Boa, que viria a ser a capital da futura capitania de Goiás”.

Vários centros de garimpos se formaram durante o século XVIII por todo o território da capitania e na região que dava acesso a São Paulo se concentrou diversos arraiais como de Santa Cruz, Santa Luzia, Meia Ponte, Jaraguá e Vila Boa. Outra região povoada se concentrava ao norte, a caminho do Maranhão, com os arraiais de Traíras, Água Quente, São José, Santa Rita e Muquém. E na região com as fronteiras baianas tinha os povoados de Arraias, São Felix, Cavalcante, Natividade e Porto Real.

O restante do território era quase despovoado. Desde 1772 esse território fizera parte da capitania de São Paulo até 1749, quando se tornou independente, passando a chamar Capitania de Goiás, e tendo por sua primeira capital a Cidade de Goiás, antiga Vila Boa, que

desde esse período fora vista inadequada para ocupar esse posto. No entanto, foi com os avanços alcançados pelo Estado, nos primeiros anos do século XX, que ressurgiu o discurso da necessidade de mudança da capital e a ideia de transferência, que desenvolveu a partir de interesses econômicos e sociais da época.

Dirigidas por Pedro Ludovico de Teixeira essas propostas se sustentavam na ideia de que uma capital para o Estado necessitava de uma melhor localização, de forma a integrar um território que era muito grande.

2.2 – Pedro Ludovico e Outros “Pais” da Ideia de Uma Nova Capital

Neste tópico focamos a figura de Pedro Ludovico, um dos principais idealizadores da nova Capital, Goiânia, bem como a de outros que defenderam e propagaram a ideia de uma necessária mudança da capital da província e, posteriormente, do Estado. Assim percebemos que outros políticos que antecederam Ludovico, que desde o século XVIII, já se consideravam a necessidade de transferir a capital da cidade de Goiás. Porém, pode-se se dizer que fora Ludovico que constituiu as ferramentas para que esse antigo anseio se tornasse concreto. (MEDEIROS, 2010, p. 37).

Segundo Monteiro (1938, p. 19) Pedro Ludovico tinha a ideia da necessidade da mudança da capital desde menino quando estudando geografia notou que a população da capital de Goiás era três vezes menos que a de Cuiabá, a menos populosa das outras capitais brasileiras. A seu ver a principal causa dessa situação estava atrelada a necessidade de transferir a capital para outro ponto do Estado, local mais acessível. Já durante sua juventude no Rio de Janeiro, onde cursava medicina, edificava planos com essa finalidade (MEDEIROS, 2010, p. 41).

Mas essa ideia não era nem um pouco novidade, outros administradores e governantes da Capitania já apontavam a necessidade de transferência da capital para outra localidade. Outros atores políticos também disputam a “paternidade” da cidade de Goiânia, como Getúlio Vargas e sua sonhada e propagada Marcha para o Oeste. Porém, Pedro Ludovico é considerado, em geral, como o idealizador do projeto de construção e transferência da capital.

Conforme Alcir Lenharo (1986) a política da Marcha para o Oeste, visava ocupar áreas do território brasileiro ditas “vazias” e

A construção da “Marcha” atina para a imagem da nação em movimento à procura de si mesma, de sua integração e acabamento. O movimento de conquista, de expansão; visa estimular a sensação de participação de todos na política, na qual, por sinal, os canais institucionais de participação

coletiva se encontravam vedados. O alargamento do território nacional, obra dos trabalhadores, operava com a ideia de conquista do espaço físico, de modo a que todos, simbolicamente, se sentissem coproprietários do território nacional. (LENHARO, 1986, p. 15).

Realizando uma busca acerca dos possíveis “pais” da cidade de Goiânia, poderíamos investigar, primeiramente, em terras goianas, a ação dos Caiados. Chaul (1999, p. 28), afirma que os Caiados implementavam uma política coronelista no Estado; sendo “absoluto, mas volúvel, o poder dos Caiado se fazia presente na hora e no lugar certos.”

Joaquim Rosa (1978) também cita a intervenção dos Caiados nas instâncias de poder do Estado, quando diz:

Caiado mantinha-se firme nos arreios com um pé seguro no estribo de sua forte personalidade, manobrando as várias peças da engrenagem de que dispunha. A administração nomeando, desnomeando, demitindo, transferindo, processando. A ação policial através dos delegados civis e militares, com poderes semelhantes aos do famoso 007 do cinema moderno, quando usavam uma arma de fogo. A omissão ou convivência do Poder Judiciário, do Juiz municipal ou desembargador. O enternecedor aulicismo de um congresso estadual, com sua Câmara ou Senado. (ROSA, 1978, p. 63).

Portanto, percebemos que os Caiados “dominavam” a política no Estado e para Chaul (1999 p.29) o meio fortemente usado por eles foi a violência – a violência física, que afugentava o fraco, desprezava o forte e acorrentava as consciências – como forma de eliminar e/ou afastar correntes ou grupos opositores que ameaçavam seu domínio coronelístico, fundamentado, por sua vez, no controle sobre a terra, e estendendo-se aos que nela trabalhavam.

Mas os Caiados eram contra a entrada e o avanço de correntes ideológicas que poderiam influenciar o povo e fazer que esse se revoltasse contra seu poderio. E em relação à questão da nova capital, que poderia ser construída, levantaram diversas batalhas políticas com os Ludovicos, que queriam implementar no Estado a política idealizadora do progresso. Assim, os Caiados não poderiam ser considerados um dos possíveis “pais” da nova capital que viera a ser construída, seriam, ao contrário, um grupo de embate político, que dominavam de forma violenta, oligárquica e coronelística o Estado de Goiás.

Ainda em busca de outros nomes que impulsionaram a construção da capital, nos deparamos com Couto Magalhães, que foi presidente da província de 1863 a abril de 1864, e já em 1863, expressara o desejo de transferir a capital de Goiás para um local mais adequado ao dizer que “Goiás não só não reúne as condições necessárias para uma capital, como ainda reúne muitas para ser abandonada” (MAGALHÃES apud PALACÍN, 1976, p.13).

Seguindo essa ideia, conforme a *Revista do Arquivo Histórico Estadual* (1984, p-10), “a 1º de Junho de 1891, os constituintes goianos oficializaram a ideia da transferência da capital no texto constitucional, ratificando-a na reforma de 1898, como na de 1918.”

Mas, mesmo antes do século XIX, Couto de Magalhães, D. Marcos de Noronha, o Conde dos Arcos, primeiro governador da capitania de Goiás, logo ainda no século XVIII, já expressava que a capital estava localizada em espaço inadequado do território goiano. Foi ele o primeiro a querer transferir a capital, mas a ideia não foi aprovada “uma vez que a mudança implicaria gastos com a construção de edifícios públicos que o governo não estava disposto a bancar” (MACHADO, 2007, p.54).

No entanto, diversos outros políticos também viram e apontaram a necessidade de transferência da capital, alegando motivos de localização em relação ao restante do país, ao clima, ao solo e à sua própria localização dentro do território goiano. Alguns ainda alegavam que a capital de Goiás estava abandonada e que seus moradores estavam saindo da cidade para outros centros urbanos que estavam se formando dentro do Estado, como Catalão e Morrinhos.

2.3 – Goiânia – Uma peça na Marcha para o Oeste e na Disputa pelo Poder

Para discussão neste item, trazemos os estudos de Nasr Fayad Chaul, *A construção de Goiânia e a Transferência da Capital* (1999) e *Marchas para o Oeste* (2000), que tratam da história de Goiás e a história de Goiânia. Goiânia é fruto de um grande marco do período, reflexo da política expansionista de desbravar o interior do Brasil, denominada como a Marcha para o Oeste.

Aprofundando a contextualização do processo da política da Marcha para o Oeste, Lenharo (1986) esclarece que:

A “cruzada” da Marcha para Oeste, seja no plano discursivo, seja no plano das justificativas administrativas, constitui um precioso exemplo de fabricação de imagens. Elaborada crucialmente na virada do ano novo de 38, pouco depois do golpe, e retrabalhada cuidadosamente nos anos seguintes, a Marcha para Oeste foi calcada propositalmente na imagem da Nação que caminha pelas próprias forças em busca de sua concretização. (LENHARO, 1986, p.15).

Essa Marcha fazia parte do plano de governo do então Presidente da República, Getúlio Vargas, que visava “modernizar” todo o país. Mas para Goiás um marco do chamado progresso fora já a chegada da Estrada de Ferro que começou a ser instalada em 1911 no Estado, para explorar o trecho até Catalão e visando atingir Palmas bem como com o objetivo

de ligar a cidade de Goiás, então capital, a Cuiabá. Até a década de 1950 a Estrada de Ferro Goiás já percorria seus 480 quilômetros de extensão.

A penetração da Estrada de Ferro é um processo complexo que permite a passagem da frente de expansão à frente pioneira. A frente pioneira é um empreendimento econômico que penetra em meios não capitalistas através de empresas ferroviárias, comerciais, bancárias etc. ela permite a passagem da produção de excedentes para a produção de mercadorias. (CHAUL apud SILVA, 1999, p.23).

A Marcha para o Oeste abriu novos caminhos para o Estado de Goiás, principalmente economicamente. A expansão dessas “fronteiras deram a Goiás um sentido de marcha, um rumo de formação ou um limite de fronteiras” (CHAUL, 2000, p 113). Com a expansão da ferrovia rumo ao oeste houve um desenvolvimento da produção cafeeira que impulsionou a economia goiana. Mas a Marcha proposta por Getúlio Vargas, não intentava impulsionar o Estado apenas na economia, mas sim em demais outros aspectos, inclusive urbanos. Para isso ainda faltava no Estado de Goiás um marco maior para a concretização do progresso, que era, para o Presidente, a construção de Goiânia e a transferência da então capital da cidade de Goiás para a nova cidade.

Esse projeto foi desenvolvido e avançou durante os anos de 1930 e seguintes. Para Getúlio Vargas, Goiânia seria o símbolo maior da Marcha para o Oeste e seria “o símbolo Brasil grande, do novo, do progresso, que levava o Estado de Goiás a sair do marasmo político-econômico, além de representar o novo tempo que se estruturava nos horizontes nacionais” (CHAUL, 2002, p.123).

Essa ideologia da Marcha para o Oeste, veiculada por Vargas, que tinha Goiânia como seu principal símbolo, produziu vários discursos disseminando essa ideia país a fora. Chaul cita uma passagem a cerca desses discursos publicadas na *Revista Oeste*, em 1938:

Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos do Brasil Novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num só corpo e num só espírito, do Brasil que coordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e nobres do Brasil que se ergue do berço esplêndido e começou, já, a cavalgada da glória. Goiânia é, assim, a espécie de cadinho, em que se cozem e purificam nossos vários caracteres. Nela, mais que em outro ponto qualquer, se encontram os dois Brasis – o do litoral e o do sertão -, nela se está formando a célula do Brasil integral... para todo o Brasil, Goiânia adquire uma fisionomia inconfundível e a sua posição se delinea sob o ponto de vista nacional, verdadeiramente a conquista do Brasil pelo Brasil, isto é, a Marcha para Oeste era um intuito inicial, um propósito básico. E Goiânia foi a manifestação prática desse movimento profundo de nacionalidade. (CHAUL apud FIGUEIREDO, 2000, p.123-124).

Portanto, com todo esse processo, também podemos dizer que Goiânia foi fruto da imaginação utópica da ideologia varguista proposta pela Marcha para o Oeste, que introduzia assim a modernidade e o progresso no Estado, retirando-o do mencionado marasmo que se encontrava. Ainda podemos dizer que a mudança da capital fora um ganho político da época, representando uma melhora na economia e afirmando o poder do Estado central com suas ações pelo país. Para Chaul (2000, p.124) Goiânia sustentava a imagem de modernidade, mas continuou sendo, por muitos anos, a capital do sertão, a fronteira do cerrado.

2.4 – Construindo a Ideia da Mudança da Capital à Própria Edificação da Cidade

Com o crescimento e desenvolvimento do Estado e “após um longo período de isolamento, quando predominou a atividade agropastoril, o Estado de Goiás começou a se integrar à economia nacional” (PEREIRA, 2002, p. 47). Gestou-se um ideário acerca da necessidade de uma nova capital; “mudar a capital de Goiás foi algo que, por muito tempo, perdurou como puro desejo” (MEDEIROS, 2010, p. 38). Para Medeiros (2010), Pedro Ludovico há muito idealizava fundar uma cidade onde hoje se encontra Goiânia, pois contava: “quando estudante passava por lá a cavalo, e sempre achei um lugar maravilhoso para se edificar uma cidade moderna”.

Com o passar dos anos, os discursos mudancistas foram adensando e ficando mais fortes e neles Goiânia teria de ser edificada como um símbolo do progresso que chegava ao Estado. Para Eugênio Resende Carvalho,

tal ideologia do progresso vinculava-se no âmbito nacional à ideologia ditada por Getúlio Vargas, expressa em sua política da Marcha para o Oeste, que pregava a ocupação e integração de regiões então marginais do interior do Brasil, [...] a promessa do desenvolvimento e do progresso constituía-se assim num poderoso elemento legitimador da revolução e justificador da permanência de Pedro Ludovico no poder. (CARVALHO, 2002, p. 160-161).

Com esse aclamado avanço, “do desenvolvimento e do progresso”, a velha cidade de Goiás, com seus traços coloniais e estrutura urbana precária, não poderia mais ser então a capital do Estado. Goiânia passava, então, a ser o horizonte máximo desse progresso imaginário que se aproximava e chegava ao centro-oeste brasileiro. “Goiânia seria reivindicada então em nome desse progresso, ou, nas palavras de Pedro Ludovico, ela era a ‘chave do progresso do Estado’, simbolizava ‘o começo de solução de todos os demais problemas’, a chave de um futuro grandioso” (CARVALHO, 2002, p. 161- 162). Segundo

Raquel Simão Victoi (2013, p. 62), Goiânia se constrói envolvida pelo discurso da Marcha para o Oeste como símbolo de um amplo processo de modernização regional e nacional.

Mas essa ideia de mudança da capital do Estado para um novo local já vinha sendo discutida há muito tempo, como dito antes. Logo após as “transformações políticas produzidas no Estado pela Revolução Liberal de 1930” (REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL, 1984, p-9) e, também, por outros governadores antes de Ludovico, lá “pelos anos de 1754, o então governador Conde dos Arcos observava ao soberano português a deficiência climática e as difíceis comunicações de Vila Boa, sugerindo a mudança da capital para Meia Ponte (atual Pirenópolis)” (CHAUL, 1997, p. 66). E houve também outros que defenderam o discurso mudancista por outros motivos. Em 1830, o

segundo governador de Goiás, o Marechal de Campo Miguel Lino de Moraes (1827-1831), manifestava-se favoravelmente à mudança, porém, para o Norte, proximidades de Água Quente (Niquelândia), região mais povoada e de comércio mais franco. (REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL, 1984, p. 9).

A chave mestra inicial dos discursos de mudança da capital fora o argumento de desenvolver o Estado de Goiás. Podemos ver na introdução do “Relatório de Pedro Ludovico a Getúlio Vargas (1930 a 1933)”, de 1933, o desejo e sentimento de tornar o Estado mais rico.

As formidáveis reservas naturais de que Goiaz é dotado dão a quem o dirige a esperança de, dentro de tempo não muito remoto, ver este Estado situado economicamente entre os primeiros do Brasil. Quatro administrações honestas e realizadoras o farão caminhar vertiginosamente na senda de um futuro promissor. Esta dádiva generosa, com que Deus nos brindou, precisa de obreiros diligentes que a movimentem para as suas brilhantes finalidades. Modesto embora, seremos um deles, desejoso de impulsionar esta vasta unidade federativa na rota de suas alevantadas conquistas. (TEIXEIRA, 2010, p. 15).

No referido relatório Ludovico faz um apanhado geral sobre situação do Estado de Goiás naquele momento, identificando diversos problemas e ao mesmo tempo apresentando soluções a eles. Diversos pontos são abordados no relatório enviado ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, como: Educação, Navegação Fluvial, Colonização, Serviços Sanitários, Força Pública, Força de Luz da Capital, Justiça e Mudança da Capital.

No capítulo em que Ludovico trata da mudança da capital do Estado, ele procurou estabelecer um discurso lógico, comparando-a à construção de Belo Horizonte, para provar seus argumentos: “exumarei galvanizar a velha ideia da mudança da sede dos poderes públicos estaduais para o local bem escolhido, que possibilite a formação de uma verdadeira capital” (TEIXEIRA, 2010, p. 117).

Segundo Wilton de Araújo Medeiros (2010, p. 51) a

ideia da mudança da capital e a necessidade de se transferir a capital para outro ponto do Estado devido à decadência da mineração de ouro não era nova. A novidade, assim, não era a ideia da mudança em si, mas a sua ressignificação por meio de uma conjunção de fatores que, em última análise, propunham-se a razão de ser Estado.

Para os partidários da revolução outubrista de Getúlio Vargas, a cidade de Goiás era expressão de atraso e do isolamento do Estado. Por isso, no capítulo onde Ludovico destina a tratar do projeto de mudança, ele deixa claro que a cidade não tinha mais condições de ser a capital. Francisco Itamim Campos (2002, p. 174-176) mostra os pontos principais dessa argumentação, os quais foram extraídos do “Relatório”, acima mencionado, enviado ao governo central. Primeiro podemos destacar dois aspectos relativos ao espaço físico, natural:

- a) Sítio: “Situada em meio de uma bacia, conquanto sobre terreno acidentado, cerca de altos montes que a comprimem em diminuto âmbito, embaraçando-lhe a regular ventilação, estreitando-lhe, demais, o horizonte visual”;
- b) Clima: “Castigada por excessiva temperatura graças à sua baixa latitude [...], não corrigida pela altitude ou por causas locais [...]. A casa habitada [...] de Goiaz, longe de proporcionar ao homem os meios de tornar mais fácil a vida e de furtar à plenitude da ação entorpecente da elevada temperatura média local, como que colaborava com ela no esforço de fazer inhabitável a cidade de Goyaz” (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p. 174);

Campos (2002, p. 174-5), traz em seguida as considerações em relação ao Homem goiano:

- c) Homem: “Pela poderosa influência do meio na mentalidade dos homens, estreitando os horizontes e embargando os impulsos de engrandecimento [...] Contam-se às dezenas nesta Capital, os infelizes classificáveis no extenso grupo patológico dos débeis mentais, desde imbecis natos até os cretinizados pela miséria física ou por outras causas degenerescentes, congênicas ou adquiridas, os quais, como verdadeiras máquinas, se esbofam nos trabalhos caseiros das famílias que os acolhem.” (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p.174-175).

Outros aspectos abordados no “Relatório” referem-se aos serviços de infraestrutura básica.

- d) Abastecimento de água: “o problema de abastecimento de água permanece insolúvel, tal como em 1890, tal como sempre. [...] Toda a água potável, consumida pela população da Capital, é transportada na cabeça em potes, e fornecida pelas únicas e podres fontes existentes.”
- e) Rede de esgoto: “Como pode uma cidade ser limpa, higiênica, habitável sem possuir um sistema de galerias subterrâneas para o escoamento dos detritos, águas servidas e matérias fecais?”
- f) Habitações: “As habitações da cidade de Goyaz [...] aberram de todos os princípios de higiene e de todas as utilidades de conforto. Noventa e oito

por cento da população da capital dorme em alcovas bafientas, que nunca recebem sol e em que jamais entra luz diretamente do exterior”. (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p. 175).

Por fim, são mencionados os aspectos econômicos:

g) Decadência: “O fato que demonstra, de modo inexorável, a incapacidade do desenvolvimento, ou antes, a decadência invencível da cidade de Goyaz, é o seu índice de construções. De 1890 ate 1914, Goiaz, não chegou a construir, em média, uma casa por ano. E de 1914 a 1932, apesar do advento do automóvel e da lenta mais registrável melhoria operada na situação econômica do Estado por influência da Grande Guerra, a média de construções na cidade de Goyaz não passou de uma e meia casas por ano [...]. Basta acrescentar que até na população tem havido decréscimo sensível. Em 1890, a população da cidade de Goiaz atingia 10 mil almas. Em 1932 [...] a sede deste município tinha apenas 8256 habitantes”. (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p. 175-6).

Após essa crítica à situação da atual capital do Estado, Pedro Ludovico apresentou a solução, que seria mudança da sede do governo. Para ele, o governo não iria construir uma nova cidade, mais sim fundar uma cidade para ser a nova sede dos poderes estaduais.

Enfim, portando, em vários momentos pelos quais Goiás passou, desde o início de sua colonização, da exploração do ouro, de glórias na economia, até a decadência aurífera, a ideia de mudança da capital esteve presente nos discursos dos governantes. Ou seja, o discurso mudancista já vinha sendo definido no mundo colonial, mas a sua realização somente se deu no momento em que a República brasileira se estruturou nas mãos de Vargas. Nesse momento, esse foi um discurso vitorioso, pois Goiânia teve, assim, sua construção iniciada e, a partir desse processo, foi pensada, por alguns autores, como expressão da ruptura com a decadência, justificativa da Revolução de 1930 em Goiás, como o símbolo do progresso e como um sonho, uma utopia:

A construção de Goiânia e a transferência da capital podem ser vistas sob alguns aspectos que passamos a enumerar: primeiro como uma estratégia de poder de Pedro Ludovico [...] que tinha na mudança da capital uma forma de consolidar seu poder político, uma vez que, de 1930 a 1937, no Brasil, tudo era provisório; segundo: Goiânia, mais que uma capital para Goiás, era uma capital para o Sul e o Sudeste, à medida que permitiria uma inserção de Goiás na economia de mercado; em terceiro lugar, uma nova capital seria de suma importância para o processo de acumulação capitalista no Estado; por fim, Goiânia representaria a consolidação da frente pioneira na região, servindo de trampolim para a conquista e a viabilização capitalista da Amazônia. Tudo isso foi feito em nome do progresso, ou seja, da visão burguesa do progresso. (CHAUL, 1997, p.163-164).

Essa mudança da capital significava ganhos políticos em vários aspectos, não só para Pedro Ludovico, mas também para Getúlio Vargas, que apoiou a construção e mudança da

capital, como também um ganho para o Partido Social Republicano – partido do então governador, Pedro Ludovico. Em seus discursos Ludovico representou Goiânia como uma conquista muito elevada para a política da época:

Se, construindo Goiânia, outubristas tiveram como propósito criar as bases para sua afirmação política e assentar mecanismos de aceleração da expansão capitalista na região, Getúlio Vargas, ao apoiar a construção de Goiânia, ampliava o projeto, colocando Goiânia como base de uma conquista maior. (CHAUL, 1997, p. 87).

Na busca de atingir essa “conquista maior”, foi montada uma Comissão de Estudos do Local. Sob o Decreto nº 2737 de 20 de Dezembro de 1932, Pedro Ludovico instituiu a Comissão para investigar o lugar onde deveria ser construída a nova capital do Estado. A Comissão entregou o relatório completo ao governo em 4 de março de 1933, e a partir daí ficou escolhida a região em que seria edificada a nova capital.

Em 6 de julho de 1933, sobre o decreto nº 3547, foi elaborado o Plano Diretor da cidade sob responsabilidade do urbanista e arquiteto Atílio Corrêa Lima. Segundo o Plano:

A cidade seria dividida em setores (central, norte, sul e oeste), que ainda se subdividiam em zonas, conforme funções. Assim haveria zonas de trabalho (comercial, industrial); de residência; de educação; de política (centro cívico); de religião; de diversão; de transporte (rodovia, ferrovia, ruas, estacionamentos); de esporte; de assistência médica; de distribuição policial; de defesa militar, dentre outras. (CAMPOS, 2002, p-178).

Em 24 de outubro de 1933, em missa campal realizada às margens do Córrego Botafogo, foi lançada a pedra fundamental para a futura capital do Estado. A cerimônia, segundo a Ata da solenidade, contou com inúmeras participações políticas da região, do Estado e representantes do Governo Federal. Em discurso durante o ato, Pedro Ludovico ressaltou a importância desse empreendimento:

[...] o projeto é o mais grandioso de minha administração, a que estou dando todo o vigor do meu querer, toda a força do meu idealismo, rompendo com a tradição e a rotina todo o entusiasmo proveniente de uma ideia sadia e que, por si mesma, se impõe. Não vi obstáculos para a sua realização. Desgostei velhos amigos ao protegê-la e ao levá-la avante. Pus em jogo meu prestígio político, contrariando o desejo da maior parte de uma população que representa a intelectualidade do Estado, pois, são sempre as capitais os cérebros que pensam e que dirigem. (REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL, 1984, p. 37).

Aqui podemos perceber o quanto a cidade era sonhada e inseria-se na ideologia política de Pedro Ludovico. Em um discurso, no qual ele próprio se exalta, mostra que a

sonhada Goiânia se tornaria para ele mais que um projeto, e sim uma glorificação pessoal e política.

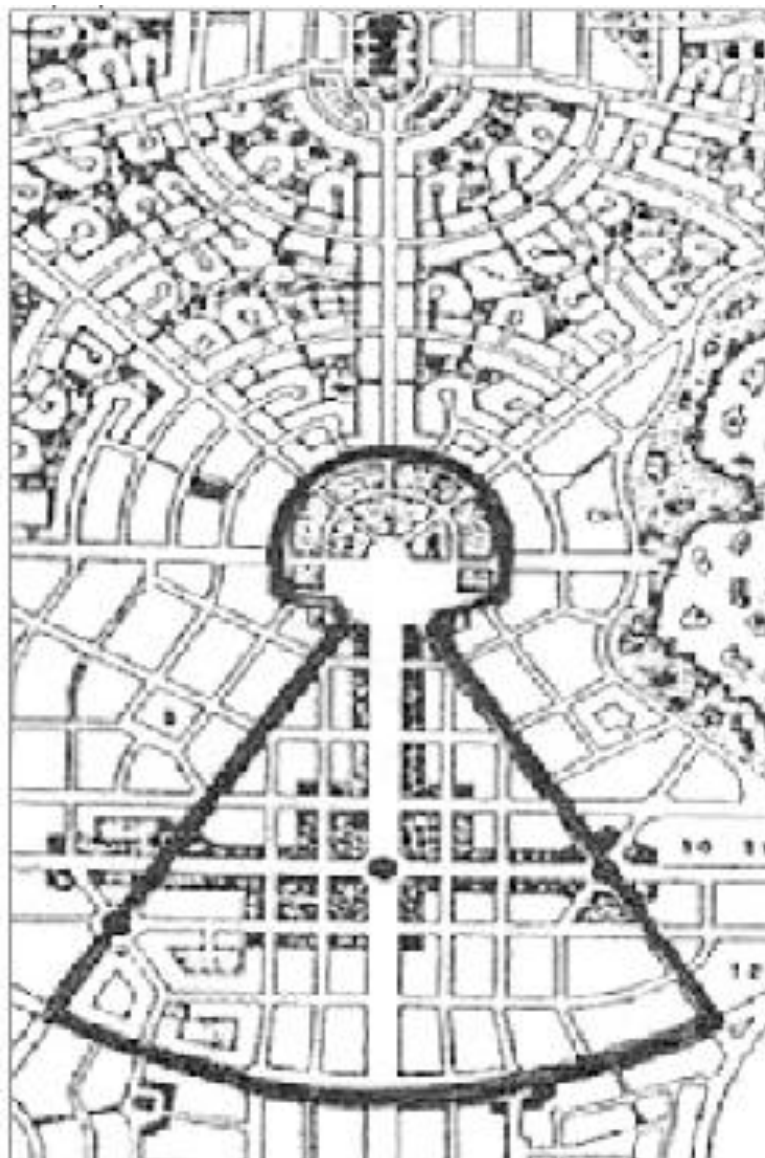
Então, a partir do lançamento da pedra fundamental iniciou-se a construção da nova cidade. Segundo o decreto de nº 3557, de 6 de julho de 1933, o Plano Piloto da cidade deveria ser entregue em um prazo de seis meses. Nesse Plano estavam previstos os edifícios: Palácio do Governo, Secretaria Geral do Estado, Diretoria Geral de Segurança e Assistência Pública, Palácio da Justiça, Palácio da Instrução, Quartel da Força Pública, Hotel com 60 quartos, Prefeitura e 20 casas para funcionários. Conforme o planejado as obras deveriam custar cerca de cinquenta e cinco contos de réis (55:000\$000). O mesmo decreto ainda previa que, junto a essas obras, deveria ser entregue também a infraestrutura básica da cidade. Esse Plano Piloto de Goiânia formaria, em seu mapa, ao centro, a figura do manto de Nossa Senhora, e a Praça Cívica, onde se situa a sede do governo, seria a coroa da Santa. O projeto da cidade, como já dito, foi elaborado pelo arquiteto Atílio Correa Lima, e sua finalização teve algumas mudanças como afirma Patrick de Almeida Vieira (2011, p. 64), em seu estudo sobre o plano original do arquiteto e a planta final da cidade de Goiânia que foi construída.

Figura 01: Planta final da cidade de Goiânia



Fonte: Patrick de Almeida Vieira, 2011, p.64.

Figura 2: Planta de Goiânia – Destaque da Imagem de Nossa Senhora



Mas o dinheiro e as terras para a construção de Goiânia vieram de onde? Segundo Chaul (1997, p. 93), em seu livro *A construção de Goiânia e a transferência da capital*, “a maioria das terras obtidas o foram ou através de doações ou de compras”. Doações de pessoas ou mesmo da prefeitura da cidade de Campinas. Verbas vieram também do Governo Federal, pois, como dito antes, a nova capital era ainda de interesse do Governo de Getúlio Vargas. Em “Relatório” enviado por Pedro Ludovico a Vargas, o Governador expõe que:

O Governo de Goiás não vai construir uma capital, como pensam alguns. Vai fundar, isto sim, uma cidade nova e construir nela seis ou sete prédios destinados à instalação dos poderes públicos, e sessenta, aproximadamente destinados aos funcionários e à custa destes. Para iniciar as obras, o Governo conseguiu um empréstimo de 3000 contos, negociado com o Banco do Brasil na seguinte base: juros de 8 ½ ao ano, pagos por semestre [...] Deduzindo-se

do empréstimo a dívida atrasada de 500 contos que o Estado tem para com o referido estabelecimento bancário, e quer dar o impulso inicial ao empreendimento e financiar a terça parte das outras da nova capital, que serão concluídas com recursos advindos da venda de terrenos. (CHAUL, 1997, p. 96).

Com o avanço das obras, Goiânia foi, a cada dia, ganhando a forma de uma cidade e, em 7 de novembro de 1935, Pedro Ludovico decretou o professor Venerando de Freitas Borges, como Prefeito da cidade. A partir daí começaram as mudanças dos Poderes Judiciário e Legislativo, para a localidade.

Para a Nação Brasileira, Goiânia representou a concretização de um discurso e momento em que o símbolo se corporificou e se transformou em um marco na concretização de uma política nacionalista: o Brasil civilizado, a partir da integração de suas regiões, pretendia marchar, a passos largos, rumo ao progresso e à civilização rompendo, definitivamente, com um passado de inferioridade diante o mundo civilizado. (PEREIRA, 2002, p. 52).

Então, se deu a mudança definitiva de todos os Poderes – Legislativo, Executivo e Judiciário. Mas a transferência de muitos órgãos do Governo só veio a acontecer em 1937, sob o decreto nº 1816, de 23 de março, que determinava a mudança definitiva para Goiânia.

Marcada para 5 de julho de 1942 o dia da inauguração, segundo Pimenta Netto (1969) as festividades foram um grande acontecimento da época e programados 11 dias de festividades,

1º de Julho: 20 horas: solene instalação das Assembleias Gerais, dos Conselhos Nacionais de Geografia e Estatística, no Cine Teatro Goiânia, tendo convidado de honra o Sr. Interventor Federal.

2º de Julho: 12 horas: circuito Goiânia. 14 horas: abertura da Exposição Agropecuária. 20 horas: primeira conferência do Curso de Informação de Estatística.

3º de Julho: 20 horas: encerramento da Semana Ruralista do Ministério da Agricultura.

4 de Julho: 8 horas: recepção de altas autoridades e personalidades que, por via aérea, virão assistir a inauguração da Capital. 20 horas: grande baile no Automóvel Clube, oferecido pelo Chefe do Governo aos visitantes.

5 de Julho: 5 horas: alvorada pela Banda da Polícia Militar. Passeata com a participação da Polícia Militar, Tiro de Guerra, Escolas, etc. 8 horas: chegada do desfile na Praça Cívica. Hasteamento da bandeira nacional no Palácio do Governador. 8:30 horas: missa campal na Praça Cívica, celebrada pelo Cardeal Leme. 14 horas: seliníssima sessão de inauguração da Capital, no Cine Teatro Goiânia. Discurso do Interventor Federal fazendo a entrega das chaves da cidade ao Prefeito e resposta deste. Discurso oficial do Presidente do IBGE. Evolução de todos os aparelhos do Aero Clube e salva de 21 tiros. 20 horas: grande banquete oferecido pelo Chefe do Governo no salão de festas do Palácio, às altas autoridades presentes à inauguração de Goiânia.

6 de Julho: 8 horas: lançamento da pedra fundamental da nova capital, nos setor sul de Goiânia.

7 de julho: despedida das autoridades que regressarão aos seus Estados.

8 de Julho: 20 horas: Conferência

9 de Julho: 11 horas: lançamento da pedra fundamental do Edifício da Prefeitura.

10 de Julho: 20 horas: solene sessão de encerramento das Assembléias e exposições.

11 de Julho: Despedidas (SOUZA, 2002, p. 84-86).

No dia da inauguração oficial, Pedro Ludovico expressou novamente, em seu discurso, que um sonho se tornava realidade e que a cidade era um símbolo para o Brasil:

Dirijo-me ao Brasil, ao ensejo da passagem do maior acontecimento já registrado no meu Estado. Inaugura-se hoje a jovem Goiânia, Capital de Goiás. Ao entregar à comunhão nacional a cidade cuja construção foi parte primacial do meu programa de governo, despido de espírito regionalista, ergo o meu olhar para a Pátria comum, antevendo o seu futuro esplendoroso. Tenho a honra de saudar, na pessoa do grande condutor, o Presidente Getúlio Vargas, o Brasil gigante e poderoso. Saúdo a Amazônia, tão cheia de mistérios e tão rica de promessas; as terras dos palmares e babaçuais esplendidos do Parnaíba longínquo. Saúdo o nordeste, de atitudes heroicas e fecundas ante as durezas do clima que flagela; os Estados do leste, de riquezas tão numerosas e de um labor tão intenso, em benefício da economia nacional. Saúdo as terras dos vales históricos do Paraíba e do Tietê, onde vicejam os cafezais, os algodoads e tantas outras riquezas; as regiões admiráveis dos pinheirais paranaenses e catarinenses. Saúdo os pampas do sul, berço de heróis, celeiro do Brasil; as terras que, a leste e oeste de Goiás, com ele se irmanam na grandeza das suas glebas, na variedade dos seus produtos e no labor intrépido dos seus filhos. Saúdo o Brasil todo, símbolo de pujança, dignidade e elevação moral. A Ele, BRASIL, entrego um grande Ideal que se tornou uma grande realidade – GOIÂNIA. (LUDOVICO, 1943, p.55).

Porém, mesmo com a mudança definitiva da capital, a cidade não parava de ser construída e ainda vivenciava a condição de um canteiro permanente de obras, pois, ainda havia muito a ser edificado, muito a ser desbravado, muitos lotes baldios estavam espalhados em meio a nova cidade. E, até chegar à década de 1950, quando esse processo será acompanhado por meio da obra literária de Eli Brasiense, pessoa que presenciou e representou esse avanço, seus sucessos e seus percalços, muitas transformações ocorreram, concorrendo, assim, para a edificação de uma cidade que então podia ser contada e retratada e, portanto, dada a ler.

2.5 - A Jovem Cidade na Década de 1950

Com o passar dos anos Goiânia vivenciou um forte impacto de urbanização e crescimento, determinado por uma quantidade enorme de loteamentos que foram surgindo, além da grande chegada de migrantes e imigrantes que se dirigiam à cidade e iam fazendo-a crescer, extrapolando seu plano diretor. “Goiânia estava se tornando uma cidade desconexa com a aprovação de inúmeros loteamentos, cujo critério se baseava apenas em estares localizados dentre do diâmetro legal de 30 quilômetros”. (MEDEIROS, 2010, p 138)

Com isso percebemos uma ruptura e um esfacelamento do planejamento da cidade que foi edificada para ser modelo para o restante do país. Bairros ilegais foram crescendo, como a Vila Operária, Botafogo e Macambira. Victoi (2013, p. 67) citando Gonçalves (2002, p. 115), afirma:

Entender a expansão urbana de Goiânia a partir das décadas de 1950 e 1960 significa montar a história do desplanejamento de uma cidade planejada. Os anos 50 assistiram a uma sensível mudança na construção do espaço urbano de Goiânia. [...] Goiânia passou por um surto de urbanização no qual o Estado, paulatinamente, deixou de regular e interferir no planejamento urbano da cidade e incentivou de certa maneira, a atuação da especulação imobiliária e da iniciativa privada, que há muito esperava autorização para poder parcelar as áreas adjacentes ao núcleo original da cidade. É possível caracterizar as décadas de 1950 e 1960 pelo descaso do Estado com as questões urbanas relacionadas à capital. Essa atitude irrefletida e a falta de interesse do poder constituído em arcar com os ônus da urbanização da cidade contribuíram de maneira decisiva para o surgimento de duas grandes invasões em áreas pertencentes ao próprio Estado, na Vila Operária e na Macambira, além, naturalmente, da invasão que já existia no Botafogo. Ao mesmo tempo, a explosão de loteamentos particulares, desvinculados de qualquer preocupação maior com a cidade, veio dificultar o entendimento sobre a maneira que a cidade cresceu nesse período.

Conforme o Plano Diretor de 1992, até a década de 1950 a cidade de Goiânia cresceu e se desenvolveu conforme o esperado nas previsões do plano original, mas a mesma sofrerá com as administrações desatentas ao seu plano urbanístico.

A partir da década de 1950, a cidade de Goiânia foi marcada por uma explosão do crescimento e o Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia, de 1992, apresenta cinco fases do crescimento territorial da cidade, sendo a principal delas os anos de 1950, no quais inserem a narrativa de Brasiliense que aqui buscamos analisar. Em 1950 fora aprovada a Lei Municipal nº 176 que, segundo Juliana Costa Mota (2004, p. 42), “obrigava a implantação de infraestrutura mínima pelo empreendedor”. Com a lei, a Prefeitura de Goiânia exigia dos

empreendedores a locação e abertura de logradouros que só poderiam ser pavimentados depois que recebessem abastecimento de água e rede de esgoto.

Para Victoi (2013, p. 108), a fase do crescimento de Goiânia que vai de 1933-1950, apresentou, no início da década de 1950, uma “expansão da cidade com a criação de novos loteamentos facilitados pelo afrouxamento das exigências legais para implantação de novos empreendimentos”. Percebemos, então, que a lei citada facilitou a consolidação e expansão desordenada da cidade antes planejada. Para Mota (2004, p. 43) os loteamentos provocaram uma “expansão horizontal e dispersa de Goiânia”.

Com isso, também, houve um crescimento rápido da população, que em 1940 era de 14.943 habitantes e dera um salto para 39.871 no início de 1950, segundo fontes do IBGE. Já no final da década de 50 e começo de 1960 a população era de 101.254 habitantes.

Segundo o Plano Diretor de 1992, a fase seguinte da expansão de Goiânia se consolidou entre os anos de 1950 e 1964, sendo marcada pela atuação de políticas habitacionais que influenciaram na horizontalização da cidade e extensão periférica. Para Mota (2004, p. 46) este “crescimento acelerado agravou os problemas, já enfrentados na cidade desde o seu início, relativos à falta de infraestrutura e serviços urbanos, assim como a crise de moradia. Junto aos novos loteamentos feitos pela iniciativa privada e pelo Estado, que iam se espalhando, as invasões eram cada vez mais frequentes”.

Nesse interim, novos bairros foram criados e tiveram um rápido crescimento como o caso da Vila Operária (1952), Norte Ferroviário (1953), Universitário (1956) e Pedro Ludovico (1958). Segundo Everaldo A. Pastore (1984) a cidade de Goiânia tinha em 1950, 13.563 lotes urbanos para uma população de quase 40 mil habitantes e no final da década já havia 150.117 lotes aprovados para 133.462 habitantes. Com isso no início da década de 1960, a cidade já contava com 17 bairros. O rápido crescimento teve um desaceleramento em 1959 quando foram proibidos pela Prefeitura Municipal novos loteamentos na cidade através da Lei nº 1.556, de 11 de outubro de 1959, que vigorou até o ano de 1963.

CAPÍTULO III

GOIÂNIA: “A CIDADE DOS SONHOS”?

É objetivo, neste capítulo, analisar alguns aspectos do livro *Chão vermelho* atendo às representações acerca de certos problemas sociais presentes na história da cidade de Goiânia durante a década de 1950, período que obra aborda e o tem como foco principal, estabelecendo um breve diálogo com as fotos de Hélio de Oliveira reunidas em *Eu vi Goiânia crescer*. Discutiremos as representações literárias referentes à cidade de Goiânia e seus habitantes presentes na obra, levantando diversas questões que envolvem as “sociabilidades, materialidades e sensibilidades da cidade” (ABREU, 2010, p.12) e de seus habitantes durante o período descrito no romance.

Para contribuir com a discussão e com o diálogo com Brasilense recorreremos a reflexões encontradas em livros sobre a capital e autores que irão contribuir para ampliar as análises acerca dos temas que o romance traz e propõe, pois trabalhos que fazem referência a cidade de Goiânia e nos permitem promover um estudo coerente e específico sobre a urbe, acrescido pela leitura das fotos de Oliveira.

Chão vermelho não é uma história biográfica. O livro faz referências a momentos que os personagens, habitantes do espaço urbano tinham conhecimento de fatos locais acerca das obras e da construção da capital e recorre aos meandros da memória expressa pelos personagens que relembram acontecimentos vários de seu cotidiano ligados às suas histórias de vida, de suas localidades rurais e urbanas, do Estado e da cidade de Goiânia em si em construção.

Segundo Nelly Alves de Almeida (2002, p. 33):

Chão Vermelho é a epopéia do nascimento de Goiânia, a nova capital do Estado. Outro é o ambiente, outro o modo de vida, a natureza das lutas. É a ocupação do vazio, são homens-operários vindos do norte e do sul, do leste e do oeste, das partes todas às quais chegou a notícia do trabalho heróico. São casa se edificando, ruas se abrindo. Gente simples e gente culta, gente que dirige e gente que executa. É fala política e fala operária. São quadros diversos que dão conta exata da grandeza do acontecimento maior a que Goiás assistiu ao tempo do Estado Novo. Do progresso sentido num trabalho de grandeza impar. E a par de tudo isso, o destaque da maior personagem – a própria cidade, a invicta Goiânia, crescendo forte e sustentando a realidade de sua existência. Tudo no livro, como nos anteriores, é puramente real.

Logo no primeiro capítulo somos apresentados ao personagem principal que conduz todo o desenrolar da trama do romance, o operário da construção civil Joviano. Abreu (2010, p. 21) afirma que não se atreve “a dizer que ele seja o protagonista do romance” e concordando com Almeida (2002, p.33) afirma que se pode dizer que “a maior personagem é a cidade nascente, que reúne, em torno de seu surgimento, toda a vida que a levanta e agita”. Mas, com certeza, Joviano é o guia que nos orienta, nos conduz e nos mostra as leituras variadas da cidade em formação, que nos remete, muita vez recorrendo à memória, a fatos de seu passado, de sua família e dos seus conhecidos, como amigos, vizinhos, dentre outros. E o faz tendo como referência o bairro que no romance possui o nome de Botafogo, e se localiza na margem do córrego de mesmo nome, em lado oposto ao Centro, e se configura como espaço de moradia de trabalhadores.

De acordo com Genilda d’Arc Bernardes (2009, p. 42-3) os operários, no início da implementação do projeto de Goiânia, foram chegando aos poucos, dispersos, sozinhos ou com suas famílias, e foram se agrupando à população já residente às margens do Botafogo.

Assim, a margem direita do Córrego Botafogo ia se adensando à medida que novas moradias iam sendo construídas, formando bairros operários periféricos ao plano urbanístico. E uma situação de segregação espacial urbana, no início da edificação da cidade. Desde o início o plano de Goiânia era excludente, uma vez que nele não configurava espaço suficiente, capaz de receber em condições adequadas, esta categoria de trabalhadores. A questão da moradia constitui um dos primeiros fatores de confronto entre a expectativa dos que aqui chegavam com as condições de vida que teriam de enfrentar daí por diante. (BERNARDES, 2009, p. 43).

Remetendo a tais experiências do começo da cidade, por meio da memória do narrador e outros personagens, e do viver de alguns de seus habitantes no referido bairro operário, a obra possui uma estrutura temporal linear, sempre respeitando as temporalidades dia/noite, como podemos perceber em diversos momentos, inclusive no primeiro capítulo que inicia com o cair da noite e vai até 14º capítulo. Essa característica está presente em todo o livro até o último capítulo, que é encerrado durante um pôr do sol, momento quando Joviano, personagem principal e narrador, fica assuntando a mais jovem cidade do Brasil.

3.1 – Marcas do tempo no romance

Destinamos esse item para levantarmos algumas marcações que nos ajudam a balizar a temporalidade que a obra de Brasiliense aqui analisada abarca com vista a inseri-la na década de 1950 e suas questões. Para isso, levamos em consideração, de início, os estudos realizados

por Abreu (2010), que nos oferecem alguns elementos para abordar o período descrito por Eli Brasiense na obra.

Para delimitarmos o período de tempo a em *Chão vermelho* refere levaremos em consideração alguns apontamentos de Abreu, que mostram diversos eventos que acontecem tanto em escala nacional como na própria cidade de Goiânia e região. Porém, não ficamos apenas em suas indicações e abordamos outras menções por nós observadas, as quais nos auxiliam a balizar o período a que a narrativa refere e abarca. Partimos de uma passagem do romance em que é narrado que o personagem Sancho trás um embrulho em suas mãos que havia comprado com dinheiro sem valor. Vejamos:

Era Sancho com uns embrulhos na mão. Deveria ter comprado coisa de segunda, porque uma nota de vinte não dava para muita afoiteza. Cinco cruzeiros não comprava uma abobora d'água. O dinheiro tinha mudado de nome, como carcamano falido, para ninguém desconfiar que era coisa sem valia. (BRASILIENSE, 2002, p. 56).

Assim, aqui podemos observar que o governo brasileiro já havia mudado a denominação da moeda de réis para cruzado, o que ocorreu em 1942. Nesse trecho, então, é possível ver que o romance se passa além desse período, como indica a frase “o dinheiro tinha mudado de nome”.

Mais adiante na narrativa nos deparamos com outro evento ou marco que nos permite avançar um pouco mais na década de 1940, que é quando o personagem Joaquim, que há muito havia mudado para São Paulo, estava visitando Joviano após regressar à cidade e, em conversa, falou-se sobre o desmoronamento da Usina do Jaó, que ocorreu em 1945, implicando, assim, na falta de fornecimento de energia elétrica para Goiânia e na necessidade de recorrer à velha lamparina, o que levou o visitante a afirmar que seu anfitrião precisava “tomar um banho de civilização” indo para São Paulo, pois “isto aqui é tapera!” (BRASILIENSE, 2002, p. 63).

Joaquim espiava a lamparina com cara de ironia e perguntou.
– Quebrou a usina daqui? Isto é coisa de roça.
- Uma vez água levou. Agora deve ser enguiço, depois ela vem.
(BRASILIENSE, 2002, p. 62).

Foto 01 – Usina do Jaó, 1957



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 151.

A Usina do Jaó, como mostra a vista aérea de Oliveira, fora uma barragem, usina hidrelétrica, inaugurada em 1936, no Rio Meia Ponte, que serpenteia a cidade de Goiânia, que podemos ver ao fundo. Ludovico vislumbrava potencial hidrelétrico no Meia Ponte, na corredeira denominada Jaó, que seria vantajosa aproveitar (AUGUSTUS, 2009). A Usina edificada, representou papel importante para o desenvolvimento dos primeiros anos da nova capital, com seus 180 kW de potência, e foi considerada grandiosa para os padrões da época em que energia elétrica era elemento raro em todo Centro-Oeste (LIMA, 2011).

Voltando às referências que nos permitem perceber as marcas do tempo na obra, segundo Abreu (2010), “uma lembrança de Toninho oferece outro elemento que lança a narrativa para a década de 1950”, que é a menção a uma música de Assis Valente. Assim, trazemos o trecho onde Brasiliense remete a esse momento citado:

Agora notava-lhe os olhos gateados, um jeito gracioso de piscar miúdo. Ao passarem perto de Waldo ele embeijou-se pela novata, fez-lhe um brinde com o copo de cerveja. Ela fingiu-se distraída e recostou o queixo no ombro de Toninho. Um rapaz da orquestra cantava.

“Poderia ser bonequinha de louça,

Tão moça mas não é...”

Ela segredou-lhe com certa mágoa na voz.

– Este samba deveria ser o hino das prostitutas.

Toninho pareceu acordar.

_ Qual?

_ ”Boneca de louça”, não está ouvindo? Cantou baixinho aos ouvidos dele.

“Hoje é boneca de pano

De um sombrio cabaré”.

(BRASILIANSE, 2002, p. 90).

Esta música, a qual o personagem faz referência, é o samba “Boneca de pano”, composto por Assis Valente, em 1950. Com essa cena, tomando como base a música, podemos dizer que a narrativa já remete a fatos inseridos nos anos de 1950.

Outra cena que nos remete ao cotidiano de 1950 é aquela em que Toninho conversa com Noêmia a respeito do filme em que ela tinha assistido na noite anterior no cinema: “– Hoje é reprise. Fui ontem com mamãe. Bom filme. Não me diga que não assistiu ao famoso ‘Luzes de Ribalta’” (BRASILIANSE, 2002, p. -68). O filme a que fazem referência foi lançado em 1952.

Também podemos perceber como marca temporal do romance o trecho onde é mencionado que Joviano tinha medo de andar de avião por trazer em memória a lembrança de um acidente na região com a explosão de uma aeronave:

Tinha medo de andar de avião depois que vira um montão de pedaços de gente na Santa Casa, apanhados no local onde se espatifara um Douglas. Quem era fulano ou sicrano ninguém sabia. Até o avião parecia não ser de metal, deixara insignificantes vestígios. (BRASILIANSE, 2002, p.50).

Esse acidente aéreo, ocorrido em terras goianas, se deu, conforme o site da Força Aérea Brasileira, com a queda de um avião Douglas DC-3 PP-ANH, em 12 de agosto de 1952. A explosão foi nos ares de Palmeiras de Goiás e morreram todos que estavam a bordo, entre eles o filho do então governador do Estado, Pedro Ludovico Teixeira.

Mas à frente nos deparamos com uma remissão acerca da Usina do Rochedo que estava sendo construída para produção de energia elétrica. Segundo Joviano, dos “bandos de nordestinos que chegavam para a aventura da nova cidade”, “alguns encontravam trabalho nas construções, na Usina do Rochedo, na limpeza de quintais, nas lenharias” (BRASILIANSE, 2002, p.51). Essa usina foi construída entre os municípios de Piracanjuba e Professor Jamil e inaugurada em 1955 – a data de inauguração da usina também é encontrada em alguns textos e artigos como 1958.

Joviano fala também, em outra passagem, sobre o som do apito da locomotiva, dizendo que “O trem apitou longe. Deveria ser cargueiro. Olho a torre da Estação ainda em acabamento” (BRASILIANSE, 2002, p. 46), o que nos remete também aos anos 50 e a existência na cidade do transporte tanto de cargas quanto de passageiros.

Foto 02 – Estação Ferroviária, 1951



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 67.

A foto de Oliveira, datada de 1951, da Estação Ferroviária, que teve sua edificação iniciada em entre os anos de 1940 e 1945, fora feita, possivelmente, antes do término da construção, que teve sua conclusão entre os anos de 1950 e 1952. Não podemos certificar, com precisão, a data da inauguração, que aparece desconstrada nas fontes acessadas, talvez por ter sido inaugurada sem a finalização total da obra, como a torre ainda em edificação, embora a locomotiva já fizesse parte da vida da cidade, inclusive a marcando com o som de seu apito, além de vários acidentes envolvendo a população.

Através dessas marcas na narrativa de *Brasiliense* acerca do cotidiano podemos concluir que o romance se passa entre o período de 1952 a meados de 1955, devido os últimos capítulos possuir referências às eleições de 1954, que serão, posteriormente, analisadas a frente. Vemos, então, que as indicações do tempo em *Chão vermelho* não se contradizem e são coerentes em relação aos fatos que realmente ocorreram na cidade de Goiânia, na região e no Brasil daquele momento.

3.2 – Cenas da Vida na Cidade e seus Personagens: a Modernidade na Nova Capital

O livro *Chão vermelho* nos trás trechos aos quais podemos recorrer para análise do processo de constante construção da cidade de Goiânia, de seu avanço e dinâmica. Em diversos momentos deparamos com questões como o crescimento do fluxo de automóveis na

cidade, a instalação de energia elétrica e de rede de telefones, dentre outros equipamentos urbanos inerentes ao mundo moderno.

Goiânia, podemos dizer, seguindo as reflexões de Maria Clara Tomaz Machado (1991, p. 37-8), como tantas outras cidades brasileiras do século XIX e XX, na perspectiva das elites teve com o pressuposto básico de sua história a ordem, o progresso e a modernidade, possuindo esta última o sentido de estar aberta às conquistas tecnológicas vistas como benéficas à sociedade, ao desenvolvimento econômico, ao planejamento urbano e embelezamento.

No entanto, continuando ainda na senda reflexiva de Machado (1991, p. 41-2)p, torna imprescindível considerarmos que a intensificação do processo de urbanização da sociedade brasileira, a partir da década de 1950, explícitos nos discursos d modernidade, não significou que os problemas urbanos e sociais, como o fenômeno da pobreza, da exclusão, da violência, da desigualdade, dentre outros tantos, desapareceram. Ao contrário, e eles não se constituem em caracteres das áreas metropolitanas, sendo encontrados por todo o sistema urbano do país.

Nesse sentido, sobre a presença do automóvel na cidade de Goiânia, uma mercadoria símbolo do mencionado progresso e modernidade, Joviano nos remete ao aumento dos autos nas vias da cidade; explicitando a relação entre automóveis e progresso, como emblemas da modernidade, que não é apenas aperfeiçoamento rumo ao um estado ideal, mas também trazendo ameaças, problemas, como ao sossego e à vida, representados, inclusive com desastres e atropelamentos. Assim, cria-se e se expressa o medo do viver na “cidade grande”, o receio de tantos em relação a tais experiências violentas e traumatizantes:

Dali se avistava a Avenida Anhanguera, inçada de automóveis, alguns até engraçados, parecendo mais com jabotis em lata. O progresso estava estragando tudo. Já não podia andar com sossego pelas ruas. O vivente ia muito bem, andando distraído, de repente era um guinchar perto, a roda do carro riscando o asfalto. Carro passava por cima de gente de vez em quanto. No bairro não havia desastres porque os choferes tinham de andar com cuidado, para se livrar dos buracos [...] agora todo mundo tinha medo de automóvel, pior do que cachorro doido pelas ruas. (BRASILIENSE, 2002, p.45).

Foto 03 - Avenida Anhanguera, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 79.

Na imagem de Oliveira, percebemos um trecho da Avenida Anhanguera, que foi uma das primeiras avenidas construídas na cidade de Goiânia, atualmente é a principal via comercial da cidade. Nela percebemos, para época, um intenso tráfego de veículos em uma de suas pistas, enquanto a outra, ao que tudo indica, estava fechada para circulação de automóveis, possivelmente, por estar ainda em construção. Essa avenida era e ainda é a principal porta de acesso à cidade.

Neste trecho de Brasiliense, bem representado pela foto de Oliveira no que refere a Avenida Anhanguera, ao que tudo indica ainda em construção, pois com veículos em apenas em um de seus lados, mas já com considerável movimento de automóveis, e podendo expressar o que isso pode significar, percebemos que Joviano tinha certo desgosto, ressentimento e rancor ao falar do tão aclamado progresso em tantos discursos, sobretudo da imprensa e dos políticos. Ele explicita uma visão crítica frente a tal ao dizer que o “progresso estava estragando tudo”. Vemos também que ele aponta problemas na organização e no funcionamento da cidade, como a falta de infraestrutura em alguns bairros, ao dizer “que os choferes tinham de andar com cuidado, para se livrar dos buracos”.

Este fragmento, em confrontos com outras passagens do romance, nos permite refletir sobre a desigualdade na oferta e disponibilidade de tal infraestrutura na cidade, pois se a Avenida Anhanguera encontrava-se asfaltada, em outras vias dos bairros periféricos havia buracos e poeira. O trecho trata do crescente tráfego de carros na principal avenida da cidade

e aponta para aquilo que mais a frente na narrativa será visto como um “formigueiro humano” (BRASIELIENSE, 2002, p. 125). Ou seja, ele percebe que a cidade era constituída por um grande número de pessoas, sendo um espaço no qual não ficavam quietas e paradas em lugar, mas se movimentavam agitadas e rapidamente, o tempo todo.

Foto 04 – Trabalhadores na construção da Avenida Anhanguera, 1951



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 73.

A construção da Avenida Anhanguera, vista acima na foto de Oliveira, que fora iniciada em 1951 deu trabalho há muitos homens e máquinas, e como já dito, teve primeiro uma de suas faixas concluídas e, posteriormente, a outra. Assim, trabalhadores, vindo de todos os lugares do Estado e mesmo do Brasil, ajudaram aquele vermelho “chão agreste a virar cidade”, conforme Brasiliense (2002, p. 136), e, como podemos ver na foto abaixo, já tendo suas duas faixas pavimentadas, arborizadas, iluminadas, com homens caminhando e carros, num perímetro mais central em oposição ao acima.

Foto 05 - Avenida Anhanguera, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 75.

Observando a foto acima do livro de Oliveira, um trabalhador que fizera parte da construção da urbe poderia pensar e dizer: “A cidade estava ali, na planície de terra vermelha, com muita andança de povo. Tinha muito de seu braço...” (BRASILIANSE, 2002, p. 142). Podemos dizer que a cidade que não parava de crescer tinha uma grande movimentação de pessoas em suas vias, em espaços de trabalho e de lazer, como trataremos a frente.

Provavelmente, esse movimento referido por Joviano pode ser das pessoas se deslocando para acudir às suas mais diversas necessidades, como irem a seus locais de trabalho, pois, como a cidade estava se transformando a cada dia, havia muitos pontos de serviço e obras espalhadas por seus variados cantos. Assim, constituía-se a cidade em formação, como se vê, ao dizer que “cada semana a cidade mudava de feição, esparramava-se para todos os lados” (BRASILIANSE, 2002, p. 43).

Como já referido, para Joviano, os carros causavam medo nas pessoas, provavelmente, pela imprudência de alguns motoristas que atropelavam pedestres em suas vias. Mas adiante temos outro trecho que podemos também perceber as imprudências no trânsito de Goiânia e suas deficiências, como a ausência de guardas de trânsito:

Ferreira descia a Avenida Anhanguera. Tinha pressa e andava com passos miúdos, quase aos saltos. Ao atravessar as esquinas sem nenhum guarda para sinalização, era preciso ter cuidado. O movimento dos carros crescia com a poeira das terras devolutas e dos lotes urbanos. Os atropelamentos se multiplicavam. (BRASILIANSE, 2002, p. 179).

Porém, não era apenas os automóveis que atropelavam pessoas, o mesmo ocorreu com a instalação da linha férrea com suas locomotivas, outro símbolo do mundo moderno: “_ Todo dia mata gente aqui, desde que a estrada de ferro chegou” (BRASILIENSE, 2002, p. 212). Mas voltando as vias da cidade, cabe mencionar, que a Avenida Anhanguera, umas das primeiras avenidas de Goiânia, teve sua construção com o objetivo de sediar as principais lojas comerciais da cidade. Ela contava, ao menos em sua parte central, com um projeto ambiental e paisagístico que visava integrar o plano principal da urbe. Nessa avenida encontravam-se os principais prédios e monumentos de Goiânia, e, assim, era e ainda é considerada sua principal via.

A avenida citada, como foi dito anteriormente, é o principal polo comercial de Goiânia, e já desde aquela época possuía lojas luxuosas e com produtos com preços elevados destinados a gente de posse. Toninho teve que se deslocar à Avenida Anhanguera para comprar um presente de aniversário a sua namorada, e sobre isso o narrador comentou:

Na Avenida Anhanguera começou a olhar as vitrines. Os preços eram mãos de fantasmas empurrando para longe os fregueses de poucos recursos. Percorreria todas as casas comerciais até que seus olhos cansassem. (BRASILIENSE, 2002, p. 158).

Com o aumento dos automóveis e a pavimentação inexistente ou deficiente em muitas partes, também iam crescendo as oficinas para seu concerto, como podemos perceber em um trecho em que o Dr. Ferreira, um médico, fora a uma destas para buscar seu carro que ali deixara para regulagens e limpezas. Além disso, também podemos mencionar os acidentes nos quais tais veículos se envolviam e ainda a figura do mal motorista, aqui chamado de “barbeiro”:

- Carro é que nem gente, doutor. Não enguiça num lugar só. Agora o motor ta que é uma seda. A lataria não precisa mexer com ela tão cedo. O senhor nunca deu trombada...
- Guio sempre com cuidado, porque o trânsito aqui já não é brincadeira.
- Pra barbeiro então... Chega carro aqui que só o senhor vendo. Veja aquele ali. Apontou um caminhão com radiador revirado, os pára-lamas amassados, a cabina toda enjambrada, uma paçoca.
- Acabou-se a lataria (BRASILIENSE, 2002, p. 250).

Ao andar pela cidade com o Dr. Ferreira, Joviano aponta outro elemento que nos leva a pensar o desenvolvimento da cidade de Goiânia durante a década de 1950, que é a perfuração da pavimentação asfáltica para a instalação de linhas de telefones. Ao mesmo tempo Joviano remete à diferenciação existente entre os espaços da cidade em relação à oferta

de certos serviços de infraestrutura, mostrando os contrastes dessa cidade, que se davam entre o centro e suas regiões periféricas:

[...] O carro foi solavancando quando passou por cima de um corte no asfalto, para ligações de novos telefones.

- Deviam já ter consertado isso.

- Cidade de progresso o que me dana é essas coisa. Parece até arrumação de doido. Um ajeita a rua e outro vem com a picareta em cima, expandonga tudo.

- Sendo para melhorar não tem importância. Manoel olhou Ferreira com ar de riso.

- Isto aqui ainda é balanço de rede, doutor. Quando sair do asfalto é que o senhor vai sofrer. As ruas do bairro é buraco e lama só. (BRASILIENSE, 2002, p. 99).

Na jovem cidade de Goiânia, pode-se perceber, pela narrativa de Brasiliense, o rápido crescimento do trânsito, do número de carros e da circulação de automóveis e pessoas. Isso se tornava um problema naquele momento e pode ser visto ainda hoje como uma grande questão urbana do presente: ou seja, a cidade foi pensada sem levar em consideração aspectos como um contínuo crescimento do uso de carros automotores e, por consequência, o que esse uso significaria de mal a vida humana.

Mas em outros pontos da cidade, e não só na Avenida Anhanguera, também era comum observar o trânsito de veículos automotores e algumas bicicletas, como indica a foto abaixo de Oliveira, que nos mostra mais um desses momentos, lugares meios de transporte. Porém, cabe mencionar que, segundo Brasiliense (2002, p. 152), “Poucos operários andavam de bicicletas”, o que podemos observar também na fotografia abaixo de Oliveira, que nos mostra a Avenida Goiás com a Rua 03, onde os carros, predominantes, dividem o espaço com um ciclista, ao passo que pessoas, ao fundo, aparecem em pé na calçada sobre as árvores, ao que tudo indica de uma praça.

Foto 06- Avenida Goiás com Rua 3, 1957



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 59.

Mas, para Joviano, tal como expressado em seus pensamentos, os automóveis significavam mais do que isso, pois eram sinais de uma mudança nos costumes na vida das pessoas. Nesse caso, a cidade é um lugar que muda o homem, muitas vezes para pior, pois o personagem ressalta a diferença entre os modos do camponês, desacostumado com a cidade, e os modos urbanos que ali se estabeleciam.

A partir da década de 1930, com o aumento na utilização de veículos automotores, o crescimento da densidade urbana e a presença de doenças e epidemias nas cidades, na busca de solucionar tais problemas e outros a eles associados, emergiram no campo do planejamento urbano as chamadas cirurgias urbanas inspiradas no Plano de Paris e baseadas nas “cidades jardins”, com ideias que deram origem à cidade de Goiânia. A proposta da cidade jardim procurava dar soluções físicas ao desenho urbano, aos problemas e questões modernos gerados pelo desenvolvimento e pela migração do campo para a cidade, sem criar ruptura cultural com o mundo antes existente (GOUVÊA, 1998, p.42-3), o que em partes ocorria como veremos, mais adiante, ainda neste capítulo, aos tratar dos costumes rurais na cidade.

Nesse contexto, outra novidade, considerada benéfica, e inserida no quadro dos costumes dos habitantes da cidade, atrelada ao quesito infraestrutura e saúde pública, que estava sendo disponibilizada à população goianiense durante seus primeiros anos após a fundação, era a água encanada e o hábito de filtrá-la. Podemos perceber isso no trecho em que

Joviano comenta a morte de um conhecido devido à ingestão de água contaminada, não tratada:

[...] Terêncio havia morrido de febre braba [...] Os médicos disseram que era tifo vindo de água sem asseio. Agora tinha um filtro em casa. Achava que o maquinismo estragava o gosto da água, tirava até sustança dela. Nas construções os trabalhadores bebiam na mão, emborcados por cima dos registros. O filtro era um luxo de casa. (BRASILIENSE, 2002, p.44-45).

Assim, vemos que já havia água encanada na cidade, mas bebida sem filtrar nas obras, nas construções pelos operários, mas que ainda era pouco difuso o costume de utilizar água filtrada nas casas dos bairros distantes, quando Joviano diz que “o filtro era um luxo em casa”. Observamos que apesar de água limpa ser essencial para a saúde, ele ainda tinha o filtro não como uma necessidade básica, mas como um bem custoso

Foto 07- Trabalhadores na Construção do Mercado Municipal, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 145.

Na foto, Oliveira nos mostra a obra de construção do Mercado Municipal, que teve início em 1950, na qual trabalhadores e andaimes aparecem em primeiro plano, bem como vias sem pavimentação com um carro e um ciclista. Assim como as obras do Mercado, Goiânia estava repleta de construções públicas e privadas por todos os lados, sendo elas desde a edificação do Palácio do Governo na Praça Cívica até casas populares, em vilas mais distantes do centro da cidade.

Mas um dos maiores avanços que foram mencionados no livro foi a chegada da energia elétrica, embora apenas considerada como fonte de luz. A problemática da energia elétrica é comentada em diversos trechos do livro, inclusive para falar de sua ausência em diversos momentos do dia a dia na vida dos personagens. Várias passagens referem à falta de energia: “Larga esse Gibi dos infernos e vai comprar gás agorinha mesmo. A luz tá feito vagalume e termina é sumindo. Tinha vontade de socar essa luz.” (BRASILIANSE, 2002, p. 49).

Ou na fala zombeteira do esnobe Joaquim, que havia mudado para São Paulo e agora visitava o amigo, como ares de superioridade, que na verdade escondia sua fraqueza:

- Parece que vão rezar terço aqui?
- Terço?
- E aquele maço de vela na mesa?
- Isto é de Toninho, pra estudar quando a luz enguiça. Essa luz é uma peste!
- Cadê o motor novo?
- Diz que pipocou tudo.
- Na barranca falaram que é máquina de trabalhar dibaixo d’agua. Será?
- Falaram que era de submarino. Só entendo de construção. (BRASILIANSE, 2002, p. 53-54)

Ou ainda:

- Joaquim espiava a lamparina com cara de ironia e perguntou.
- Quebrou uma usina daqui? Isto é coisa de roça.
- Uma vez água levou. Agora deve ser enguiço, depois ela vem. (BRASILIANSE, 2002, p. 62)

Percebemos, então, nesses trechos que a falta de luz elétrica era um problema no cotidiano dos moradores da nova capital de Goiás. E aproveitando o primeiro excerto acima citado destacamos, ainda, dois outros elementos novos, do mundo moderno e contemporâneo, já presentes na vida desses moradores, quais sejam o Gibi e o gás, embora nesse último caso, seja em verdade, querosene, que não deixa de ser um combustível do mundo moderno. E, se o primeiro trecho, chama-nos a atenção para a questão das histórias em quadrinho como produtos da indústria cultural, que estavam presentes na vida dos moradores, como acima mencionado, não podemos deixar de nos referir ainda, nesse contexto, a outro aspecto que o segundo trecho menciona, a questão da religiosidade, expressa na reza do terço e do maço de velas.

Em alguns bairros mais periféricos da cidade de Goiânia, como o mencionado Botafogo no livro, já havia rede de energia elétrica, e esse bem estava presente nas casas de seus habitantes, conforme nos mostra a foto abaixo, na Rua 10, em 1952, onde podemos perceber que já tinham energia elétrica e iluminação pública.

Foto: 08 – Eletricidade, Rua 10, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 131.

Na imagem temos um trecho da Rua 10, situada no setor Oeste de Goiânia, no qual podemos perceber um canteiro central arborizado, a presença de postes de eletricidade nas calçadas e de casas residenciais ao fundo, algumas delas com mais de um pavimento. Na pista, além de um carro estacionado, pode-se observar um ciclista em deslocamento. A chegada da eletricidade em Goiânia marcou o processo de modernização da cidade, simbolizando mais um passo do progresso.

Já, voltando à questão dos impressos, dos produtos da indústria cultural moderna, a personagem Dona Fia, por sua vez, também nos remete ao campo do religioso que acima mencionamos, ao falar de outro produto desta, a folhinha, ou o calendário, que agora se diferenciava daquelas de outrora, em que tais bens possuíam lugar, inclusive, nas práticas de religiosidade das pessoas, por veicularem imagens sacras, agora substituídas, possivelmente, por mulheres seminuas, como fica implícito. Nesse sentido ela expressa: “Antigamente a gente podia rezar o terço diante da folhinha, que era tudo cara de santo e anjo, mas hoje? É só safadeza” (BRASILIANENSE, 2002, p. 50).

Dona Fia expressa uma visão contrária a leitura dos gibis, como no trecho acima indicado, em que podemos perceber como ela desvalorizava esse bem da indústria cultural moderna: “larga esse Gibi dos infernos” (BRASILIANENSE, 2002, p. 49). Essa visão manifesta por ela estava bastante presente na sociedade brasileira no período, sendo motivo de uma

verdadeira guerra contra tais produtos que envolveu a sociedade em geral, políticos e intelectuais, segundo Gonzalo Junior (2004, p.181):

Os gibis tiravam cada vez mais o sono de educadores, padres, pais e políticos desde a segunda metade dos anos 40, no começo da década seguinte a impressão era de que tudo aquilo tinha sido apenas um aperitivo. Por uma razão simples. Até o surgimento do Suplemento Infantil, em 1934, a garotada pouco havia lido histórias em quadrinhos – a não ser nas páginas de O Tico Tico e em algumas breves experiências na virada para a década de 1930. Seus pais, no entanto, não tiveram contato com esse tipo de leitura na infância, o que ajudou a se tornarem, muitas vezes, intolerantes com as revistinhas.

Junior (2004) ainda nos diz sobre a campanha desenvolvida na década de 1950 contra os gibis, que começou com uma mobilização dos gaúchos e tomou conhecida de boa parte dos brasileiros, recebendo adesões, inclusive no Congresso Nacional onde a questão foi debatida.

A campanha contra os gibis no decorrer de 1953 mobilizou para a discussão todos os principais jornais do Rio Grande do Sul, além de deputados, vereadores de varias cidades, grêmios estaduais, professores e psiquiatras, numa iniciativa demolidora para a então recente história dos quadrinhos. Os gibis seriam transformados pelos críticos gaúchos numa questão calamidade pública a partir da mobilização iniciada pelo jornal Correio do Povo. (JUNIOR, 2004, p.195).

Talvez a difusão dessas ideias e posturas fossem um dos grandes motivos da condenação dos gibis por parte de Dona Fia, pois tais materiais sofriam grande rejeição de diversos segmentos da sociedade, embora outros os defendessem.

Porém, voltando à questão da energia elétrica, podemos retomar e mencionar Abreu (2010), que, citando Freitas (1999) a respeito do fornecimento de energia elétrica na cidade, comenta:

A energia elétrica provinha de um motor a óleo cru, que trabalhava durante poucas horas da noite. A situação melhorou com a inauguração da usina Jaó, que uma enchente levou de roldão, alguns anos depois. Com o Brasil em guerra, não eram fabricados no país. A cidade ficou às escuras, até que foi possível adquirir o motor de “um navio velho”, afinal instalado na Alameda Botafogo. Essa situação se estendeu até a inauguração da usina do Rochedo, em 1958. (ABREU, 2010, p. 96).

Tanto a energia elétrica como a água potável fazia parte do “Relatório” que Pedro Ludovico Teixeira enviou a Getúlio Vargas explicando os motivos e a importância da mudança da capital, mas que ainda nesse momento não estavam devidamente estabelecidas em novos parâmetros para a população da cidade.

Ao decidir-se pela edificação de uma cidade moderna, o interventor Pedro Ludovico Teixeira – que era médico – pretendia que a nova capital

privilegiasse a saúde dos habitantes, que seriam atendidos com abastecimento de água, rede de esgotos sanitários, coleta de lixo e regulamentação das construções, segundo parâmetros ideais de higiene e conforto. (FREITAS, 1999, p. 239).

Podemos perceber que não se tinha coleta de lixo ou rede de esgoto, pois segundo Joviano, morar em bairro pobre, como o Botafogo, à margem oposta ao centro, tinha apenas uma única vantagem, que era a vista privilegiada e o panorama da cidade, visto que ao “redor havia sujeira, doença, desamparo” (BRASILIANSE, 2002, p. 45-46).

No entanto, ainda que de tal forma, segundo Abreu (2010, p. 100), “cabe destacar que a cidade não deixa de apresentar características associadas ao moderno e ao progresso, mas essa questão não constitui a pauta principal do romance. Mesmo assim, as experiências relacionadas a essa vertente do moderno são perceptíveis”.

Mas, como já dito, o espaço urbano da capital recebeu de forma diferenciada as dita benesses do progresso. Nos bairros, a realidade do crescimento de Goiânia enaltecido aos olhos de muitos, como políticos e a imprensa, era diferente. Na maioria deles o asfalto ainda não havia chegado. Em um trecho do livro, já mencionado, Manoel, um personagem do povo, homem simples, que sempre pensava sobre esse progresso da cidade, em conversa com Ferreira, um médico muito preocupado com a saúde das pessoas, que as atendia sem distinção de cor, raça, classe social e, até mesmo, às vezes, fazendo suas consultas no decorrer da noite e durante a madrugada, apresenta as contradições da urbe progressista. Nessa conversa Manuel falou: “_Quando sair do asfalto é que o senhor vai sofrer. As ruas do bairro é buraco e lama só.”(BRASILIANSE, 2002, p. 99). Nessa fala aponta-se que o planejamento urbano havia se perdido, pois não atingia os arrabaldes, os locais onde a população pobre e trabalhadora podia morar, construir seus casebres e conviver com as desventuras de quem ficava por fora do planejado para a cidade.

Parte da imprensa, com jornais que circulavam na cidade de Goiânia durante a década de 1950, como o *Jornal de Notícias*, mostrava o estado de descaso com as vias públicas, como no trecho da reportagem abaixo que denunciavam o estado das ruas da capital:

É calamitoso o estado em que se encontram as ruas desta capital. Em campinas, nos Setores Oeste e Sul, na Vila Nova, Nova Vila, Fama e em outros bairros da cidade há grande número de ruas intransitáveis, até para pedestres, principalmente à noite, com a grande escuridão que envolve toda a capital. Mesmo na zona asfaltada é precaríssimo o estado das ruas. A Rua 4, por exemplo, onde é intenso o movimento de veículos, a buraqueira se sucede do começo ao fim da rua. O mesmo se verifica na Rua 3, na Av. Anhanguera (Campinas), na Rua 20 e Av. Universitária. Nesta avenida, as

valetas abertas há três ou quatro meses para serviços telefônicos, abertas se acham até hoje. (JORNAL DE NOTÍCIAS, 18/05/1958).

Portanto, vemos que a cidade de Goiânia tinha inúmeros problemas. Mas o rápido crescimento da cidade impressionava seus moradores, a exemplo dos setores populares, que, como trabalhadores, ajudaram-na a construir e até viam-na como filha. Em uma conversa com um amigo, Joviano comenta:

_ Já reparou como Goiânia tá grande? Cadê o cerradão que a gente varava todo santo dia? Tudo é casa de luxo. Tem até prédio de arranha-céu. [...] Gosto disso aqui, Fernando. Tenho amor nessa cidade como se fosse minha filha. Ela tem muito do nosso braço. (BRASILIANENSE, 2002, p. 175).

Ou seja, a cidade se tornava o lugar dos que ali chegavam e a fizeram. Notamos que essa sensação de pertencimento vai sendo criada dia a dia, seja ao referir aos ideais de progresso representados na estrutura física da cidade, seja acerca do campo cultural, como é o caso das condições de estudos e de formação intelectual, tema recorrente também na documentação, o qual será tratado mais a frente.

Foto 09 - Parque Agropecuário, 1950



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 147.

A foto de Oliveira nos mostra o Parque Agropecuário da cidade que foi planejada para sediar o governo do Estado, ser berço das decisões políticas, e representar o território goiano. Ela abrigava já, em 1950, um espaço voltado para a exposição agropecuária, que foi criado com vista a receber exposições e eventos ligados às atividades pecuária e agrícola de Goiás,

que eram setores fortes de sua economia. Exposições que, na sociedade moderna, segundo Pesavento (1997b, p. 14-5) funcionam como síntese e exteriorização da modernidade, como símbolos dos “novos tempos” e como vitrine de exibição de inventos e mercadorias postos à disposição do público, demonstrando a crença no progresso e na produtividade, sendo espetáculos de ostentação e de lazer para atrair as pessoas e atuar no imaginário social.

Podemos perceber também no romance que nesse fazer-se da cidade, certos espaços criavam um dado sentimento de exclusão, como a Avenida Anhanguera com suas vitrines de produtos caros, para poucos fregueses, apenas abastados, certamente não aqueles trabalhadores que construíram a cidade com suas mãos e braços, com sua força de trabalho. Temos também outra passagem que nos remete a esse espaço de produtos de luxo e caros que ia se formando na cidade. Toninho, na continuidade de sua jornada pelo Centro, passeando pela avenida, “sentiu vontade de tomar café e verificou se havia miúdo no bolso. Com a desculpa de geadas, de pragas e de um carunchoso, comércio internacional, a xícara de café saltara para um cruzeiro. Ladroeira.” (BRASILIANSE, 2002, p. 159).

Mas, por outro lado, havia espaço para o comércio popular. Na cidade já se tinha o espaços como bares e pequenos mercados, armazéns e vendas, além de lugares em que as pessoas iam para fazer a feira, comprar produtos agrícolas, hortaliças, verduras, frutas, dentre várias outras mercadorias, inclusive a famosa pinga, tão presente no gosto popular, ainda que mal vista por tantos, como nos mostra Brasiliense. Toninho, certa tarde, teve de deixar os estudos e ir ao a uma venda para comprar pinga a pedido de seu pai, pois, havia visita em casa que a apreciava. Porém, tanto Toninho como seu pai, e ao que tudo indica uma parte de sua vizinhança, renegavam e condenavam o hábito de bebericar, pois o moço andou longe para realizar a compra e evitar falação. Segundo o narrador o rapaz “Não iria em nenhuma venda ali por perto, para evitar que vizinhos não maldassem.” (BRASILIANSE, 2002, p. 66). Fato este que, certamente, expressa a absorção da condenação à prática de beber veiculada em campanhas frequentes e constantes contra o alcoolismo para esclarecimento público, como indica (MATOS, 2000, p. 28), no período em foco em seu estudo, qual seja de 1890-1940, mas que deve ter extrapolado a ele, porém mesmo assim já atingindo largos setores da população.

Portanto, bebericar poderia ser prática perigosa, pois possibilitaria que a pessoa “pegasse o vício”, e aquele que o fazia era um desgraçado, mísero, pobre infeliz, como Patureba, que “Gosta muito da caninha”, sendo visto por isso como “um coitado”. Assim era pessoa já condenada e mal vista: “Se fosse pregar-lhe sermões sobre os efeitos do álcool no

organismo era perder tempo. Sempre lhe dava amostras para o fígado ameaçado de cirrose e pra outras mazelas que a pinga trazia para fora.” (BRASILIENSE, 2002, p. 222, 228, 230).

3.3 – Do Crescimento Populacional e seus Problemas

Conforme a nova capital de Goiás ia crescendo e desenvolvendo, novos contingentes populacionais iam chegando a esta cidade, talvez para tentar uma nova vida nas construções que proliferavam, principalmente, como operários. Chaul (1997) nos remete a essas pessoas que também fizeram parte da construção de Goiânia:

Quando comumente se fala da construção de Goiânia, fica uma lacuna histórica que poucos trabalhos editados sobre o assunto e preocupam em preencher. Pedro Ludovico, os arquitetos, os urbanistas os engenheiros, entre outros, representa uma face dos construtores. Mas há uma história também de outros construtores, de importância bem maior, a nossa ver, do que a dos oficiais e dos gloriosos nomes que fizeram a nova capital: a dos operários. Afinal, se não há herói sem povo, não há também construções sem operários. (CHAUL, 1997, p. 107).

Com esse fragmento percebemos que a cidade de Goiânia pode ser concretizada graças ao trabalho árduo de pessoas como Joviano que sempre esteve a olhar a cidade como um lugar de oportunidades.

A população de Goiânia era composta por um grande número de imigrantes que vinham de diversas regiões do Brasil devido às oportunidades oferecidas nas obras de construção da cidade. Naquele período estava em alta também a imigração, como a italiana e portuguesa. Sendo assim, vieram para Goiás, além desses dois grupos, os imigrantes espanhóis, japoneses, alemães, sírios, poloneses, uruguaios e outros. “No censo de 1940, os imigrantes árabes, então englobados sob o título de sírios, continuaram a ser a maioria e representavam 35,44% do total de estrangeiros que vivam em território goiano”. (NUNES, 2007, p. 196).

Assim, mencionando a presença dos imigrantes na cena urbana, envoltos às atividades comerciais ambulantes, logo agindo como mascates, em especial os italianos, o narrador afirma acerca de um “estranho” com o qual o Dr. Ferreira, que morava “para os lados da Praça Cívica”, deparara em seu alpendre: “Se fosse algum mascate mandá-lo-ia embora com uma negativa descortês. Não tinha tempo para ver panos, relógios e bugigangas. A cidade estava formigando de carcamos que muitas vezes se faziam entender por acenos.” (BRASILIENSE, 2002, p. 153, 260).

No livro podemos destacar ainda um trecho onde esses “estranhos” forasteiros são mencionados: “A população da cidade já era bem crescida, a todo momento surgiam caras novas pelas ruas. Milhares de fisionomias estranhas. Andavam-se no meio de uma multidão sem se notar um conhecido.” (BRASILIANSE, 2002, p. 188-189).

Em sua maior parte, os imigrantes em Goiânia, eram árabes, que contribuíram para o crescimento econômico da nova cidade. Eles começaram a transformar a cidade em um centro de abastecimento comercial para todo Estado.

Os comerciantes árabes realizaram em Goiânia uma verdadeira revolução nas práticas comerciais: redefiniram as condições de realização do lucro para todo o setor, adotaram uma política de vendas a crédito, ampliaram uma alta rotatividade no estoque de mercadorias e dedicaram uma maior atenção às necessidades do consumidor. (NUNES, 2007, p.199).

Esses imigrantes vindos a Goiânia muito contribuíram para o crescimento da cidade populacional e economicamente, pois muitos deles investiram também em comércios e, além disso, as mulheres, geralmente, trabalhavam de babás e domésticas.

Mas na frente no romance, nos deparamos com Toninho observando a cidade e pensando acerca de seu rápido crescimento populacional:

Toninho olhou a cidade lá em baixo, os flamboyants em floração, as avenidas em movimento intenso. Espantou-se por vê-la tão crescida. Havia bairros que não conhecia ainda, por falta de tempo. A cidade já engolia o tempo, esmagava o indivíduo com a sua população de mais de oitenta mil viventes. (BRASILIANSE, 2002, p.134).

Enquanto o dito e tão enaltecido progresso ia chegando à cidade por todos os lados, tomando conta do tempo de seus habitantes, via-se, cada vez mais, virem novos trabalhadores para Goiânia, como, por exemplo, como já dito antes, os nordestinos que Brasiliense cita em seu livro. Em um trecho ele remete a esse grupo de pessoas que viera à nova capital em busca do emprego e tentar uma nova vida para suas famílias:

[...] Por ali se abrigavam bandos de nordestinos que chegavam para a da nova cidade. Alguns encontravam trabalho nas construções, na Usina do Rochedo, na limpeza de quintais, nas lenharias. Os rapazes sadios pegavam logo farda. [...] As mocinhas empregavam-se em casa de família. (BRASILIANSE, 2002, p. 51).

A capital do cerrado estava, portanto, estaria cumprindo sua função tal como proposta pela Marcha para o Oeste; atraindo pessoas com o sonho dourado de uma vida melhor. No entanto, um trecho retirado da citação acima nos aponta para alguns dos problemas e contradições que permeiam essa imagem, a princípio feliz, ao dizer: “Algumas velhas e

meninos pechinchavam pelas ruas, açulando o exibicionismo dos esmoleres.” (BRASILIENSE, 2002, p. 51).

Portanto, essa sociedade possuía lá seus percalços, conflitos e contradições que remetem a condições precárias de existência de muitos, com idosos, loucos e criança pelas ruas, esmolando ou o trabalho de operários exercido situação adversa e inapropriada levando, inclusive, à morte, como o já mencionado Terêncio que “havia morrido de febre braba, [...] tifo vindo da água sem asseio”, bebidas na mão, direto dos registros nas construções, segundo os médicos, mas que os companheiros consideravam que “era de danação no serviço, cozinhando no sol e constipando na chuva.” (BRASILIENSE, 2002, p. 45).

Brasiliense nos indica, ao longo de sua narrativa, infindos problemas sociais que experimentava a cidade e seus habitantes, os quais aproximados formam um calidoscópio com as diversas imagens em combinação de tais deficiências, conflitos e tensões. O autor nos oferece cenas variadas de violência urbana, inclusive contra as mulheres, com surras e mesmo morte como de uma sendo sangrada por um homem (BRASILIENSE, 2002, p. 56, 59). Além disso, ao tratar dos espaços de sociabilidade populares, os representa como lugares marcados por muita violência, como veremos no próximo capítulo em item que aborda as sociabilidades e os espaços de lazer.

Conforme Regis Morais (1985, p. 15-6, 18-21, 23), ao abordar a questão da violência urbana nas cidades grandes, o medo, por diversas razões faz as pessoas definharem, devido múltiplas ameaças desde aquelas vermelhas (sangrentas) até aquelas brancas que perpassam nossa experiência de sobrevivência física e psíquica, pois conviver com o caos dificulta nossa capacidade de compreensão do ambiente citadino. Assim, temos medo do crime, que é apenas um dos aspectos da violência urbana; temos medo da polícia corrupta e das armas dessa e dos bandidos; temos medo de ser atacados por menores abandonados na rua ou loucos; medo de grande parte das pessoas ao volante; medo da agressividade cruel e das taras. Isto tudo, porque a cidade grande é um espaço agressivo e tenso, com várias ciladas.

Prosseguindo nas combinações de imagens fragmentadas e dispersas pela obra acerca de tais problemas experimentados pela população da jovem capital ficamos sabendo da existência de muita gente corrupta na polícia, na qual “o ordenado do delegado era mixe, mas brigava-se pelo cargo, por causa da muamba”, como tomar um revólver numa esquina e vender na outra, além de quem entrava na cadeia sair depenado. Desse modo, “delegado de calça curta tá ficando rico com muamba, escorado nos praça” (BRASILIENSE, 2002, p. 54-5). Os políticos também foram representados como igualmente corrompidos e viciosos, como veremos mais adiante.

Ainda figurando nesse imaginário de roubos e falcaturas, temos a população comprando produtos falsificados, como o “Cafê de pacote” que estava “uma peste” por ter “até milho e casca de pau” (BRASILIENSE, 2002, p. 56); ou de vendeiros desonestos, como Vitorino que era um “traste”, pois “Roubava no peso e na medida, vendia mercadoria estragada por preço de coisa boa.” Enfim, de um monte de “Gente espertalhona”, como Sancho que vendia uma “lenha da peste”, por ser pau verde. (BRASILIENSE, 2002, p. 142). Faltava fiscalização pública rigorosa no que refere aos serviços e mercadorias ofertadas à população e por ela consumidos, inclusive no que referia aos remédios. Conforme o médico Dr. Ferreira, “Fiscalização rigorosa era cano de enxurro para as falsificações, os contrabandos, os jogos de azar.” (BRASILIENSE, 2002, p. 262).

Quadro esse adensado com cenas ligadas às questões da terra, de sua ocupação e posse, tanto no campo como na cidade, mas reverberando diretamente na última, onde deparamos com passagens de invasão de terrenos alheios (BRASILIENSE, 2002, p. 57), possivelmente devido à especulação imobiliária e aos loteamentos clandestinos: “Os forasteiros se espantavam com os preços dos lotes. Um milhão e quinhentos mil cruzeiros por um pedaço de terra no centro, em zona comercial. Chão para residência não se comprava mais por duzentos mil” (BRASILIENSE, 2002, p. 152). Desse modo, “Gente pobre apanhava quase todo dia” de seus “agressores, sem compreender por que terra sem arame farpado, sem estacas e sem sinal de benfeitoria não era de todo mundo” (BRASILIENSE, 2002, p. 152).

O romance remete também, como veremos mais detidamente à frente, em outro item, a gente expulsa do campo ao ter suas “terras roubadas com documentos falsos” (BRASILIENSE, 2002, p. 149), expropriadas pela violência e brutalidade de escusos grileiros (BRASILIENSE, 2002, p. 100). Grileiros como Juventino, descrito como “finório metido na sociedade, dando bicadas de urubu em inventários para arrastar terra de grilo para suas posses” (BRASILIENSE, 2002, p. 141). Assim havia quem “tinha medo de cidade grande” (BRASILIENSE, 2002, 149).

A infância e a juventude, que deveria ser o futuro da cidade, do Estado e da nação experimentavam situações de abandono e descaso. Nesse sentido, nos cabarés, como o “Sonho Azul”, homens aproveitavam da “juventude perdida” de moças acoissadas pela miséria e levadas à prostituição (BRASILIENSE, 2002, p. 85). Nos espaços públicos, circulavam e moravam menores desvalidos, “uma meninada solta que faz dó”, que “de dia pede esmola e de noite dorme onde dá na veneta”, como em alpendres, “espichados, embrulhados em jornais velhos”. Crianças e adolescentes, que furtavam e eram presas pelos guardas (BRASILIENSE, 2002, p.98-9). Para o médico dr. Ferreira, “o governo devia amparar esses coitados”, pois

“Nessa marcha acabam é se desgraçando, virando malandros da pior espécie” (BRASILIENSE, 2002, p. 110). Na “Cidade do progresso” meninos eram presos, como “uma turma de garotos que tava furtando”, segundo alguns a mando das autoridades que lhes devia proteger: “Diz-que tem gente da polícia mandando a rapaziada furta”, o que para Joviano era “Falta de governo” (BRASILIENSE, 2002, p. 110). Gente desvalida ainda como uma “mulher magra”, vista por Toninho, “com o filho morto nos braços agachada no passeio, os olhos abobados no vaivém dos caminhantes”, pois “procurara a Santa Casa para tratar do menino, mas não havia vagas”. Como ela, ali “muita gente dormia nas proximidades do prédio” (BRASILIENSE, 2002, p. 162).

Portanto, de acordo com Moraes (1985, p.25), ao abordar a violência citadina, a “violência está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica. Resumindo-se: violentar o homem é arrancá-lo de sua dignidade física e mental.”.

Assim, a urbe representada como moderna pelos políticos e pela imprensa, dita progressista, era palco de opressões, de desencantos, de angústias e de dramas variados. Para Toninho a cidade, “tão crescida” e movimentada, possuía um “monte de desajustados” sociais (BRASILIENSE, 2002, p. 134).

3.4 – Preocupação com o Trabalho: sua Apologia e a Condenação à Malandragem

Em contraponto a esse universo de corrupção, vícios, violências, abandonos, e tantos outros problemas urbanos, a questão do trabalho é abordada em diferentes momentos do romance. Por isso achamos relevante tratar dessa temática nesse espaço, onde falaremos das representações acerca do labor e seu lugar na vida em sociedade, e da condenação à malandragem.

Neste contexto histórico, no qual se passa o enredo da narrativa de Brasiliense, era empreendida no Brasil a política trabalhista de Getúlio Vargas com diversas campanhas que buscavam a positivação do trabalho e do trabalhador; diversos benefícios estavam sendo concedidos aos trabalhadores por meio de projetos do governo, os quais eram também mecanismos de dominação e controle. Lenharo (1986, p. 87) esclarece que nos discurso o “trabalho atraente, como fonte (relativa) de prazer, só poderia se dar a partir do encontro daquilo que somos – as nossas aptidões e inclinações”, e assim se poderia encontrar seus resultados.

Em *Chão vermelho*, quando se discute o trabalho, sempre se valoriza e enaltece a luta de cada dia, em que cada personagem vai vencendo suas dificuldades e suas barreiras, para, a partir daí, alcançar o êxito. Em um trecho em que Toninho conversa com um amigo em um bar, ele diz: “É melhor a gente começar de baixo [...] muitos começam do alto e terminam como frutos que apodrecem antes de amadurecer.” (BRASILIENSE, 2002, p.124). Nesse sentido, a fala de Toninho dialoga com discursos de valorização e positividade do trabalho apontados por Lenharo (1986, p. 92) que considera que “no trabalho revelamos o que somos. Trabalho de qualidade – homem de qualidade”.

Ao longo de todo o romance podemos ter a ideia de como os personagens consideram o trabalho, e, em geral, como algo que dignifica, eleva e salva o homem de perder-se, danar-se. Para o operário Joviano, “sua religião era o trabalho, onde a velhacaria era o pecado maior. Considerava o trabalho uma espécie de escada de Jacó por onde chegaria aos pés de Deus”. (BRASILIENSE, 2002, p. 210).

O trecho abaixo indica o trabalho pesado como atividade que satisfaz e realiza aquele que a exerce, como no machado, na enxada, na construção civil. O personagem Marcelo é descrito como se sentindo digno e honrado com o tipo de trabalho que conseguiu na cidade, com o qual garantia moradia e sustentos da família:

Marcelo, depois de ficar bom, encontrou apoio no machado e na enxada. Desde menino eram seus instrumentos de trabalho, manejava-os com satisfação. Capinava quintais, rachava lenha, tinha uma diária que lhe garantia o aluguel de uma choça no bairro e sustento para a família. (BRASILIENSE, 2002, p. 166).

Diversos eram os lugares em que se encontravam trabalho na cidade em permanente construção, desde a construção de casas particulares até a construção de obras públicas, como podemos observar novamente nas duas fotos seguintes de Oliveira. A primeira nas obras da Avenida Paranaíba com a Goiás e, a segunda, da Anhanguera.

Foto 10- Trabalhadores na construção da Avenida Paranaíba com Avenida Goiás, 1953



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 49.

Foto 11- Trabalhadores na Construção da Avenida Anhanguera, 1955



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 85.

Em uma passagem Joviano afirma que a cidade era um verdadeiro campo de obras, logo, de trabalho. Segundo ele “não faltava trabalho pra gente que preste” (BRASILIANSE, 2002, p. 140), e mais adiante expressa: “aqui tem muito serviço” (BRASILIANSE, 2002, p.

140). Tais menções soavam como uma promessa ou esperança para quem estava à procura de emprego na nova urbe e como condenação aqueles dados ao ócio, à vida boa e ganha de forma escusa.

Trabalho era o que não faltava na nova capital, segundo Bernardes (2009):

Durante o período de construção passaram pela Superintendência de Obras mais de quatro mil trabalhadores, número que aumentava ou decrescia segundo a quantidade de dinheiro disponível para prosseguimento das obras. (BERNARDES, 2009, p. 38).

Com esse fragmento podemos reforçar o que foi narrado por Brasiliense em seu livro, em especial quando diz que “não faltava trabalho pra gente que preste”. No decorrer do livro, o trabalho passa por constante e incansável apologia, sendo enaltecido o trabalhador e condenado e discriminando o malandro, o ocioso, o espertalhão. Joviano durante suas conversas com outros personagens sempre aconselhava e pregava o valor que cada um tem com o desenvolvimento de seu trabalho. Para ele, dinheiro sujo era motivo de “nojo”, sendo rejeitado.

- Queria que vocês guardasse o dinheiro pra mim.
- Não pego nesse cobre, Joaquim. Aqui em casa ninguém pega. Pode tocar fogo nele se quiser. Vem pra cá, traz Xandoca, aqui tem muito serviço. Agasalho a gente arruma pra tu trabalhar.
- Esse mundo tá podre, Jove.
- Tu foi quem apodreceu. Dá valor na tua pessoa, Joaquim. Malandro é traste.
- Acho que não tem mais esperança pra gente pobre não, Jove.
- Tem muita esperança, Joaquim. Esperança é o que não falta.
- Dá valor na tua pessoa e no teu trabalho que tudo melhora. Traz Xandoca pra cá. (BRASILIANSE, 2002, p.140).

Podemos perceber na conversa entre Joviano e Joaquim, que havia chegado da cidade de São Paulo, onde levava a vida na malandragem por lá, fingindo ser aleijado no Viaduto do Chá para tirar dinheiro dos passantes, que atividades assim, viciosas e corruptas, eram motivo de desgosto e desprezo para gente honesta e de valor, como no narrador de Brasiliense.

Observamos ainda, como já apontado acima, que naquele momento, na cidade de Goiânia, havia vários comerciantes “malandros” e espertalhões, que vendiam mercadorias falsificadas e estragadas, mas que Joviano também os condenava e desprezava por seus atos ilícitos, como o dinheiro ganho de forma fácil.

Vitorino era outro traste. Roubava no peso e na medida, vendia mercadoria estragada por preço de coisa boa. Gente espertalhona era como foguete de rabo, muito barulho na subida, mas não ia longe e nem sempre deixava vintém para netos. (BRASILIANSE, 2002, p.142).

Mas, se o trabalho honesto foi o tempo todo contraposto à malandragem na narrativa, nesse exercício apologético, não falta menções de que a cidade de Goiânia tinha muito a oferecer aos trabalhadores, àqueles que acreditavam no discurso enaltecido do trabalho, visto, como já dito anteriormente, como “uma espécie de escada” que eleva as pessoas a Deus. (BRASILIENSE, 2002, p. 210). Para Joviano a cidade, com o movimento de gente andando para todo canto e o tempo todo, era, em muito, fruto de seu trabalho e poderia ser também do ocioso e malandro Joaquim. A cidade, “Tinha muito de seu braço e poderia ter também um pouco daquela força que se escondia no braço de Joaquim. Sempre olhava as casas que construía com modos de pai que dava filhos para outros criarem.”(BRASILIENSE, 2002, p.142).

A força de trabalho aparece como algo natural e que também eleva o homem ao sobrenatural, sendo esperança e possibilidade de mudança aos decaídos, degenerados e fracos. Portanto, atrelada a mensagens de otimismo e de alcance da felicidade, de realização pessoal; o trabalho é abençoado, sua força é sagrada, emana da natureza e dignifica o homem. Após ver a sua frente a cidade que brotara na planície deserta, no “cerradão”, como, em muito, filha de seus braços Joviano, expressou seu sentimento acerca da questão:

Não era homem de leitura, entendia apenas do prumo e da colher, mas se considerava feliz. Doença passava por longe de sua casa, tinha tutano para o serviço. Dava conta de suas obrigações. Naquele momento sentia que uma força vinha do ar, do sol que começava a aparecer, do cheiro da terra, do orvalho, das ramagens. Vinha para o seu braço. Ficou um pouco encabulado por não se lembrar do número de casas que já havia feito na cidade. O certo é que não existia rua que não tivesse marca de seu serviço caprichado. (BRASILIENSE, 2002, p. 143)

Por sua postura ante a vida e ao trabalho, Fernando, um amigo de Joviano que ansiava erguer-se por meio do garimpo, após abandonar a construção civil, onde era ajudante daquele, declarou: “Tu és mesmo que diamante desperdiçado no barro!” (BRASILIENSE, 2002, p. 172). Para esse homem exposto e edificado como exemplar, que se negava a mexer com política, o trabalho, como já dito, era sua religião, atividade que o levava a Deus, mas também sua política, como afirmou: “_ Não mexo com política. Minha política é o trabalho.” (BRASILIENSE, 2002, p. 226). E, fechando o romance, em sua última frase, após ter enfatizado, no começo do parágrafo, que Juventino era um traste, expressou sua admiração por muitos de seus companheiros trabalhadores, declarando: “Amavam a vida e o seu trabalho, não se deixavam vencer pelo desespero. Nem santos nem heróis, apenas homens.” (BRASILIENSE, 2002, p. 275).

3.5 – A Questão da Terra e dos Costumes Rurais

Se no item acima abordamos alguns problemas que afetavam a vida dos habitantes da cidade, sobretudo de suas camadas trabalhadoras, neste tópico ateremos à questão de como o romance faz referência a dadas questões relacionadas à terra, tanto rural quanto urbana e seu uso e ocupação. Grande parte dos viventes da jovem cidade era da zona rural e nem por isso esse povo do campo deixou de lado suas raízes e seus costumes. Os personagens que eram “povo do campo”, como Joviano, que “Antes de aprender o ofício de pedreiro fora trabalhador de roça” (BRASILIANSE, 2002, p. 46), percebiam e expressavam as diferenças entre o mundo rural e aquele da cidade. Alguns as compreendiam, mas não deixavam de lado seus traços rurais, que permaneciam em suas práticas comuns na experiência urbana.

Nesse sentido, destacamos o trecho abaixo, em que um soldado, ao observar o passar de um funeral, afirmou: “_ Essa gente nem sentiu a chuva – disse o militar. Nunca vi enterro no mato que não tivesse muita pinga. Também já morei na lavoura, já ajudei meu pai plantar roça, já acompanhei corpo.” (BRASILIANSE, 2002, p.132).

Também é apresentado em *Chão vermelho*, como já indicamos um pouco, o campo como espaço marcado por conflitos, tensões e pressões, do qual muitas pessoas eram expulsas de suas terras devido aos interesses econômicos de espertalhões, sendo obrigadas a irem para a cidade em busca de melhores condições de vida. Com isso a cidade de Goiânia também passou a ser um lugar de escape para essas pessoas que foram expulsas do lugar onde habitavam. Podemos ver isso em uma cena em que Marcelo, expropriado de suas terras, fora com sua esposa para Goiânia:

- Me tomaram tudo, fiquei com a noite e com o dia, nem ia chamar ninguém. Tou feito mulambo aqui na casa de compadre. [...] Marcelo havia vencido a ruindade da terra e a tornara produtiva. Quando os soldados chegaram lá, acapangados pelos grileiros, lutara até esgotar-se para depois ser surrado sem soltar um berro. Quando sua casa estava pegando fogo sentia o incêndio era dentro, estirado no chão. (BRASILIANSE, 2002, p. 103).

Esse tipo de episódio era comum na região e naquele momento. O personagem Cabo Joca, faz, em outro trecho do livro, uma fala em que conta sobre a intervenção policial em favor dos grileiros:

- De vez em quando aparece serviço duro pra gente. Na captura é dureza, é fumo mesmo. Já trabalhei nela, mas larguei logo, porque é mesmo que o grupo caçador de onça. Já viu a gente trazer onça viva? Uma vez mandaram a gente botar um agregado pra fora de terra. O homem lascou fogo nos

praça, mas bala não pegou. Gritou que não saía da casa dele, onde morava não sei quantos anos, nem largava a roça plantada pra seu ninguém.
 – Pra que foram mexer com ele?
 – Foi grileiro que mandou. Inda prometeu gorjeta se a gente fizesse “serviço” com o coitado. (BRASILIANSE, 2002, p. 111).

Nesse contexto, de terras roubadas, de grileiros, de documentos falsos, de camponeses expulsos de suas terras, de policiais a serviço dos especuladores, Marcelo, que perdera a paz e as “terras onde pisara primeiro o avô materno”, e nas quais produzia fartura com seus braços fornidos, já “Ouvira falar em usucapião”, mas considerava um “nome sem serventia, pois grileiro tinha mais força do que a lei.” (BRASILIANSE, 2002, p. 148).

Conforme José Graziano da Silva (1990, p. 97-8, 102), as zonas de expansão da fronteira agrícola, nesse período, como a região Centro-Oeste, foram marcadas por lutas dos posseiros numa resistência obstinada contra a grilagem de suas terras, que foi uma das maneiras pelas quais a grande propriedade ampliou seus domínios, e não o fez para utilizá-las com fins produtivos, mas como reserva de valor e meio de acesso a outras formas de riqueza, como os incentivos fiscais, o crédito farto e barato, etc. Mas, na realidade, a ação de muitos órgãos do Estado era dedicada a ajudar os grileiros e sua intenção especulativa.

Avançando na discussão acerca da terra podemos dizer que diversos elementos mostram traços e características rurais dos personagens, como, por exemplo, a tática adotada no meio rural de usar trilhas para cortar os caminhos mais longos, os ditos atalhos. Ao andar pelas ruas da cidade planejada, Toninho se deparava por ruas com casas muito parecidas: “Aquela rua possuía residências muito parecidas. Sempre se atrapalhava também com a numeração das ruas e vielas, baralhadas como pedras de vispora.” (BRASILIANSE, 2002, p. 67). Então, por isso, Toninho passou a adotar o uso dos atalhos: “Toninho foi varando o bairro por atalhos em lotes sem construção.” (BRASILIANSE, 2002, p. 66).

Mas adiante, percebemos outro elemento que nos remete aos costumes rurais interferindo na vida dos personagens, e assim vão os incorporando na paisagem urbana.

Ferreira foi à pia, lavou as mãos, o rosto, os braços, molhou a cabeça. Enquanto escovava os dentes olhava para o terreiro, pela vidraça. Os cajueiros do quintal estavam crescidos, dariam frutos no ano seguinte. As figueiras já estavam na terceira carga e os pés de abacaxi tinham frutos de vez. Muitas flores, especialmente vermelhas. Tudo plantado por Santinha. (BRASILIANSE, 2002, p.154).

Era comum entre as pessoas fazer em seus lotes jardins e nos quintais pequenas hortas, além de plantarem diversas árvores frutíferas. Vemos, então, neste trecho, que esse costume

trazido do meio rural permaneceu na capital recém-fundada, dentre outros como o uso de lamparinas para iluminar a casa e do fogão de lenha para fazer as refeições.

Com esses fragmentos, percebemos que a cidade de Goiânia tinha uma ligação forte com o campo, como mostrado em *Chão vermelho*, certamente devido seus habitantes daquela época ser oriundos do meio rural. Esses elementos integraram, assim, a moderna capital do Estado.

CAPÍTULO IV

OUTROS OLHARES SOBRE A CIDADE: POLÍTICA, SOCIABILIDADES E ENSINO

É objetivo, neste capítulo, abordarmos os olhares e as visões deles oriundas acerca do campo social da política, tratando de seus males, mas também das esperanças depositadas nessa dimensão da vida social, bem como das percepções e apreciações ao redor dos espaços e momentos de lazer e sociabilidades representados em *Chão vermelho*. Tratamos, ainda, da questão do ensino e da educação escolares vistos como solução para superar as condições adversas vividas pelos setores populares da população e, por fim, focamos algumas leituras sobre a capital que, de certo modo, sintetizam vários aspectos oriundos dos olhares dos personagens sobre a cidade.

4.1 – A Política: Males, Eleições e Esperanças do Povo

No cenário de conflitos e tensões, de confrontos e disputas que a vida na cidade tecia, em muitos momentos do romance, encontramos referências à esfera da política, como já mencionamos anteriormente, como espaço de disputas de forças e de corrupção presente em variados setores da vida pública. Os políticos foram representados como corrompidos e viciosos. Por isso encontramos condenações ao comportamento daqueles chefes políticos e suas práticas ilícitas, considerados “uma desgrama”, como uma casta marcada por males, miseráveis, “uma lazeira”, por entrarem “na cadeia para soltar preso e devolver arma de jagunço deles” (BRASILIENSE, 2002, p. 55), “capangas de grileiros” (BRASILIENSE, 2002, p. p. 147). Segundo a narrativa esses políticos, “todo mundo anda armado” (BRASILEINSE, 2002, p.55), enquanto os trabalhadores ficavam sem suas armas, pois apreendidas pela polícia e pelos jagunços.

Os políticos foram representados ainda como governantes que rapidamente enriqueciam, como certo prefeito: “Sou é prefeito, a melhor coisa que já se inventou para um brasileiro subir na vida” (BRASILIENSE, 2002, p. 181), isto não sendo “besta”, mas vendendo tratores, arados e “jeeps” pedidos “em nome da Prefeitura, por intermédio da CEXIM, pois particulares não podem”, dizendo depois “que a municipalidade não está em condições de ficar com a encomenda” e vendendo “as licenças para firmas do Rio, por dinheiro grosso”, com altos políticos envolvidos nas negociatas, como veremos mais adiante. (BRASILIENSE, 2002, p. 182).

Conforme Silva (1990, p. 27-28), nesse período, por volta de 1950, instalaram-se no Brasil fábricas de máquinas e insumos agrícolas, implantando indústrias de tratores e equipamentos agrícolas, como arados, grades, etc., que assumiram o comando do processo de acumulação de capital, ao passo que o país deixava de ser “eminente agrícola”. Assim, a agricultura brasileira criava um mercado consumidor para esses novos meios de produção e, para ampliar esse mercado, o Estado empreendeu um conjunto de políticas agrícolas destinadas a incentivar a aquisição dos produtos desses novos ramos industriais, acelerando o processo de incorporação de modernas tecnologias pelos produtores rurais.

Avançando na leitura das representações acerca do campo político trataremos agora da preocupação dos personagens com a forma como política estava sendo conduzida ainda, como nas eleições, que se aproximavam, e os anseios da população com relação a elas. Percebemos também, em muitos os casos, que os personagens tinham uma dependência muito grande em relação aos políticos e às medidas governamentais para solucionar os mais diferentes problemas que iam aparecendo em seu dia a dia, depositando neles suas esperanças e expectativas.

Dona Fia, esposa de Joviano, já antes mencionada, via nos produtos da moderna indústria cultural uma afronta à moral, como indicado no momento em que ela pega seu filho lendo revistas e considera que o governo deveria proibir algumas publicações: “Não sei porque o governo não proíbe essas porcaria. Pra minino é esse Gibi Chato, de caso bobagem. Pra gente grande é só revista imoral, cheia mulher pelada” (BRASILIANSE, 2002, p. 49).

Como já dissemos antes, a menção e esperança de Dona Fia que o governo interferisse nessa questão e proibisse tais publicações, como os gibis, certamente, advinha da discussão ampla que tomara conta da sociedade brasileira já há algum tempo e que nos anos cinquenta havia tornado objeto de novos embates, inclusive no Congresso Nacional. Possivelmente em decorrência desses debates, mais adiante no texto, temos Toninho refletindo e já concordando com as ponderações da mãe sobre esse tipo de material ao dizer: “Todas as revistas da atualidade estavam sem interesse, atulhadas de banalidades, repositórios afrodisíacos. A mãe tinha razão quando implicava com essas publicações. Excitantes bobos. Não era mais frangote para exaltar-se com figuras de revistas.” (BRASILIANSE, 2002, p. 186).

Nesse trecho também podemos perceber a questão, já foi mencionada anteriormente, dos personagens possuírem uma visão passiva em relação a sua atuação no campo político e esperarem pela ação dos políticos e pelas medidas do governo para solucionar os mais variados problemas que atingiam sua vida e da sociedade naquela época, tal, como por

exemplo, no que refere às publicações consideradas imorais, e, como veremos abaixo, em relação ao circo e mesmo aos meninos soltos pela rua.

A visão que as pessoas, em geral, possuíam sobre os fatos e acontecimentos ligados ao campo da política, era marcada pela perspectiva oficiosa e oficial, pois informados por órgão que as veiculava de modo amplo nesse viés. Alguns personagens acompanhavam o dia a dia dos políticos e a maneira de governar por esse tipo de imprensa, como o *Diário Oficial*, como nos indica o Cabo Joca em conversa com Joviano: “_ [...] Tem muita política nas informações de jornal. [...] _ Sabe, Jove? Minha política é o ‘Diário Oficial’. Sempre do lado de cima.” (BRASILIENSE, 2002, p. 54). Ainda nesse viés de atrelar a produção da imprensa e a visão que ela oferecia ao público dos fatos a certos interesses de segmentos dados da sociedade, da informação ser parcial, orientada e formatada por motivações diversas desses estratos, Joviano afirmou: “Nunca se orientava por jornais e partidos, fosse do governo ou da oposição, não gostava de ser encabrestado por ninguém.” (BRASILIENSE, 2002, p. 221).

Nesse sentido, de meios de comunicação de massa que difundem imaginários sociais atrelados à informação, os quais afetam todos os domínios da vida social, prestando-se a manipulações, conforme Bronislaw Baczko (1984, p. 313), durante o período após a inauguração da capital, passaram a circular, na cidade, diversos periódicos.

Segundo Eurico Barbosa (2013), em 1938 circulou, pela primeira vez, na capital o semanário *O Popular*, que se tornou um importante órgão da imprensa goiana, a qual a partir do começo dos anos de 1950 teve crescente expansão. Concorreu para tal a criação, em 1939, da *Folha de Goiaz*, que já em 1946 era bissemanária e, ao aliar aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, passou a um jornal diário, tornando aquele de maior tiragem de Goiânia, e tendo entre seus redatores Eli Brasiliense. Em 1942, fora criada a *Revista Oeste*, que trazia notícias referentes aos governos, em suas três esferas, sob o ponto de vista da elite, dos setores dominantes da sociedade. Em 1946, se fundou *O Jornal do Povo*, porta voz da União Democrática Nacional (UDN), figurando como instrumento de confronto com o órgão do PSD, o semanário *O Social*, que também possuiu em sua redação Eli Brasiliense. Em 1952, entrou em circulação *O Jornal de Notícias*; e em 1953, o diário *O Momento*, que ganhou notoriedade pelas manchetes sensacionalistas e por suas denúncias. Em 1957, passou a aparecer o vespertino *Diário da Tarde*, porta voz pessedista, no qual Eli Brasiliense também foi redator. E, findando o decênio, em 1959, foi criado o *Cinco de Março*.

Percebemos ainda, a acima mencionada postura passiva das pessoas de esperarem pela atuação dos governantes e dos políticos para solucionar muitos problemas que as atingiam no que refere a outros aspectos ligados ao campo da cultural. Depositavam expectativas também

que fossem resolvidos e definidos por políticas governamentais outras questões, como indica o diálogo entre Toninho e Alfredo, no qual eles conversavam sobre a responsabilidade do governo acerca de atividades de lazer, como o circo, talvez por trazerem em memória algum registro referente à célebre forma clássica de que o governo deveria dar pão e circo ao povo pão:

- Poucos palhaços agradam hoje. O circo está em decadência, Alfredo, não resta dúvida.
- Circo é divertimento do povo, precisa é de proteção. O governo deveria construir circos de cimento armado para que essa gente se encorajasse mais. Não precisam carregar esse mundo de paus, tábuas, corda e panos. (BRASILIENSE, 2002, p. 125).

Aqui, então, podemos perceber, mais uma vez, que os personagens esperavam uma intervenção do governo, medidas protecionistas, com investimentos na área da cultura, do lazer e do entretenimento na cidade de Goiânia. Com isso vislumbramos que na visão dos populares faltava aplicação de recursos nesse tipo de diversão e investimento público em tais atividades na nova capital. Nesse mesmo sentido, outro problema social, como já dito, também foi visto como de responsabilidade do poder público, que era o número de meninos soltos na rua e sem amparo, que estavam aumentando na cidade, que foi imputado ao governo, ou mais precisamente, consequência da ausência de ações governamentais que resolvem a questão. (BRASILIENSE, 2002, p. 110).

Já em relação às eleições, comentadas em diversos momentos do livro, pois estavam se aproximando, podemos sentir que eram marcadas pela esperança de respostas e soluções aos mais diversos problemas sociais que surgiram à medida que a nova capital ia ganhando forma. Isso fica claro quando o texto expressa a cerca da chegada do período eleitoral:

AS ELEIÇÕES NÃO ESTAVAM LONGE. Joviano se admirava da coragem de alguns homens que se candidatavam. De certo mesmo só contavam com o próprio voto. Pelas lorotas dos jornais ninguém iria perder. Seriam dois governadores, três ou quatro prefeitos, mais de duzentos vereadores, uns trezentos deputados. Não olhava os politíqueiros com simpatia. Tinham carícias de gato quando garimpavam votos pelos bairros, num atropelamento. Pelo menos movimentavam o dinheiro mofado dos coronéis e de trampolineiros que enchiam a bolsa com negociatas. [...] Nunca se orientava por jornais e partidos, fosse do governo ou da oposição, não gostava de ser encabrestado por ninguém. Votava nos conhecidos e amigos, assim mesmo catando nomes no meio do cardume de candidatos. [...] Estava decidido a apoiar o candidato do bairro, homem modesto e lutador, operário como ele. (BRASILIENSE, 2002, p. 221-223. Grifos do autor).

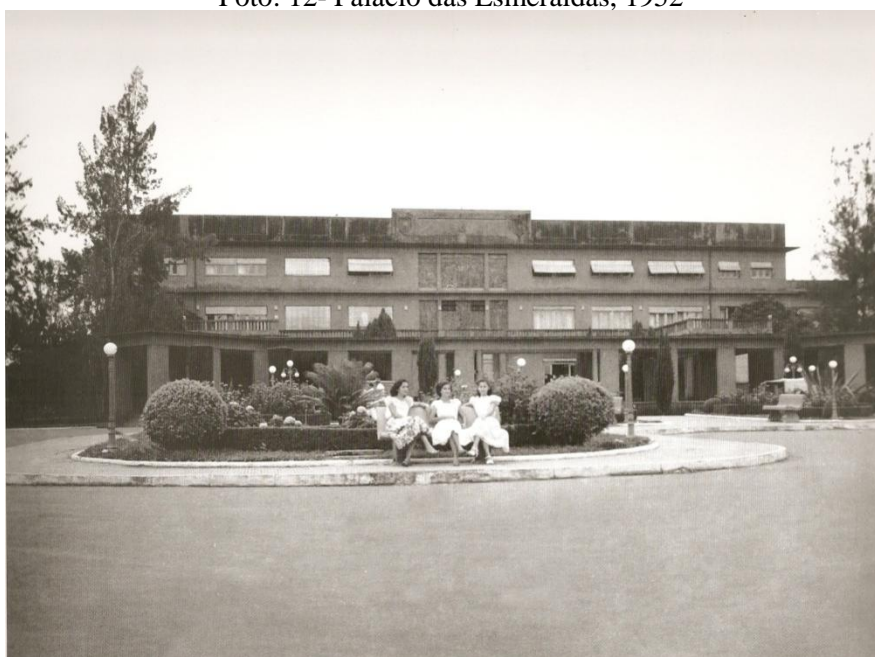
Aqui podemos perceber uma crítica ao regime eleitoral existente e à postura da imprensa como veículos dado a manipulações que favoreciam os candidatos nos mais variados níveis eleitorais. Vemos assim o desânimo que toma conta de Joviano em relação ao período eleitoral e às várias práticas que o constituíam. Ele critica os candidatos que demonstravam simpatia forçada e performativa ante a população para ganhar votos, além de expressar sua opção em votar em candidato da sua localidade e meio, de sua classe social, que conhecia e sabia dos problemas dos mais necessitados, do povo trabalhador.

Essas eleições, como mencionado, servem também para balizar o recorte temporal de *Chão vermelho*, que narra o cotidiano da cidade que cresce a cada dia durante a década de 1950. Além da crítica aos candidatos, Joviano nos informa ainda acerca dos cargos que seriam disputados e conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral, no dia 3 de Outubro de 1954, houve eleições diretas para Deputado Federal, Senador, Governador, Deputado Estadual e Distrital, Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores.

Moreira (2000) reforça e esclarece ainda mais sobre essa eleição de 1954 em suas considerações:

No pleito de 1954 o PSD tornou-se vitorioso. O governo pessedista foi passado para José Ludovico. José Ludovico de Almeida venceu a eleição com 106.540 votos derrotando o udenista Galeno Paranhos, por uma diferença de 1.128 votos. Essa eleição realizou-se em dois momentos, sendo necessário uma eleição suplementar, pois algumas urnas foram contestadas, cujos votos representaram mais do que a diferença ente os dois candidatos. (MOREIRA, 2000, p. 120).

Foto: 12- Palácio das Esmeraldas, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 21.

O Palácio das Esmeraldas, na foto acima de Oliveira, lugar aprazível para belas fotografias, era e ainda o é símbolo do poder político do Estado de Goiás; localizado na Praça Cívica, o qual o governador do PSD eleito em 1954, José Ludovico de Almeida ocupou, fora construído para ser a sede oficial do governo estadual e tivera sua pedra fundamental lançada em outubro de 1933, com a autorização de Pedro Ludovico Teixeira, então interventor de Getúlio Vargas, sendo sua edificação finalizada em março de 1937.

A forma como os políticos conduziam seus governos também influenciavam no dia-a-dia dos cidadãos goianienses naquele período, sendo fácil encontrar passagens no livro, como as mencionada acima, onde os personagens falavam dos políticos corruptos, sem palavras, e até mesmo os chamavam de “sanguessugas do povo” (BRASILIENSE, 2002, p.221).

Durante conversa entre Joaquim e Joviano, pautada em fatos buscados pelo fio da memória, pois dizia respeito “sobre as coisas de tempo de meninos”, Joaquim ofereceu a Joviano um gole de pinga, que foi recusado ao passo o interlocutor dizia que não colocava mais pinga na boca. Foi, então, que Joaquim falou a Joviano que “ninguém mais cumpre palavra hoje, velho. Aprenda com os políticos” (BRASILIENSE, 2002, p.74).

Aqui podemos perceber que na sociedade os políticos eram tratados e vistos como pessoas sem palavras, que não cumpriam com as inúmeras promessas realizadas no período eleitoral e que apenas favoreciam a si mesmos, além da tão mencionada corrupção a eles diretamente associada, como em uma prefeitura, por meio do citado esquema de venda de tratores armado entre empresários, prefeitos, deputados... Esse fato esclarecido por meio de uma conversa de Ferreira em um bar com alguns amigos políticos, na qual ele indaga Nogueira sobre seu enriquecimento e sua relação com o cargo de prefeito:

- Mas Prefeitura dá tanto assim, Nogueira?

[...] – Pra quem é besta não dá. olha aqui, eu vendo tratores, arados e “jeeps”, sabe?

- É representante de alguma firma?

- Peço tudo em nome da Prefeitura, por intermédio da CEXIM, pois particulares não podem. Digo que a municipalidade não está em condições de ficar com a encomenda e vendo as licenças para firmas do Rio, por dinheiro grosso. É tudo batatolina, negócio limpo.

- Negócio sujo, Nogueira.

[...]

- Por direito esse dinheiro pertence à Prefeitura, porque você fez negócio em nome dela.

[...]

- Bobagens. No Rio até deputados e senadores andam metidos nisso. Eles são a vaselina para afrouxar a coisa, aí a gente entra na maciota.

(BRASILIENSE, 2002, p.182).

Portanto, esse quadro de práticas ilícitas no campo político, as quais perpassam suas diversas esferas, adequava à visão de Joviano sobre os maus governos, vendo, em geral, os políticos como dados a “velhacarias”, viciosos e corrupções, sendo “sanguessugas do dinheiro do povo em qualquer governo, aproveitadores safados” (BRASILIANSE, 2002, p.221-2).

Mas além da corrupção, Joviano apontou outro problema referente ao mundo da política que era a violência, pois nessa esfera de disputas, oposições e polarizações, marcada por conflitos e tensões explícitas e implícitas, poderiam ser mortos, fossem eles candidatos ou gente que os defendia ou atacasse. Nesse sentido, o texto remete a um “moço jornalista” que fora “costurado de bala” e “morto no lugar mais movimentado da capital, com sol quente, encantado num lote vago”, levando o narrador a ponderar: “Por causa de política muita gente boa perdia a vida para que outros trepassem no poleiro” (BRASILIANSE, 2002, p. 222). Além desse fato, foi narrado outro acontecimento que foi “a chegada do corpo de um deputado, de avião, traçado de balas. Resultado de um comício em localidade de gente braba” (BRASILIANSE, 2002, p.222).

Em suma, entendemos que o romance trata em diversos momentos de questões relativas à esfera política trazendo críticas às ineficiências do governo, à corrupção, aos vícios e à exploração indevida de diversas situações, mas mostrando também a esperança nos governos depositada de uma sociedade melhor, de ações que voltassem para suprir aspectos considerados ineficientes no funcionamento da cidade e da sociedade.

4.2 – Espaços de Lazer e Sociabilidades

Falar de Goiânia na década de 1950 e não falar de alguns de seus espaços e formas de sociabilidade e lazer é praticamente impossível, pois, são componentes do dia a dia de toda cidade, seja ela de grande, médio ou pequeno porte. Ainda mais uma cidade recém-fundada, e que não poderia deixar de mencionar e preocupar com o lazer em seu planejamento, por mais que as cenas que trataremos aqui possam ser vistas como distantes de algo que fora planejado, configurando, muitas vezes até, como a rasura do desenho bonito produzido na prancheta dos engenheiros, arquitetos e urbanistas.

O lazer é descrito em diversos momentos do romance e não é uma prática isolada, estando sempre ligada ao dia a dia de seus personagens. Bares, passeios, cinemas, parques de diversões e bordéis são as principais formas de lazer mostradas pelo autor durante a obra.

Nos finais de semana em Goiânia havia lugares e momentos de descanso para seus moradores e operários, como os passeios em praças e parques, as brincadeiras das crianças em

diversas atividades de lazer, a ida à igreja e aos museus. Brasiliense nos oferece trechos que retratam esses momentos como a ida, por exemplo, à “romaria de Trindade”, cidade vizinha, que congregava o sagrado e o profano, havendo rezas, procissões, pagamento de promessas, mas também dezenas de barracas, inclusive de bordel, botequins e quiosques (BRASILIENSE, 2002, p.193, 197, 203). Tudo fora da igreja animado com som de viola, espetinhos, bebidas e danças, sendo “lugar pra vadiação”, marcado por promiscuidade, exploração, patifaria, havendo muitos vigaristas e cabras safados, uma “trinca de vagabundos”.

Brasiliense mostra que já se pensava Goiânia como capital da modernidade atendida com um mundo em transformação, que via no espaço urbano mais do que um lugar de se juntar pessoas, mas de proporcionar a essas as benesses do chamado mundo moderno, de seus prazeres, de suas festas, de suas conversas, de ruas, das noites nos bares e bordéis, da vida nas escolas, nas igrejas.

Pessoas sentadas em jardins, descansando nos bancos espalhados pela cidade, a tranquilidade dessas ao conversarem, como ocorria com Joviano e Joaquim, compunham esse cenário, muitas vezes buscando assuntos puxados pelos fios da memória: “iam conversando sobre as coisas do tempo de meninos” (BRASILIENSE, 2002, p.74) e andando pela cidade, sem se aterem a este ou àquele lugar. Crianças brincando nos espaços públicos também eram possíveis de serem observados de forma frequente no período estudado, pois um tipo de lazer que faz parte da vida do povo simples.

A cidade recebia também circos e parques de diversões para alegrar e distrair seus moradores, como Marcelo que “um dia, ao escurecer, regressava do serviço e parou junto de um parque de diversões para assuntar”, no qual havia uma multidão de pessoas à entrada do mesmo ouvindo e aplaudindo um preto que discursava trepado num caixote e pronunciando palavras difíceis (BRASILIENSE, 2002, p. 167). Cabe aqui, ainda mencionar, a presença do circo, como o “circo dos anões” que Alfredo comentara com Toninho que havia começado no dia anterior e que o povo dizia que era “bom”, pois havia anão que vendia postais, trapezistas, números de halterofilismo, pirâmides e saltos mortais. Estava “armado perto do Bandeirante”, o Palácio, e as “sombras que a iluminação interior projetava na lona do circo indicavam que a bilheteria estava bem movimentada.” Aproveitando a oportunidade para tecer uma crítica à iluminação da cidade o narrador disparou: “A luz era forte, em contraste com a iluminação pública, e provinha de um motor que trepidava num barraquinha” (BRASILIENSE, 2002, p. 121-2).

Outra prática de sociabilidade que também notamos no livro, é aquela das festas em casa das famílias, como na rica residência de Noêmia, namorada de Toninho, que ofereceu uma festa em seu aniversário, na qual havia muita gente em seus salões. Toninho,

Entrou ressabiado, as mãos suando, frias. O interior da casa parecia um viveiro de maitacas e periquitos. Moças, rapazes, crianças velhas e quarentonas ainda sirigaitas refestelava-se em cadeiras, sofás e poltronas. A maioria formava enxame pelos cantos, no alpendre e no terreiro bem iluminado. Nenhuma cara conhecida. Uma fauna bem variada do grã-finisimo municipal. (BRASILIANSE, 2002, p. 163).

Mas, também, podemos destacar, além das festas onde se reuniam os grã-finos da cidade, as visitas realizadas aos vizinhos e amigos, nas quais, na conversação, se buscava na memória, fatos vividos dantes, que eram revividos, as lembranças de Joviano das festas que frequentava. Assim, Joviano rumou as festas que frequentava por meio de “algumas lembranças, como gritos partidos de muito longe, onde não poderia chegar, nunca mais”. A memória representava aqueles momentos, como as festas religiosas.

As festas mais animadas eram as do Divino, em que as tocatas eram mais numerosas. Começava a atividade da banda com a partida e chegada das folias que percorriam o sertão, onde faziam festança e miunças em esmolas. Os foliões obedeciam a um ritual complicado, muita cavallhada antes de rumar para a casa do festeiro. Antes passavam pela igreja, onde cantavam benditos. (BRASILIANSE, 2002, p. 256)

Eram festas animadas por banda, que demarcava “o ritual dos foliadores com dobrados” e até alguns solfejos (BRASILIANSE, 2002, p. 256).

Depois eram as novenas, com o velho Crispim a gritar lança de prendas nos leilões, os pagodes nacasa dos mordomos, a entrega da coroa pelo imperador velho ao novo. A festa do capitão do mastro também era motivo de muito foguetório e bebedeiras. (BRASILIANSE, 2002, p. 256)

Havia muito foguetório e bebedeiras, sorteios eram realizados na igreja pelo vigário. Já, provavelmente atraindo os mais jovens, havia as festas de Reis, também revividas em memória por Joviano:

Para os farristas as celebrações mais interessantes eram as dos Santos Reis. Um grupo de boêmios, com uma charanga e uma bandeira, saía pelas ruas à meia-noite, catando esmolas que eram para o baile na noite seguinte. (BRASILIANSE, 2002, p. 257).

Outro aspecto comum do dia a dia dos personagens era a parada em bares para tomar um aperitivo e conversar. Em uma passagem nos deparamos com Silvio, relapso estudante de

Direito, e conhecido de Toninho, que se encontraram em um bar, já mencionado, o “Cova da Onça”:

[...] Ainda estava de costas, esperando que o vendeiro embrulhasse uma garrafa de cachaça, quando alguém lhe bateu no ombro. Uma pancada forte que o obrigou a voltar-se enfezado.

– Balzac tomava era café, irmão!

Era Silvio, acadêmico de direito, vivia escorado no dinheiro do pai, perdendo o tempo com boemia. Pouco miolo e muitas posses. Toninho procurou mostrar-se tolerante.

- Isto é para um amigo do meu pai, Silvio.

- Sei disso. Você é crente. Barra de saia...

[...]

- Tenho estado às voltas com os livros.

- Faça como eu, velho. Comigo é na *cola* até eu colar grau.

- Você é rico, sempre pode levar a vida boa. Eu fui engraxate e o meu é operário. (BRASILIANSE, 2002, p. 72. Grifo do autor).

Nesse trecho podemos ver que o bar além de encontros de amigos, também servia para discussões sobre o cotidiano, e até mesmo debates indesejados, como para Toninho, que dizia não perder tempo com a boemia, ao contrário do personagem Silvio que nela se deliciava.

Diversos outros trechos do livro nos remete a espaços de bebedeiras, como os bares, a exemplo do ADIS-ABEBA, que eram espaços comuns na cidade em formação, como rememorou certa feita Joviano: “No começo da cidade ainda passava pelo ADIS-ABEBA para um aperitivo.” Mas, segundo ele, esse “barzinho alegre fora escoraçado pelo progresso” (BRASILIANSE, 2002, p. 46). Espaços como esse citado por Brasilianse, que em certos casos foram sendo extirpados da cidade eram lugares da sociabilidade de operários que construíram a cidade símbolo da modernidade do Estado de Goiás.

Casas de jogatinas também faziam parte do cotidiano e da sociabilidade dos moradores de Goiânia: “Chico era jogador de truco, onde ninguém se lembrava de dinheiro. O carteadado de azar agora fervia pelos clubes e em muitas residências”, embora se falasse no momento que tais casas de jogo ficassem na encruzilhada da prisão e da cova (BRASILIANSE, 2002, p. 46).

Esses bares populares eram frequentados por trabalhadores, estudantes dados à boêmia e também gente maltrapilha e totalmente bêbada: “O chuvisco parou e Toninho alcançou a ‘Cova da Onça’. Um maltrapilho estava escorado junto da porta, nem parecia respirar. Um crioulo firmava-se no balcão, a cara abestalhada pelo álcool.” (BRASILIANSE, 2002, p. 71).

Tais espaços de sociabilidades do povo foram figurados como lugares marcados pela violência urbana, a qual foi tratada anteriormente. Assim, as “casas de jogatina”, eram vistas como ficando “na encruzilhada da penitenciária e do cemitério” (BRASILIANSE, 2002, p.

46); os bares periféricos, acima referidos, considerados como espaços do perigo e do vício, a exemplo do “ADIS-ABEBA”, que figurava nas memórias de Joviano, trabalhador na construção civil, referentes ao tempo do “começo da cidade”, quando ali passava para tomar um aperitivo (BRASILIENSE, 2002, p. 46), dentre outros, como o “Cova da Onça”, no qual gente de “pouco miolo” vivia “perdendo tempo com a boêmia”, conforme Toninho que dedicava todo o seu aos estudos com vistas a ser médico (BRASILIENSE, 2002, p. 71).

Esses espaços produziam medo em muitos habitantes da cidade, pois lugares de ameaças à existência física das pessoas e quase sempre marcadas por sangue. A turma de rapazes amigos de Toninho, filho de Joviano, que mirava passar no vestibular no Rio de Janeiro para Medicina, em conversa, considerava que os bares da cidade eram “azarados”, visto que “Quase todo bar daqui foi batizado com morte. Até suicídio tem dado”. Conforme um deles, “Goiânia já é cidade grande e em todo centro assim desenvolvido o ar é de tragédia” (BRASILIENSE, 2002, p. 127). Ao lado de tudo isso havia ainda a ação as pessoas envolvidas com o tráfico, pois conforme a narrativa os “traficantes [...] queriam ser donos da cidade, como galos em terreiro pequeno.” (BRASILIENSE, 2002, p. 141). Portanto, “Todo dia os jornais dão notícia de assaltos, de mortes, de agressões nesta escuridão danada. Ontem foi briga de soldados do exército e da polícia”. (BRASILIENSE, 2002, p. 243). E, assim, Joviano, certa feita afirmou: “Em Goiânia ninguém se importava com tiro, era coisa corriqueira.” (BRASILIENSE, 2002, p. 266).

Mas, além desses bares periféricos frequentados pela sociedade mais pobre, havia também aqueles elitizados, como o que veremos a seguir, um bar para a sociabilidade de políticos e da elite da sociedade goianienses, como aquele em que o médico dr. Ferreira encontrara Nogueira, o prefeito que realizava os negócios sujos, que acima referimos: “Já sentados na mesa do bar, cheio de cabos eleitorais, corretores de lotes e pecuaristas que discutiam o perdão de suas dívidas ao Banco do Brasil” (BRASILIENSE, 2002, p. 181).

Nesse bar dos políticos, percebemos que o tratamento era outro, sendo os clientes, como o personagem Nogueira, atendidos por “garçonete”, no caso “uma morena de lábios grossos, ancas desenvolvidas e seios volumosos”, conforme exigia os frequentadores, que não raro as desnudavam com o olhar a moça em serviço, bem como era outro o tipo e qualidade das bebidas solicitadas, como um uísque, bebida considerada cara e para os ricos: “_ Uma dose de ‘Cavalo Branco’, uma cerveja bem gelada e...” uma limonada (BRASILIENSE, 2002, p. 182).

Outra prática de sociabilidade apresentada pelo autor era *footing*, isto é, o passeio vespertino no qual iam e vinham rapazes e moças em dado trecho da Avenida Anhanguera.

Joviano faz a seguinte observação ao narrar como eram as tardes de domingo na cidade de Goiânia: “Lá embaixo estava a Avenida Anhanguera, onde se realizava o *footing* de rapazes e moças, entre a Praça do Bandeirante e a Rua Seis, quando não chovia.” (BRASILIANSE, 2002, p. 274. Grifos do autor).

Nesse espaço, em tempos anteriores, Joviano rememora que havia um serviço de alto falante com propósitos culturais, e certamente também mercantis, empreendido por uma casa comercial, o qual antecederia a transmissão radiofônica na cidade e agitava os frequentadores:

Felizmente a AMPLIFICADORA CULTURAL DO AÇOUGUE MUNDO NOVO já havia sido fechada, com o açougue e tudo. Era uma zoeira infernal, com a voz estralada do Zizué, um pernóstico metido a intelectual, buzinando tudo quanto era nome de bugigangas de qualquer taboca. (BRASILIANSE, 2002, p. 274).

Segundo Joviano, por essa época “Já havia radioemissoras bem instaladas, com programas variados e agradáveis”, portanto, “aquele insulto ao progresso feito pela tal Amplificadora tinha ido para os festins do capirrotto” (BRASILIANSE, 2002, p. 274). Mas, conforme a memória de nosso narrador, havia outro serviço semelhante em tempos em que a cidade era ainda uma criança.

Depois houve outro auto-falante que infernizara o silêncio do ermo, onde Goiânia ainda esperneava procurando aprender a andar. Era o da Rádio Clube, na Avenida Tocantins, com a voz de Jean Sablon, cantando uma canção até bonita e de boa harmonia, entendida por poucos, mas que já se tornara enjoada, de tão repetida. Lembrava-se que era *MonAmour*, sabia somente o significado do título, explicado por Toninho. Esse alto falante, numa altura de esgravatar os ouvidos da pasmaceira das noites sem programas definidos e agradáveis, bigorneava a cabeça dos operários que precisavam de um bom sono, para pegar no cabo do guatambu logo cedo. Felizmente já havia muita mudança, com sobrados já alteando no centro. (BRASILIANSE, 2002, p. 274. Grifos do autor).

Conforme Bernardes (2009), ao falar dos momentos de lazer e associativos dos trabalhadores na cidade, o rádio proporcionava instantes de muita alegria.

Neste período, em Goiânia, o rádio constituía o único meio de comunicação disponível, através do qual os trabalhadores tinha acesso às informações nacionais e estrangeiras. Servia como mediador entre o mundo e a região goiana, que até então se encontrava numa situação de quase total isolamento. (BERNARDES, 2009, p. 45).

Conforme Wayne Gonçalves Silva (2013, p. 18-20), os anos de 1950 impulsionaram a modernização do cotidiano da sociedade goianiense, no qual as primeiras emissoras de rádio foram as responsáveis pelo novo modelo de distração e de diversão da população. As primeiras emissoras de rádio em Goiânia foram: Rádio Clube, década de 1940; Rádio Brasil

Central, década de 1950; Rádio Anhanguera em 1954 e Rádio Difusora nos anos de 1957. Por iniciativa do primeiro prefeito da capital, Venerando de Freitas Borges, a Rádio Clube de Goiânia, a primeira emissora, foi constituída como uma sociedade anônima filiada aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, sendo sua criação iniciada em 1941 e reinando por quase uma década após ser inaugurada. A segunda nova empresa radiofônica instalada na capital foi a Rádio Brasil Central, fundada, em 1950, por Coimbra Bueno, governador do Estado. A terceira emissora, a Rádio Anhanguera, teve sua inauguração em 1954, com uma estrutura tecnológica mais avançada e programação que passou a liderar a audiência na capital. Já, em 1957 surgiu a Rádio Difusora, ligada à Igreja Católica.

Por outro lado, no que refere a outros espaços e meios de sociabilidade e entretenimento, as famílias elitizadas que o romance nos mostra, como aquela de Noêmia e mesmo do médico Dr. Ferreira, frequentavam o Jôquei Clube, fosse por seus bailes ou outras atividades. Esse tipo de clube sempre foi e ainda é frequentado pelos ricos, possuindo um caráter elitista e estando associado a status. (BERNARDES, 2009, p. 69, 105).

Brasiliense reserva em sua obra capítulos destinados em específico aos bordéis e suas rotinas. O Bairro Campinas é citado no livro como espaço que abrigava um desses estabelecimentos para os homens conhecerem e usarem das moças, como Silvio, um estudante amigo de Toninho, que passara a noite em um desses lugares: “_ *Merci, mona ami. Vou rebater, sabe? Estou chegando agora de Campinas. Pousei por lá, com uma morena daqui...*” (BRASILIENSE, 2002, p. 159. Grifos do autor).

Segundo Oliveira (1999, p. 55):

A maior concorrência dos bares eram as casas de tolerância, em Campinas: as principais eram as da Maria Branca, da Virgulina, da Maria Bonita e da Etelvina, todas em Campinas. Elas eram frequentadas tanto pela elite goianiense (chefes de alguma repartição pública), quanto pelos operários.

Com isso vemos que a prostituição possuía “zonas” específicas na cidade a elas destinadas para seu exercício, como indicam as representações de Brasiliense. Tais espaços eram um componente comum da vida boêmia dos homens da cidade de Goiânia na década de 1950, funcionando como locais de encontros, de lazer e socialização. Conforme Machado (1991, p. 61), refletindo sobre tal questão na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, nesse mesmo período, a prostituição era alvo de controles, havendo medidas preventivas e coercitivas, como a delimitação de um local onde se pudesse exercer o ofício, estabelecendo a dita “zona” ao determinar o espaço urbano do meretrício.

Percebemos também que até importantes personagens do mundo político frequentavam esses espaços. Vejamos o que o jovem Toninho nos fala a respeito do cabaré “Sonho Azul” que ele visitava e que pelos meandros da memória lhe servia para reflexão sobre o que tal universo significava:

Depois do suicídio de Tianinha não frequentava mais o cabaré. Ela tombara no meio do salão de danças, para o espanto do mulhierio, e todos ficaram sabendo que havia bebido veneno, ao ter conhecimento de que o amante ficara noivo. Conhecia muito bem o corpo de Tianinha entregando-se como rameira experiente e sentia-se também responsável pela morte dela, porque se aproveitara de sua juventude perdida. A miséria em casa dos pais a levava à prostituição. Homens endinheirados lhe deram notas sujas para que sua fome passasse e sua virgindade morresse. Não sabia por que Waldo o convidara naquela noite, oferecendo-lhe carona. Waldo parou o carro à porta do Sonho Azul, onde havia caras novas. Sempre que ia àquele cabaré encabulava-se com as letras grandes do CONSUMAÇÃO OBRIGATÓRIA, na parede do fundo, perto da orquestra. Era um perfeito edital. (BRASILIENSE, 2002, p.85. Grifos do autor).

Percebemos que os cabarés também eram locais violentos, de morte, paixões e perdições. Uma jovem prostituta perdera sua vida pelo amante que ficara noivo e jovens e velhos, ricos e pobres, aproveitavam dos corpos e da juventude perdida daquelas que ali se encontravam devido às agruras da vida. Toninho ainda descreve como era o interior do cabaré “Sonho Azul”:

No salão havia movimento, gargalhadas histéricas, muitos caftens trançando entre as rameiras. A orquestra tocava um samba. O trombone imitava uma gaitada de deboche, para depois iniciar um choro que o pistão e a clarineta acompanhava em surdina. [...] Na mesa mais próxima da orquestra estavam um viajante careca, um tenente da policia e um velhote em mangas de camisa, os braços peludos como os de um macaco. A camisa aberta ao peito mostrava tufo de cabelo. [...] Os pares se arrastavam pelo salão, com a frieza de um troço estrangeiro que substituiu o samba. Algumas mulheres tresnoitadas cochilavam ao ombro de homens suados e vermelhos. Um samba para acompanhar um enterro seria menos impróprio do que aquela música viscosa num ambiente que precisava de animação. O viajante e o tenente estavam com as caras brunidas pela transpiração gordurosa. O velhote tinha a pele seca e fina. (BRASILIENSE, 2002, p.85-6).

Todo o capítulo VI, é dedicado à descrição e leitura de Toninho do ambiente do cabaré “Sonho Azul”, com suas mulheres de vestidos decotados, bebedeiras e até a morte da prostituta citada anteriormente. Lugar que Toninho queria esquecer, para não “correr o risco de aniquilar-se moralmente”, mas sempre vinha em sua mente esse espaço de luxúria, no qual as mulheres se viam como “mercadoria para negócio” (BRASILIENSE, 2002, p. 89, 196).

Mas dentre outros espaços de lazer e sociabilidades apontados no livro também encontramos aquele do cinema, que era muito frequentado por jovens naquela época,

inclusive por Toninho e outros personagens como o médico Dr. Ferreira, que fora convidado por sua esposa, Santinha, para irem ao cinema:

- Alguma coisa especial?
- Vamos ao cinema.
- Para assistir a cauboiadas coloridas?
- Não. Hoje vai passar “Flor de Pedra” pela segunda vez.
- Dizem que é um bom filme.
- Pode curar essa doença infantil de sua mulher, doutor?
- Iremos ver o filme, meu bem. (BRASILIANSE, 2002, p.229)

Mas adiante, vemos que Dr. Ferreira e Santinha ao chegarem ao cinema se deparam com Toninho: “Ao entrar na sala de espera do Cine-Goiânia notou Margarida e Toninho sentados em uma poltrona, chupando balinhas e conversando. Cumprimentou-os com um sorriso e um movimento de cabeça.” (BRASILIANSE, 2002, p.241).

Dentre os filmes, mencionados por Brasiliense, exibidos no Cinema, figuram a reprise de “Luzes da Ribalta”, a projeção de “Flor de Perda” e o anúncio em cartaz de um filme de Tarzan, que não teve o nome citado, mas que fazia parte do seriado. Um moço, “frangote cinemeiro”, com o qual Toninho deparou certa feita numa jardineira superlotada em viagem que fizera a Anápolis, dizia sobre os seriados: “Nunca perdi um seriado em Goiânia”. Aqui, cabe ainda dizer que antes da exibição da fita do dia, havia anúncios daquelas que viriam, bem como um jornal, que de costume fazia apologia aos feitos nacionais, o que nem sempre eram bem aceito pela plateia, em especial o noticiário, como ocorrera na referida ocasião o médico Dr. Ferreira lavara sua esposa ao cine: “Os anúncios de novas fitas foram curtos e o jornal nacional foi motivo de vaias.” (BRASILIANSE, 2002, p. 68, 133-4, 229, 241).

Observando os espaços de sociabilidade mostrados no livro, fica claro a diferença entre aqueles voltados para a sociedade rica e aqueles da periferia de Goiânia, para os trabalhadores. Ao tempo que nos deparamos com os segmentos elitizados frequentando o cinema, o jôquei e os cabarés, os moradores da periferia, de modo mais geral, figuravam em bares de becos e de esquinas, onde era comum a violência a ponto de serem vistos como “batizados com morte” (BRASILIANSE, 2002, p. 127).

No livro de Oliveira, encontramos diversas imagens que nos remetem ao tema trabalhado neste item acerca dos espaços de sociabilidades de Goiânia na década de 1950, como o Café Central, o Cine Teatro Goiânia e o Jôquei Clube.

Foto 13- Café Central, Avenida Anhanguera, 1958



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.87.

Podemos supor que, talvez, fora nesse estabelecimento, Café Central, que Toninho, como já mencionado, circulando pela região e pela avenida, aos sentir vontade de tomar um café, entrara, e ficara perplexo com o preço da xícara com o líquido a ponto de considerar aquilo uma “Ladroeira” (BRASILIANSE, 2002, p. 159).

Foto: 14 - Cine Teatro Goiânia, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.101.

O Cine Teatro Goiânia, edificado em estilo *artdecó*, fora inaugurado em 1942, figurando como o mais importante espaço cultural da nova capital. Projetado pelo arquiteto Jorge Félix, teve sua edificação iniciada em 1940 e concluída em 42, quando, o então interventor federal no Estado, Pedro Ludovico Teixeira, o inaugurou.

Foto 15- Jóquei Clube, 1951



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.109.

O Jockey Clube de Goiânia, denominado de Jockey Clube de Goiás, foi fundado em 1938, sendo o primeiro clube recreativo da capital. Situado no Setor Central, foi um espaço de sociabilidade importante na capital, com apresentações de orquestras nacionais e festas, como os bailes de carnaval, dentre eles as matinês infantis, além de outras atividades. O clube chegou a receber visitas ilustres, como do Presidente Getúlio Vargas.

4.3 – O Ensino: A Educação como Solução

Avançando em nossa reflexão acerca da constituição da cidade de Goiânia e de sua sociedade, ressaltamos que durante todo o livro, nos deparamos com conversas que remetem ao ensino, aos estudos como solução para muitos dos problemas e questões que os personagens viviam e observavam ao seu redor, e que acima procuramos abordar. A educação

escolar é considerada e vista como o único caminho para o pobre mudar de vida, era “o meio de limpar-se, tornar-se um cidadão útil para as tarefas do futuro era o estudo” (BRASILIENSE, 2002, p.196). Para eles, as oportunidades eram vindas pela instrução, pelo direito a educação. Joviano nos diz: “a gente não aprendeu porque não pôde, mas os filhos a gente encaminha direito na vida.” (BRASILIENSE, 2002, p. 63). Segundo ele, seu filho, Toninho, não tinha obrigação de trabalhar e “de comprar cachaça, só se fosse para remédio. Ainda mais um moço instruído, que estava esforçando para ser um cidadão de valor.” (BRASILIENSE, 2002, p. 64).

O personagem Toninho, filho de Joviano, um jovem que estava sempre ligado aos estudos e almejava realizar o tão sonhado curso de Medicina, teria que ir para fora, pois, até então, a cidade não oferecia condições para isso se concretizar, não possuindo uma Faculdade para tal:

- No ano que vem vou pro Rio fazer o vestibular de medicina se Deus quiser.
 - Dinheiro pra tua passagem ta na Caixa Econômica. Tem também pra uns tempos de gasto até tu firmar o pé por lá. Tu é quem escolhe o lugar.
 (BRASILIENSE, 2002, p. 145).

Joviano queria que seu filho se tornasse uma pessoa de bem, um cidadão de valor, e sempre valorizava os estudos do filho. Em outra passagem do livro, nos deparamos com a conversa de dois jovens, Alfredo e, outra vez Toninho, na qual eles discutiam sobre a relação entre a Escola Técnica, mercado de trabalho e o curso ginásial, pondo-os em situação de oposição nas condições existentes.

- Você agora pode completar o curso ginásial, com a nova lei que ampara os que tem cursos de escolas de artífices. Não sabe disso?
 - Sei. Vou fazer isso por lá, aqui é que não fico. Fiz o curso de aparelhos elétricos na Escola Técnica, tirei diploma, entendo do ofício. Para continuar os estudos preciso de trabalho. Procurei emprego aqui, exibi meu diploma e somente vi caras de zombaria. Um sujeito chegou a dizer-me que não aceitava alunos da Escola Técnica. Ele disse *a-lu-nos*, não é desaforo?
 _ Devia ser por falta de vagas.
 [...]
 _ A culpa é do governo, que abre escolas técnicas sem poder dar garantia de trabalho para os artífices.
 – Você tem razão. Não é mais de ninguém a culpa. Por isso é que nosso país se enche de cafajestes e de marreteiros. Sempre achei que certas escolas, principalmente as do governo, constituem um grupo à parte, não pertencem à comunidade dos estudantes de outros colégios. Nos dias de parada é que se nota o contraste. O ministério da Educação devia adotar um tipo de farda única para as escolas públicas ou subvencionadas. (BRASILIENSE, 2002, p.123-124. Grifos do autor).

Assim, apontava-se o descompasso entre a proposta educacional realizada nas escolas técnicas e a aceitação e absorção de seus formandos no mercado de trabalho. O ensino técnico no Brasil tem, conforme Dagmar M. L. Zibas (2007, p. 4) sua origem no início do século XX, quando Nilo Peçanha, governo federal, em 1909, criou 19 escolas de aprendizes artífices, distribuídas em todos os estados brasileiros, com o objetivo de educar os “pobres e despossuídos”, retirando-os das ruas e dando-lhes algumas habilidades que lhes possibilitassem serem úteis ao país, “afastando as crianças e jovens pobres da ociosidade”, caminho para todos os “vícios”. Esse argumento, claramente atrelado a preconceitos de classe, omitia a nova exigência de formação de força de trabalho para o processo de industrialização que se iniciava. Ao longo do século XX, com o fortalecimento da industrialização, essas escolas mudaram seus objetivos.

Em 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde, este órgão passou a supervisionar com maior rigor as instituições federais de educação técnica, além de criar novas escolas industriais e introduzir novas especializações naquelas existentes. Entre os anos de 1941 e 1942, as escolas técnicas foram redefinidas com a “Reforma Capanema”, que buscou remodelar todo o ensino do país. Assim, passou a chamar Escolas Industriais Técnicas, podendo o formando ingressar no ensino superior, e possuindo cursos divididos em dois níveis; o primeiro compreendia os cursos básicos, industrial e artesanal, e segundo correspondia ao curso técnico industrial com várias especialidades. Mas, o auge da educação técnica no país, foi durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que com seu Plano de Metas, previa, pela primeira vez, destinar verbas específicas para a educação técnica. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009, p.4).

Nesse contexto, em Goiás a Escola de Aprendizes Artífices, que foi criada na antiga capital do Estado, Cidade de Goiás visava capacitar os alunos em cursos e oficinas de forjas e serralheria, sapataria, alfaiataria, marcenaria e empalhação, selaria e correaria. Já, com a construção da nova capital e a mencionada “Reforma Capanema”, em 1942, a escola foi transferida para Goiânia, passando a chamar Escola Técnica de Goiânia, com cursos técnicos na área industrial, integrados ao ensino médio e com as primeiras turmas instaladas entre 1942 e 1943. Com a Lei n.º 3.552, de 1959, a escola tornou uma autarquia federal, adquirindo autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. (INSTITUTO... 2016).

Por outro lado, em uma cidade que nascera para ser a capital do Estado não poderia faltar espaços para realizar os estudos e a formação escolar e intelectual do cidadão moderno, sobretudo, aqueles de nível superior. “A Faculdade de Direito, vinda da Cidade de Goiás,

instalou-se em 1937, ao lado da Praça da Rua 20. Estava assegurada assim a formação da elite intelectual” (LIMA; MACHADO, 2007, p. 178). Outras instituições de ensino de nível superior foram se formando na cidade, dentre as principais delas, a exemplo da Faculdade de Farmácia e Odontologia, de 1948, que teve suas primeiras turmas na Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, sendo, em 1953, foi transferida para o setor Universitário. A tão sonhada Faculdade de Medicina, que Toninho almejava frequentar, só veio a ser inaugurada em 1959. Em seguida, a junção de todas as faculdades da cidade veio formar a Universidade Federal de Goiás (UFG), em 1960. Mas, um ano antes, foi também inaugurada na cidade a Universidade Católica de Goiás, hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Go).

Foto 16- Faculdade de Direito, 1955



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.135.

Assim, as faculdades foram se formando, a maioria delas em um mesmo espaço, e juntas constituíram Universidades e o Setor Universitário, que foi criado para abrigar todo o conjunto de faculdades e escolas de nível superior da cidade. Logo veio, então, a construção da Praça Universitária, onde, por muitos anos, os estudantes passaram a se juntar para realizar reivindicações e mudanças diversas. Oliveira, pelo que vemos nas fotos desse item, esteve também atento a esse processo de formação das escolas superiores na cidade e de seus espaços específicos.

Foto 17 - Praça Universitária, 1959



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.133.

Podemos perceber a importância da educação, não só escolar, mas também daquela vinda de berço, realizada e ensinada no espaço doméstico pelos pais, levada e honrada por muitos cidadãos considerados de bem por onde fossem. Alfredo e Toninho, dois jovens filhos de trabalhadores, demonstram honrar esses ensinamentos, como o apreço ao trabalho e sua valorização, bem como as condições a eles proporcionadas por suas famílias de realizarem uma educação formal e escolar. Além disso, manifestaram seus interesses a certos campos do saber e do conhecimento vistos como úteis à sociedade e, logo, de certo modo complementares; um ao visar estudar para Engenheiro (Alfredo) e o outro para médico (Toninho): “- Quero ser engenheiro, e para isso trabalharei até como servente de pedreiro. Você quer ser médico. Dá certo, sabe? Um para consertar a terra, outro para consertar o homem.” (BRASILIANSE, 2002, p. 128)

Estes jovens filhos de trabalhadores e que também não fugiam desse universo se necessário à sobrevivência (“Fui engraxate, você sabe. Você veio da lavoura e está progredindo”), pois o trabalho era visto como meio para progredir, como já dito, almejavam, no entanto, atingir situação melhor, uma mobilidade social por meio do estudo. (BRASILIANSE, 2002, p. 124).

Portanto, no capítulo final do romance, Joviano, após o falecimento de sua esposa, Dona Fia, mãe de Toninho, estando a mirar a cidade, em conversa com o filho referiu a seus

planos de estudar medicina e que lhe daria novas perspectivas de vida: “_Não mexi no dinheiro que reservei para você, menino. Pode viajar o dia que quiser. Tu vai ser homem, tu não é traste.” (BRASILIANSE, 2002, p. 273).

4.4 – Assuntando Ainda Mais a Cidade: Últimos Olhares

Nos tópicos acima dividimos a análise do livro em diversos temas para que pudéssemos ver a cidade que crescia em diversos setores e também em diversas perspectivas, mas, agora, destacamos neste tópico algumas visões que consideramos marcantes acerca dessa cidade, ainda que algumas de suas pontuações já tenham sido abordadas anteriormente, porém aqui retomadas e complementadas. De um lado, temos a cidade que fora e era construída na visão política por Pedro Ludovico Teixeira, e defendida em muitos discursos, sobre os quais diversos trabalhos foram editados, tratando de sua construção e mudança, da capital que se remete a apenas a ele como o seu fundador.

Mas, de outro lado, para fundar a cidade e dar continuidade ao trabalho incessante de construí-la cotidianamente foi preciso mais do que um líder político, foram necessários também operários e outras pessoas que contribuíram para que a mesma fosse edificada e concretizada. O livro traz em sua narrativa personagens como Joviano, que vê e mostra a cidade em seu fazer-se, no sentido de se levantar, a cada dia, novas paredes, de edificar a urbe com o serviço duro dos braços dos pioneiros, dentre eles os operários:

Pouca gente conhecia a verdadeira história da mudança da capital para Goiânia, num pedaço de chão considerado sem serventia. Tinha conhecimento apenas dos bate-bocas na Assembleia, antes de ser esbandalhada pela ditadura. Lorotas de jornais, patranhas de politíqueiros. Do serviço duro mesmo só davam notícia os pioneiros. Ele, [Joviano] ali sentado na soleira de um caritó, conhecia tudo, desde o começo do Palácio, batizado com um nome bonito. Muita gente dizia que aquela confusão de paus e tábuas, antes de surgir o esqueleto do prédio, se transformaria em ninho de seriema, porque era coisa de doido a mudança. As casas de tábuas, onde o governo assinara decretos de zungu, haviam desaparecido. (BRASILIANSE, 2002, p. 43).

Sobre esses trabalhadores do “serviço duro”, que edificaram a cidade com suas mãos e força de trabalho, Brasiliense, puxando pelos fios da memória, nos oferece algumas imagens, dentre elas ao tratar de como se transportavam ou deslocavam de suas moradias, que não eram palácios, até os canteiros de obra.

Grupos de operários se dirigiam para as construções, conversando alegres. A manhã estava bonita, o céu limpo, dourado para os lados do nascente. Poucos operários andavam de bicicletas e tinham que sair muito cedo de casa para chegar nas construções no horário certo. (BRASILIANSE, 2002, p.152).

Meio às imagens que, às vezes remetem ao caos, quando se menciona a “confusão” e “coisas de doido”, outras faz referência à disciplina e ao controle, como do tempo para não chegar atrasado ao trabalho. Além disso, podemos destacar também a divisão dos grupos de habitantes que a constituíam, ao tratar acerca do desenvolvimento da cidade no momento em que o autor narra sobre as questões relativas à presença do automóvel na urbe. Para Abreu (2010, p. 84) “as pessoas que adquiriam veículos podem ser divididas em dois grupos: de um lado estavam aquelas que os utilizavam em atividades relacionadas ao trabalho e, de outro lado, as que desejavam possuir esse símbolo de modernidade”.

Destacamos a seguir o trecho em que Joviano trata a respeito das pessoas que se entregavam a atividades especulativas, como a agiotagem, e recorriam a exposição pública de carro, pois símbolo e marca de status social:

Muita gente não andava mais a pé. Chegava de tanga na cidade e logo aprendia a mandraca da riqueza fácil, sem suor e sem canseira, punha casa de aluguel e carro pra rodar. Por isso é que olhava sempre com desconfiança todo sujeito com modos de camponês embrulhado em roupa de carregação, com bote armado para emprestar dinheiro até vinte por cento. (BRASILIENSE, 2002, p. 45).

Outro aspecto que aqui podemos refletir é acerca da cidade planejada e presente nos discursos oficiais, em confronto e tensão com a cidade que crescia conforme as possibilidades e necessidades de seus operários, logo de uma cidade real, aquela que crescia a partir das ações do povo, sem planejamento. Segundo Joviano, “assuntando a cidade”, considerou que:

já não podia abarcar, como antigamente, as casas todas olhando para um rumo só. Eram casas desordenadas no mato ralo da campina de terra vermelha. Havia ainda residências brotando do charravascal, em setores novos, naquela terra podre que desmoralizava os construtores apressados, rachando paredes e desconjuntando alicerces. (BRASILIENSE, 2002, p.43).

Ao mesmo tempo em que crescia a cidade modelo e planejada, outra brotava também nos setores de gente pobre, em lugares que eram descartados pelos engenheiros que realizavam as grandes construções, sobretudo públicas. Desde seu início, podemos perceber que a nova capital ia excluindo os pobres e oprimidos de seu planejamento, “chutando-os” para espaços de “terra podre” e inadequada para construir.

Enquanto o progresso e o desenvolvimento iam espalhando pelo Centro da cidade de Goiânia as ruas dos bairros eram cheias de lamas e buracos. A precariedade da existência humana nos bairros pobres era sempre vista e comentada, em especial entre o dr. Ferreira e Joviano, falando de ruelas cheias de buracos, de mendigos pelas ruas, loucos e crianças

abandonadas por seus espaços públicos, fazendo parte de um cenário periférico, excludente e marginalizado mostrado no livro.

Problemas de infraestrutura, de enchentes em córregos que enchiam passando sobre pontes, de “riacho que virara torrente”, de “aguaceiros” que iam fazendo “estrepolias” em suas beiradas, de bueiros “entupidos”, de casas e armazéns arrastados por enxurradas, dentre outros aspectos, também faziam parte do cotidiano dos bairros à margem e precários, de trabalhadores, em Goiânia (BRASILIANSE, 2002, p.101, 105).

O medo e a violência eram comuns entre os personagens, como já fora exposto antes. Capangas e grileiros, moradores da cidade, estavam prontos para tirar pessoas à força de suas terras a mando de políticos, as quais tornavam, por falta de opção, os novos habitantes da capital. Bares eram marcados pela violência, brigas terminadas em mortes entre políticos e pessoas de bens. Essa Goiânia é também a mesma cidade dos dias atuais, tomada pelo medo que intimida, principalmente, os pobres e marginalizados.

Nessa cidade planejada, também faltava serviços de saúde para os pobres e doentes, como aqueles com problemas mentais, como apontamos acima. Dr. Ferreira, estando com Joviano a caminho da casa de Manoel, deparou com uma mulher “de aspecto monstruoso”, já conhecida do último, que sobre ela disse: “vive assim, coitada. Louca, surda e muda. Não gosta de dormir em casa de ninguém, só aceita comida e trapos.” Manoel, dando continuidade as suas observações ainda comentou: “Podia dar jeito pra essa gente doida não andar assim feito bicho pro meio da rua. Diz-que não tem mais lugar no hospício. Casa pra esse povo gira da bola não devia ter tamanho” (BRASILIANSE, 2002, p.100-1).

Logo, vemos que os problemas e as deficiências na saúde pública da capital eram comuns, pois mais à frente nos deparamos com outra cena triste, já mencionada ligeiramente, costumeira em grandes centros, que até inspirou Toninho a escrever um conto acerca das pessoas comprimidas pela cidade:

O conto brotara de uma cena que vira à porta de uma farmácia. A mulher magra estava com o filho morto nos braços, agachada no passeio. Os olhos abobados no vaivém dos caminhantes. Conversara com ela. Não tinha marido, não sabia de quem era o filho. Apenas dela. O pai de criação a botara no mundo ainda menina e ficou como bate-enxuga de trabalhadores pelas roças. Depois do filho, sempre perrengue, a decadência veio completa. Procurara a Santa Casa para tratar do menino, mas não havia vagas, e muita gente dormia nas proximidades do prédio. No dia seguinte o médico receitara, dizendo que o caso era grave e não tinha remédio indicado. Quando conseguiu uma farmácia que lhe aviasse a receita, de graça, saiu um pouco para dar de mamar ao filho. Ai é que viu que já era defunto. (BRASILIANSE, 2002, p.161-162)

Além do fato da morte da criança sem atendimento médico hospitalar e medicamento, mais à frente vemos outra passagem a cerca dos hospitais da cidade que aponta para a deficiência em seu atendimento: “a porta da Santa Casa havia apenas alguns doentes amontoados, esperando ser atendidos pelos medico de plantão.” (BRASILIENSE, 2002, p.252).

A Santa Casa de Misericórdia de Goiânia teve sua fundação em 1936 juntamente com a construção dos primeiros prédios públicos da cidade, visando atender aos mais necessitados. O prédio do hospital, vinculado à Sociedade São Vicente de Paulo e à Sociedade Goiana de Cultura, começou a ser construído em novembro de 1937, na Rua 4, no Setor Central. Até 1954 a instituição era dirigida apenas pela sociedade vicentina e foi nessa época que avançou ganhando maior importância e relevância para a saúde dos habitantes do Estado, deixando de ser um hospital municipal, expandindo o número de leitos, instalando a Unidade de Terapia Intensiva, criando o Centro Médico e começando a definir as primeiras alas de clínicas especializadas, como de urologia e cardiologia.

Em 1937, quando foi proposta a construção da Santa Casa de Misericórdia, Goiânia não possuía hospital público e ela tornou-se a primeira instituição da área de saúde na capital. Era sonho, por volta das décadas de 1940 e 1950, instalar uma faculdade de medicina na cidade, da qual a Santa Casa seria hospital escola, viabilizando o ensino superior nessa área (RODRIGUES; SILVA, 2005, p. 4). Ao longo dos anos de 1950, com a participação de vários médicos, surgiram outros hospitais na cidade, como o Hospital São Lucas e o Hospital Santa Luiza, o último instalado em 1954, além do Hospital Santa Helena, criado no fim daquele decênio (FREITAS, 1999, p. 318).

A Faculdade de Medicina de Goiás, tão esperada por Toninho, que teve que rumar para o Rio de Janeiro para fazer seus estudos, só foi fundada em 1960, antes mesmo de criada a Universidade Federal de Goiás, que só aconteceu no ano seguinte. A escola era um sonho acalentado pelos médicos da época, quer eram poucos no Estado, e que queriam que muitos jovens que possuíam interesse pela profissão tivessem condições de formar-se, pois até então tinham que rumar para São Paulo ou Rio de Janeiro. Esse ideal começou a ser concretizado nessa década, quando Francisco Ludovico de Almeida Neto voltou dos estudos na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio. Porém, o projeto só foi à frente com a visita de Juscelino Kubitschek à cidade, que lhe deu sustentação política (FACULDADE... 2014).

Tais questões constituem a realidade da cidade tão aclamada nas fala oficiais, vista sempre como progressista e moderna; da nova capital enaltecida nas “lorotas de jornais” e nos

discurso na Assembleia, mas que era marcada pela exclusão da população de baixa renda. Essa cidade parece ter nascido apenas para ter sido sede do governo e abrigar sua imensa lista de órgãos, para não comportar trabalhadores, logo sendo espaço de diversos problemas sociais e humanitários.

Com *Chão vermelho* podemos ter uma leitura de uma cidade heterogênea, múltipla, como um lugar de diferenças. No livro podemos também perceber que a cidade e seus sujeitos mostram pontos de vistas que contrapõem a muitas afirmações e visões nos debates sobre ela e eles, como nos tópicos que mostramos a cima. Para Abreu (2010, p. 100) “Chão Vermelho mostra os limites sociais e culturais que se estabeleceram entre os operários da construção civil e os patrões, entre o poder político e a força do trabalho”.

Com isso percebemos que *Chão vermelho* nos convida a olhar a cidade de diversas maneiras, pensando em cada espaço, em cada categoria de pessoas e na visão delas das experiências humanas e de suas agruras e felicidades ali vividas. Mas, sobretudo, contar e olhar uma cidade que não era aquela que figurava nos discursos da Assembleia e nas “lorotas de jornais, patranhas de politiqueiros”. No livro nos deparamos com os mais diversos personagens, desde a criança que vendia pirulito, na primeira página, até as prostitutas do bordel e os maus passos que as levaram até ali, os operários com a força de seus braços, os políticos corruptos, dentre outros, enfim uma miríade pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a formação da cidade que hoje é considerada a maior cidade do Estado de Goiás.

Para finalizar, fechamos aqui com o último parágrafo do livro em que o narrador, puxando pela memória, traz o espaço árido em que fora edificada a cidade e o adensa com diversos e contraditórios aspectos da experiência humana aí dada.

Joviano continuou a olhar a cidade. Era como mulher infiel entregando-se a trastes como Juventino, expulsando gente pobre de seu chão vermelho transformado em outro. No princípio era apenas o chão vermelho, terra à-toa para procissões de saúvas e armações de cupins. Agora era reboição de muito povo. Lugar de maquinações de traficantes, cidade grande. Mesmo assim não a abandonaria nunca. Tinha muito de seu braço, possuía grande parte da coragem da esposa que se fora. Amada infiel, mas sempre amada. Os homens deveriam ser como Ferreira, como Sancho, como o carroceiro Manuel e muitos outros que não eram trastes. Amavam a vida e o seu trabalho, não se deixavam vencer pelo desespero. Nem santos nem heróis, apenas homens. (BRASILIENSE, 2002, p. 275).

Assim, a cidade, figurada e sentida como feminina, como uma mulher, e desse modo, como em tantas representações que permeiam o imaginário social, é dita como amada, mas amada infiel, no entanto, nem por isso deixando de ser objeto de amor. Amor que também

deveria permear a vida e o trabalho de todas as pessoas, que deveriam ser humanas e não trastes, coisas sem valor, objetos, como muitos que em suas páginas foram e ficaram impressos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho decorreu da análise das representações tecidas por Eli Brasiliense sobre a cidade de Goiânia na década de 1950, no *Chão vermelho*, sobretudo, e complementada pela leitura das fotografias de Helio de Oliveira presentes em seu *Eu vi Goiânia crescer*. Ao analisar estas obras, a primeira com mais afinco, profundidade e densidade, podemos perceber o quão rico é o romance e o livro de fotos, assim como tantos caminhos podem ser abertos para interpretações dessa cidade.

Com o trabalho foi possível perceber o quanto a cidade de Goiânia, que hoje é considerada uma metrópole no Centro-Oeste do país, passou por diversas transformações em sua história. Transformações essas que foram mostradas por Brasiliense e por Oliveira, que nos contaram a história da cidade que nasceu dentro de um discurso de progresso, desenvolvimento e modernidade, mas que não escapou de possuir inúmeros problemas e deficiências que fugiram ao planejado.

Essas representações expressam a sensibilidade com que os autores olharam para os lugares nos quais estavam inseridos e imersos e para as pessoas que ali estavam, o que permitiu que pudessem deixar em suas obras impressões e sentidos dados para a cidade, significados a ela agregados. Consideramos, ainda, ser preciso adensar a análise das fontes, bem como ampliar a reflexão teórica sobre o cotidiano da cidade na história e seus temas, de forma a elaborar uma melhor compreensão das representações criadas pelos autores em suas obras.

Essa pesquisa nos permitiu perceber a pertinência do uso da literatura como fonte para o historiador, bem como da fotografia como suporte documental a ser descrito, lido e analisado. Acreditamos que a continuidade da discussão, nos permitirá compreender melhor o universo de criação do literato e do fotógrafo, adentrando, ainda mais, nas formas que ambos escolheram para representar Goiânia e dela se apropriar.

Interpretar uma cidade, lê-la, implica em considerar a sociedade que se estabeleceu dentro de suas fronteiras, no centro e em sua margens, em suas diversas nuances e divisões, para, assim, ser possível reconstruí-la em novas bases e expectativas. Concebendo que não é possível considerar a formação e a evolução de seus espaços sem admiti-los como fragmentários e descontínuos, a compreensão da transformação da cidade de Goiânia tem como fato primeiro seu projeto inicial e original de capital, que vislumbrava atingir um novo

horizonte, de triunfos e glórias, para assim podermos pensar o que desejamos da cidade em sua contemporaneidade, em sua constante transformação, construção e reconstrução permanentes.

Chão vermelho é um leque de possibilidades de leitura que revela múltiplas sensibilidades e olhares ao tratar de uma sociedade sustentada no vivido pelos operários, por gente trabalhadora que a edificou. Goiânia é marcada por monumentos, possui delimitações e marcos excludentes, e hierárquicas, materiais e símbolos, erguidos desde sua origem. Eli Brasiense mostra a cidade repleta de experiências humanas, de glórias, satisfação e de angústias, de sofrimentos vividos pelos personagens num dado contexto histórico.

Portanto, ao desenvolvermos essa investigação, foi pretensão contribuir com os estudos sobre a capital do Estado de Goiás, e, também através dela, suscitar discussões sobre a história da sociedade goiana para que outros pesquisadores se interessem por esse tema de estudo, contribuindo, assim, para a ampliação de uma memória e de uma história dessa cidade. Acreditamos que cada vez que o historiador se debruça sobre o passado ele abre novas oportunidades de compreensão de como as pessoas viveram e como ainda vivem e poderão viver. A Goiânia de hoje, pode ser problematizada se abrirmos os olhos para a Goiânia de ontem.

REFERÊNCIAS

FONTES

BRASILIENSE, Eli. **Chão vermelho**. Goiânia: IGL: AGEPEL, 2002.

OLIVEIRA, Hélio. **Eu Vi Goiânia Crescer: décadas de 50 e 60**. Goiânia, Ed. do Autor, 2008.

REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL, Arquivo Histórico Estadual – Goiânia: Gráfica de Goiás, n° 5, 1984.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias**. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1973.

_____.Relatório ao Exmo. Presidente da Republica pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira – Interventor Federal (1933). In: MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia Metrópole: sonho, vigília e despertar (1933/1973)**. Goiânia: UFG, 2010.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. Relatório ao Exmo. Presidente da Republica pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira – Interventor Federal (1939). In: MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia Metrópole: sonho, vigília e despertar (1933/1973)**. Goiânia: UFG, 2010.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. Relatório ao Exmo. Presidente da Republica pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira – Interventor Federal (1940-1942). In: MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia Metrópole: sonho, vigília e despertar (1933/1973)**. Goiânia: UFG, 2010.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. Mensagem ao Brasil. **Revista Oeste**, Goiânia, v.1, n.1, p.55, jul. 1942.

BIBLIOGRAFIA

ABRÃO, Janete. **Pesquisa e História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ABREU, Clarismar Gomes. **História e literatura na cidade de Chão vermelho**. 2010.121 f.Tese (Doutorado) – UFG,Goiânia, 2010.

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Presença literária de Eli Brasiense: estudo crítico-histórico-biográfico: seleção de textos: notas explicativas**. Goiânia: UCG, 1985.

_____. Opiniões críticas sobre Chão vermelho. In: BRASILIENSE, Eli. **Chão vermelho**. Goiânia: IGL: AGEPEL, 2002. p.33.

ANAIS DO 3º SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA. **Desafios da Aprendizagem na Perspectiva da Educação Histórica**. Curitiba, Paraná, 2012.

ARAÚJO, Jaqueline Veloso Portela de. Memória e História da Educação em Goiás. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA, 8, 2009, Campinas, **Anais...** Campinas: Unicamp, 2009. p.1-15. Disponível em:<www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_.../tmFbg39c.doc>. Acesso em: 15 mai. 2016.

ARRAIS, Cristiano Alencar. **Projeções Urbanas** – Um estudo sobre as formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília. 2008. 307 f. Tese (Doutorado) – UFMG, Belo Horizonte, 2008.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru: EDUSC, 2002.

AUGUSTUS, Ernesto. Usina do Jaó – Patrimônio histórico jogado as moscas. **Guia ecológico: despertando a consciência que preserva!**2009. Disponível em: <<https://guiaecologico.wordpress.com/2009/08/22/usina-do-jao-patrimonio-historico-jogado-as-moscas/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

AZEVEDO, Cristiane Barbosa de; LIMA, Aline Cristina da Silva. O uso de fontes e diferentes linguagens no Ensino de História na Educação Básica. SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CCSA, 16, [S.l.: s.n. 20--].

BARBOSA, Eurico. Uma história da imprensa goiana. **Jornal Opção**, Goiânia, 7 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/uma-historia-da-imprensa-goiana>>. Acesso em: 14 mai.2016.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaud** v. 5, Antropos/Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. p. 296-332.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política** v I. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

_____. **Obras escolhidas: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo** v III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERNARDES, Genilda d’Arc. O cotidiano dos trabalhadores da construção de Goiânia: o mundo do trabalho e extratrabalho. **Revista UFG- Dossiê: cidades planejadas na Hinterlândia**. Goiânia: UFG, ano XI, nº 6, p. 37-51, junho, 2009.

BERNARDES, Genilda d’arc. Considerações sobre o Plano de Goiânia. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. (org.) **Relações cidade-campo: Fronteiras**. – Goiânia: Ed. UFG, 2000. p. 155-180.

BERNARDES, Genilda d’Darc. **Goiânia cidade planejada/ cidade vivida: discurso e cultura da modernidade**. 1998. Brasília: UNB, 1998.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORGES, Barsanufio Gomide. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Goiânia: Ed da UFG, 2000.

BORGES, Heloisa Helena de Campo. Opiniões críticas sobre Chão vermelho. In: BRASILIENSE, Eli. **Chão vermelho**. Goiânia: IGL: AGEPEL, 2002.p. 35-36.

BORGES, Valdeci Rezende. Literatura e pesquisa histórica. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 191-217, 1996.

_____. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, ano 1, n.3, p. 94-109, jun. / 2010a.

_____; DIAS, Cleber Jacinto. Imagens de duas cidades nas crônicas de Ricardo Paranhos. **Emblemas** – Revista do Departamento de História e Ciências Sociais, Catalão, v. 7, n. 1, p. 63-84, 2010b.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: Pub. Europa América, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**, 2009. 8 p.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahay (orgs). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p. 13-20.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a história: metodologia de ensino da história**. Curitiba: Base Editorial, 2012.

BUENO, André. Sinais da Cidade: forma literária e vida cotidiana. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 89-100.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC,2004.

CABRINI, Conceição (et al) **O ensino de história revisão urgente**. 5ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMPOS, Francisco Itami. Mudança da capital: uma estratégia de poder. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.). **Goiânia cidade pensada**. Goiânia: Editora da UFG, 2002. p. 169-184.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

CARVALHO, Antônio Coelho. O Esquecido Centenário de Eli Brasiliense. **Jornal Paralelo 13**. Goiânia, 19 abri. 2015. Disponível em: <<http://www.oparelelo13.com.br/index.php/component/k2/item/1344>>. Acesso em: 14 mai. 2016

CARVALHO, Eugenio Rezende de. Construções de Goiânia. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.). **Goiânia cidade pensada**. Goiânia: Editora da UFG, 2002. p. 153-168.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz. Fotografia – usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.p. 29-60.

CAVALCANTI, Carlos. **História das Artes**: da renascença fora da Itália até nossos dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org). Apresentação. In: _____. **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.7-14.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**: leituras, indagações e interpretações. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

_____. Marchas para o Oeste. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. (org.) **Relações cidade-campo**: Fronteiras. Goiânia: Ed. UFG, 2000. p. 113-128.

CONRADO, Regina Mara de Oliveira; SILVA, Sandra Maria Bezerra da. **Dinamizando a sala de aula com a literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O Ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil: No aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. **Revista de História**, João Pessoa, v. 16, p. 147-160, jan/jun. 2007.

COSTA JUNIOR, Irapuan. Sai uma grande biografia do escritor Eli Brasiliense. **Jornal Opção**, Goiânia, 7 a 13 out. 2012. Disponível em:

<<http://www.jornalopção.com.br/colunas/contraponto/sai-uma-grande-biografia-do-escriptor-eli-brasiliense>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, p. 19-34, 2013.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FACULDADE de Medicina. Histórico. **Medicina.ufg.br**, Goiânia, 2014. Disponível em: <<https://www.medicina.ufg.br/p/1688-historico>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

FARES, Josebel Akel (org.). **Memória da Belém de antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.

FERNANDES, Ronaldo Costa. Narrador, Cidade, Literatura. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 19-36.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahay (orgs). **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.p.193-201.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura - A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 61-91.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. 3º Ed., Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Didática e Prática de Ensino de História**: Experiências, reflexões e aprendizados. 5. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____. **Caminhos da História ensinada**. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2010.

FRANCO, José Luiz de Andrade. Natureza no Brasil: Idéias, Políticas, Fronteiras (1930-1992). In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. (org.) **Relações cidade-campo**: Fronteiras. Goiânia: Ed. UFG, 2000. p. 71-112.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Saúde e doenças em Goiás**: a medicina possível:uma contribuição para a história da medicina em Goiás. Goiânia: Editora UFG, 1999.

FREITAS, Marcos C. (org.). **Historiografia Brasileira em perspectiva**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GAREFF, Edgar. **Goiânia**: 50 anos.Brasília: MEC-Sesi, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. **A docência em História**: reflexões e propostas para ações. Erechim: Edelbra, 2012.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. **Práticas pedagógicas em História: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim, Edelbra, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás**, Goiânia, GO, 2012.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **A construção do espaço urbano de Goiânia (1933-1968)**. Goiânia: UFG, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 171-186.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. Cidade e natureza: uma visão da construção da cidade brasileira no Planalto Central. In: **A construção da cidade**. Brasília: Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal. 1998. p.35-55.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HELIO de Oliveira. **Programa Raízes – Jornalismo Cultural**. Goiânia. Disponível em: <<http://www.programaraizes.net/posts/helio-de-oliveira>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

HÉLIO de Oliveira lança livro com fotos de Goiânia nos anos 50, 60 e 70. **O Popular**, Goiânia, 18 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/h%C3%A9lio-de-oliveira-lan%C3%A7a-livro-com-fotos-de-goi%C3%A2nia-nos-anos-50-60-e-70-1.499120>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

HORN, Geraldo Balduino. **O ensino de História e seu currículo: teoria e método**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Instituto_Federal_de_Goi%C3%A1s&oldid=45616827>. Acesso em: 24 mai. 2016.

JORNAL DE NOTÍCIAS. In: MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia Metrópole: sonho, vigília e despertar (1933/1973)**. Goiânia: UFG, 2010.

JUNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KHOURY, Yara Auan. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós Graduados de História PUC. Dossiê: Cultura, Trabalho e Cidades. São Paulo, n. 22, v. 2, p. 79-103, Jun./2001.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora UNB, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: e efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LAMAS, José M. Ressano. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LEANDRO, Marcos Rossiny. **Goiânia, a capital do cerrado: visões literárias e fotografias de uma cidade em formação (1950-1960)**. 2014. 68 f. Monografia (História) – UFG, Catalão, 2014.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literatura histórica. **Educar**. Curitiba, nº especial, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Lais Aparecida (orgs.). **Goiânia**. Goiânia: Câne Editorial/ Ed. UCG, 2007.

LIMA, Nádia. A história da construção da primeira usina de Goiânia. **Contatocomunicação.com**, Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://contatogo.blogspot.com.br/2011/08/historia-da-construcao-da-primeira.html>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

LIMA, Rogério. Mapas textuais do imaginário fragmentado da cidade. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs.). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 9-18.

MACHADO, Laís Aparecida. Uma cidade no sertão. In: LIMA FILHO, Manuel F.; MACHADO, Laís A.(orgs) **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Câne Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 49-90.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 4, p. 37-77, jan./jun. 1991.

MACHADO, Maria Cristina T. **Pedro Ludovico: Um Tempo, um carisma, uma história**. Goiânia: Editora da UFG, 1990.

MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. Literatura e Fotografia: a problemática das cidades. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. Disponível

em:<http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/complemento/RODRIGO_MACHADO.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2013.

MAHLER, Christine Ramos; SILVA, Ciro Augusto de Oliveira e. Conceitos, estilos e formas arquitetônicas. In: LIMA FILHO, Manuel F.; MACHADO, Laís A.(orgs). **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 109-124.

MARTINS, Tattiussa. Entre a cidade sonhada e a cidade real. In: LIMA FILHO, Manuel F.; MACHADO, Laís A.(orgs). **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 141-150.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

_____. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MEDEIROS, Wilton de Araújo. Goiânia de ontem nos mapas de memória. In: LIMA FILHO, Manuel F.; MACHADO, Laís A.(orgs). **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 215-128.

MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia Metrópole**: sonho, vigília e despertar (1933/1973).2010.334 f. Tese (Doutorado), UFG ,Goiânia, 2010.

MELO, Orlinda Carrijo. **A inven o da cidade**: leituras e leitores. Goiânia: Ed. UFG, 2007.

MENDONÇA, L. M. N. (etall). **Guia para apresenta o de trabalhos acad micos na UFG**. Goiânia: UFG/PRPPG, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCA O. **Centenário da Rede Federal de Educa o Profissional e Tecnológica**. Brasília: MEC, 2009.

MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a constru o de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. **Revista Brasileira de História**. Dossiê Cidades.São Paulo: ANPUH, vol.27, n  53, p.159, jan-jun.2007.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

MORAIS, Regis. **O que   violência urbana**. São Paulo: Abril cultural: Brasiliense, 1985.

MOREIRA, Cleumar de Oliveira. **História Política de Goiás**: a dinâmica do desenvolvimento: 1945-1964. 2000. 206 f. Disserta o (Mestrado) UFG, Goiânia, 2000.

MOTA, Juliana Costa. **Planos Diretores de Goiânia na Década de 1960** – A inser o dos Arquitetos Luis Saia e Jorge Williein no Campo do Planejamento Urbano. 218 f., 2004. Disserta o (Mestrado), UNESP, São Carlos, 2004.

MOURA, Edna Aparecida Santana. **História dos Planos Diretores de Goiânia 1933-1995**. Dissertação (Mestrado) UFG, Goiânia, 2003.

NADAI, Elza. A Escola Pública Contemporânea: os currículos oficiais de História e o ensino temático. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.6, n.11, p. 99-116, set/ 1986.

NETO, Regina Beatriz Guimarães. Cidades de Fronteira. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. (org.) **Relações cidade-campo: Fronteiras**. – Goiânia: Ed. UFG, 2000. p. 181-195.

NETTO, Pimenta. Anais do Batismo Cultural de Goiânia: 1942. **O Popular**, Goiânia: 1969.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NUNES, Heliane Prudente. Os imigrantes árabes em Goiânia. In: LIMA FILHO, Manuel F.; MACHADO, Laís A.(orgs). **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 193-214.

OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. **Imagens e mudança cultural em Goiânia**. 176f. 1999.Dissertação (Mestrado), UFG, Goiânia, 1999.

OLIVEIRA, Regina Soares de. **História**. São Paulo: Blucher, 2012.

PALACÍN, Luiz. **O Século do ouro em Goiás: 1722-1822**. Estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4. Ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

PASTORE, Everaldo A. **Renda fundiária e parcelamento do solo: Goiânia (1933-1983)**. UNB, Brasília, 1984.

PEREIRA, Eliane M. C. Manso. Goiânia, Filha mais moça do Brasil. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.). **Goiânia cidade pensada**. Goiânia: Editora da UFG, 2002. p. 13-70.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997a. p. 25-38.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997b.

_____. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p.11- 23, jan.-jun., 2007.

PINSKY, Carla Bassenezi. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

_____. (org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINTO, Júlio Pimentel. **Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia.** São Paulo: Moderna, 2012.

POLONIAL, Jucelino Martins. **Terra do Anhanguera: História de Goiás.** Goiânia: Editora Kelps, Leart Editora, 2006.

REIS, José Carlos. **História & Teoria.** 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas; SP: Ed. Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Euzeane Elias de Souza; SILVA, Leicy Francisca. Saúde em Goiás de 1950 a 1988. SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 3, 2005. Anápolis. **Anais...** Anápolis, UEG, 2005. Disponível em: <http://www.prp2.ueg.br/06v1/conteudo/pesquisa/inic-cien/eventos/sic2005/arquivos/humanas/saude_goiias.pdf> Acesso em: 15 mai. 2016.

RÜSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Uma hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa.** Buenos Aires: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Ano 4, n. 7, out. 1992.

_____. Didática da História: passado, presente a partir do caso alemão. **Práxis Educativa,** Ponta Grossa, v.1, n. 2, p. 7-16, jul/dez. 2006.

_____. **Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora da UnB, 2011.

_____. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas.** Curitiba: W.A. Editores, 2012.

_____. **Reconstrução do passado: os princípios da pesquisa histórica.** Brasília: Editora da UNB, 2007.

SANDES, Noé Freire. Fronteiras Simbólicas da Nação. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. (org.) **Relações cidade-campo: Fronteiras.** Goiânia: Ed. UFG, 2000. p. 11-20.

SANTANA, Francis Marques Otto de Camargo; BONETTI, Maria Cristina de Freitas; MACÊDO, Maurides. Pioneiros: compondo o passado. In: LIMA FILHO, Manuel F.; MACHADO, Laís A.(orgs). **Formas e tempos da cidade.** Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 151-192.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Professores e Produção do currículo – uma experiência na disciplina de História. **Currículo sem Fronteiras,** v.7, n.1, p. 160-170, jan/jun. 2007.

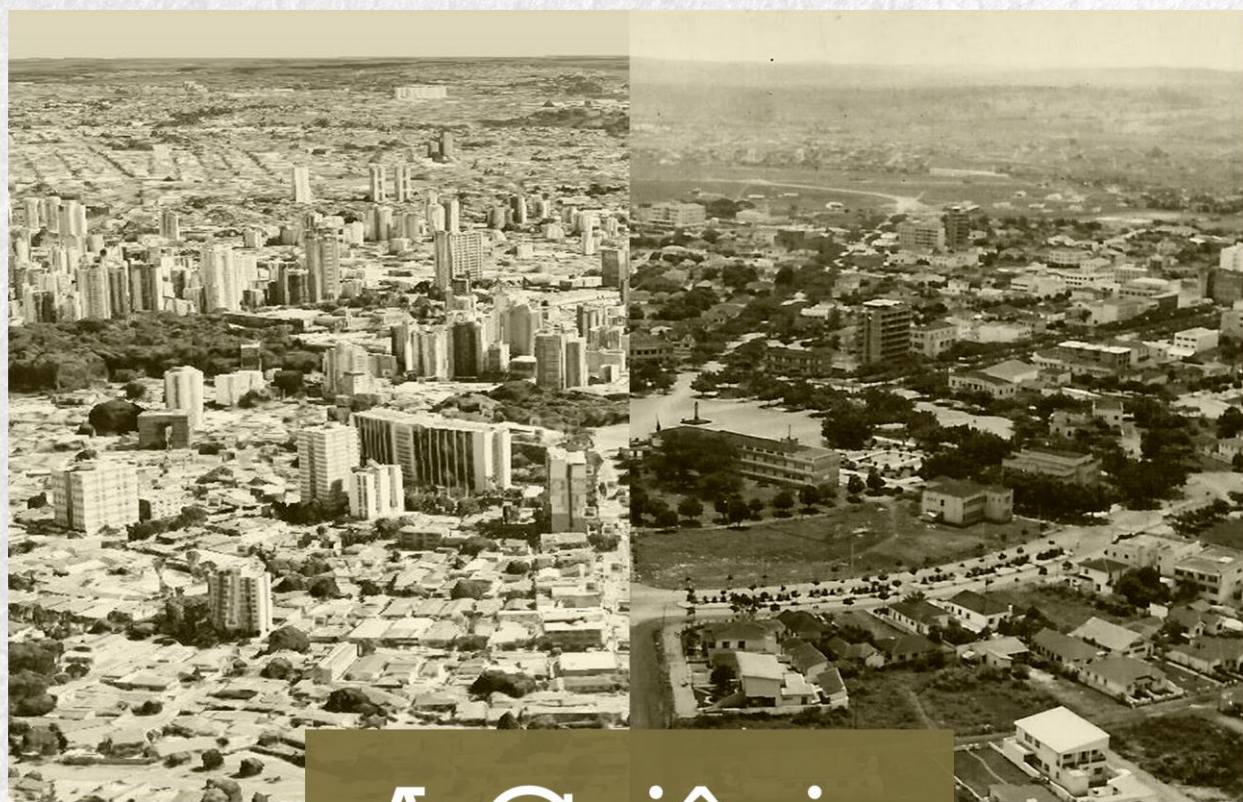
SILVA, Ciro Augusto de Oliveira. Primeiros traços e formas urbanas de Goiânia. In: LIMA FILHO, Manuel F.; MACHADO, Laís A.(orgs). **Formas e tempos da cidade.** Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 91-108.

SILVA, Collemar Natal e. **História de Goiás.** Goiânia: IGL, AGEPEL. 2003.

- SILVA, José Graziano da. **O que é questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SILVA, Luis Sérgio Duarte da. História dos Bairros de Goiânia. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. (org.) **Relações cidade-campo**: Fronteiras. Goiânia: Ed. UFG, 2000. p. 129-154.
- SILVA, Marcos A. **História o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas: Papirus, 2007.
- SILVA, Maria da Conceição. Educação Histórica: Perspectivas para o Ensino de História em Goiás. **Revista de História**, João Pessoa, v.24, p. 197-211. jan/jun. 2011.
- SILVA, Wayne Gonçalves da. **As cantoras de rádio em Goiânia nas décadas de 1950 e 1960**. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, Goiânia, 2013.
- SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. **Geografia e literatura**: a representação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de Brasigóis Felício. Goiânia: Kelps, 2010.
- SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahay (orgs). **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.p. 107-122.
- SOUZA, Candice Vidal. Batismo Cultural de Goiânia: um ritual da nacionalidade em tempos de marcha para o oeste. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.). **Goiânia cidade pensada**. Goiânia: Editora da UFG, 2002. p. 71-102.
- TELES, José Mendonça. **Dicionário do Escritor Goiano**. Goiânia: Kelps, 2000.
- VICTOI, Raquel Simão. **Cidade polissêmica**: diálogos interdisciplinares sobre a cidade de Goiânia. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado), UFG, Goiânia, 2013.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1995.
- VIEIRA, Patrick de Almeida. Atílio Correia Lima e o planejamento de Goiânia – um marco moderno na conquista do sertão brasileiro. **Revista Urbana**. Dossiê: Os eruditos e a cidade. São Paulo: CIEC/UNICAMP, v. 4, n.4, p. 52-66, 2011.
- ZARTH, Paulo Afonso. Ensino de História, participação da comunidade e cultura histórica. **Saeculum** – Revista de História, João Pessoa, n. 6/7, p. 49-58, jan/dez. 2000/2001.
- ZIBAS, Dagmar M. L. Uma visão geral do Ensino Técnico no Brasil: a legislação, as críticas, os impasses e os avanços. **Difusão de Ideias**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2007. Disponível em: <www.fcc.org.br/conteudos/especiais/difusaoideias/pdf/encontro_uma_visao_geral_do_ensino_tecnico_no_brasil.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2016.

APÊNDICE

Marcos Rossiny Leandro



A Goiânia
dos anos
de *1950*
em sala
de aula



A GOIÂNIA DOS ANOS DE 1950 EM SALA DE AULA:

na Literatura e Fotografia

MARCOS ROSSINY LEANDRO

A GOIÂNIA DOS ANOS DE 1950 EM SALA DE AULA:

na Literatura e Fotografia

CATALÃO/GO

2016

LISTA DE IMAGENS

Foto 01 - Mercado Municipal, 1952	167
Foto 02 - Avenida Anhanguera, 1952	168
Foto 03 - Teatro Goiânia em 1952	170
Foto 04 - Avenida Anhanguera, 1951	171
Foto 05 - Faculdade de Direito, 1955	173
Foto 06 - Palácio das Esmeraldas, 1952	174
Foto 07 - Avenida Goiás, 1950	175
Foto 08 - Mercado Central, 1950	176
Foto 09 - Engraxataria, 1953	177
Foto 10 - Trampolim Lago das Rosas, 1953	177
Foto 11 - Usina do Jaó. 1957	187
Foto 12 - Estação Ferroviária, 1955	187
Foto 13 - Avenida Anhanguera, 1952	188
Foto 14 - Avenida Anhanguera, 1951	188
Foto 15 - Palácio das Esmeraldas, 1952	189
Foto 16 - Teatro Goiânia, 1952	189
Foto 17 - Jôquei Clube. 1951	190

SUMÁRIO

Introdução	143
Capítulo 1 - A LINGUAGEM LITERÁRIA E FOTOGRÁFICA NO ENSINO DE HISTÓRIA	147
1.1 - A Literatura como fonte para a História e seu ensino	147
1.2 - A Fotografia como fonte para a História e seu ensino	149
Capítulo 2 - CONTEXTUALIZANDO O LITERATO E O FOTOGRAFO: VIDA, OBRA E SOCIEDADE	152
2.1- Eli Brasiense e <i>Chão vermelho</i>	152
2.2- Hélio de Oliveira e <i>Eu vi Goiânia crescer</i>	154
Capítulo 3 - GOIÂNIA - DOS DISCURSOS À CIDADE DOS ANOS 1950	157
3.1 - Dos discursos da esfera política à cidade de Goiânia	157
3.2 - A Jovem Cidade na Década de 1950	164
3.3 - Da representação literária da cidade em <i>Chão vermelho</i>	166
Capítulo 4 - O ALUNO PESQUISANDO A CIDADE NA LITERATURA E FOTOGRAFIA	180
4.1 - Atividade Sugerida 1 - Lendo e interpretando excertos de <i>Chão vermelho</i>	180
4.1.1 - A construção da cidade, seu avanço e a chegada da modernidade	180
4.1.2 - Goiânia e seu crescimento populacional.....	181
4.1.3 - O trabalho que dignifica o homem	182
4.1.4 - As questões da terra	183
4.1.5 - A política, as eleições e as esperanças do povo	184
4.1.6 - Espaços de lazer e sociabilidades	185
4.1.7 - O Ensino na década de 1950	185
4.2 - Atividade Sugerida 2 - Lendo e analisando fotografias de <i>Eu vi Goiânia crescer</i>	186
4.2.1 - Refletindo o contexto histórico	187
4.2.2 - Refletindo sobre a cidade em si	187
4.2.3 - Refletindo sobre algumas construções símbolos da modernidade e espaços de sociabilidade e poder	188

Capítulo 5 - ATIVIDADES AVALIATIVAS	191
5.1 - Avaliação sugerida 1 - Exposição oral em grupo “seminários”	191
5.2 - Avaliação sugerida 2 - Exposição escrita Individual	192
5.2.1 - Proposta 01: As eleições de 1954	192
5.2.2 - Proposta 02: O desenvolvimento de Goiânia e sua rápida expansão	194
5.2.3 - Sínteses	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
Referências	198

INTRODUÇÃO

Este é um material paradidático que foi produzido a partir da dissertação “Goiânia: o *chão vermelho* em que todos pisam - História da cidade por meio de Eli Brasiliense e Hélio de Oliveira”, realizada sob a orientação do Professor Dr. Valdeci Rezende Borges, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional: História, Cultura e Formação de Professores, da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais. O objetivo, com este livro, é fazer com que os professores e alunos possam ter referências para construir e pensar o processo de edificação e de mudanças ocorridas na cidade de Goiânia até a década de 1950, refletindo sobre as permanências e transformações dos espaços da cidade e na vida de seus habitantes.

Através deste material, espera-se que o aluno possa realizar as conexões inerentes aos processos históricos de transferência e mudança da capital, os discursos e propostas, bem como de construção contínua da cidade e suas repercussões na vida cotidiana das pessoas, os impactos que este todo o processo causou na vida do cidadão goianiense nos mais diversos aspectos.

O material é baseado nos estudos sobre a cidade de Goiânia por meio do romance *Chão vermelho*, de Eli Brasiliense e do livro de fotografias de Hélio de Oliveira, *Eu vi Goiânia crescer*. Desse modo, os primeiros tópicos a serem apresentados são referentes aos autores e os livros, para que o professor possa ter conhecimento das fontes de conhecimento histórico analisadas.

Este material foi pensado também a partir do *Currículo Referência da Rede da Rede Estadual de Educação de Goiás*. O ensino na Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás, tem como referência esse currículo que foi elaborado ao longo de 2012 pelas Subsecretarias Regionais de Educação do Estado. O currículo de História é apresentado por meio de eixos temáticos, expectativas de aprendizagem e conteúdos, de acordo com a realidade dos livros didáticos adotados pela Rede Estadual de Educação.

Analisando o *Currículo* nos deparamos com os momentos em que é ofertado como conteúdo a História de Goiás, em consonância e levando em consideração o contexto histórico que esta sendo apresentado ao aluno no ano em curso.

Nesse sentido, para se trabalhar a História de Goiânia como objeto de estudo, pode-se apresentá-la no 9º ano do Ensino Fundamental, dentro da temática “Goiás e a Era Vargas” e ainda em “Brasil e Goiás: Redemocratização”, onde pode ser apresentado aos alunos os

discursos a cerca da transferência da capital, que como visto Goiânia foi “fruto” da Marcha para o Oeste, um programa de expansão territorial e modernização do país implantado durante o Estado Novo, no governo do Presidente Getúlio Vargas. Sendo assim, nessa proposta, Goiânia seria trabalhada dentro do eixo temático da “História Contemporânea - Brasil Contemporâneo”.

Já, no Ensino Médio, a História de Goiânia pode ser trabalhada em sala de aula dentro da temática proposta à 2ª série: “Goiás no período monárquico: relatos de viajantes, secessão de Goiás, panorama político”, no qual os primeiros governadores de províncias já vinham discutindo a necessidade de transferir a capital por diversos motivos, econômicos, climáticos, geográficos e até mesmo estéticos da antiga capital.

Na 3ª série do Ensino Médio pode-se apresentar aos alunos a História de Goiânia em diversos momentos, sendo o primeiro no conteúdo “Goiás na República Velha: oligarquia/coronelismo e cenário econômico”, onde os estudos a cerca da necessidade da transferência da capital pode ser aprofundado, além de também trabalhar a resistência de famílias a cerca das terras onde seria edificada a nova capital do Estado e do poder econômico, levando, então, à necessidade de uma capital mais centralizada no território goiano.

Ainda na 3ª série, Goiânia poderá ser apresentada dentro da temática “Goiás e o Período Vargas: ‘Ludoviquismo’ e ‘Mudancismo’”, no qual pode ser apresentado aos alunos todos os discursos de Pedro Ludovico a cerca da necessidade de construir uma nova capital para o Estado, levando em consideração seus Relatórios enviados ao então Presidente da República Getúlio Vargas; trabalhar a cidade de Goiânia como símbolo máximo do progresso apresentado por Vargas com seu plano de governo de Marcha para o Oeste, que visava levar o desenvolvimento e a modernidade a todo país. Nesse mesmo sentido, pode-se dar continuidade aos estudos na temática “Brasil e Goiás: República Democrática ou Populista”, em que a ideologia de Pedro Ludovico pode ser novamente ressaltada, a qual o fez na sua época, um dos maiores populistas do Estado de Goiás. Nesse tópico pode-se, ainda, avançar os estudos sobre a expansão da cidade, a construção e o rápido crescimento populacional da recém fundada capital. Ainda nesse item, se pode trabalhar os tópicos apresentados nessa dissertação, fazendo com que o aluno possa compreender como se deu o passo a passo da modernização e efetivação de uma das cidades mais importantes do Estado de Goiás: sua capital.

A escola constitui hoje um espaço democrático, onde diversas possibilidades de ensinar e aprender estão presentes. A história como disciplina formativa aponta para a construção de novas práticas e possibilidades metodológicas que vem produzindo resultados exitosos.

Conforme Selva Guimarães Fonseca (2011), o alargamento do campo da História, através da ampliação do universo de temas, problemas e de materiais e fontes, a pluralidade de leituras, por meio de textos didáticos e para-didáticos, de revistas e jornais de história; as práticas interdisciplinares, por meio de projetos de ensino que articulem temas históricos aos demais componentes curriculares; a produção de saberes históricos por meio de projetos, que articulem a pesquisa ao ensino, possibilitam novas perspectivas de atuação em sala de aula. Ainda nesse sentido cabe explorar o trabalho pedagógico de construção dos conceitos, pois alguns conceitos são considerados chaves para o processo de compreensão da História, tais como tempo histórico e espaço, sociedade, relações sociais, trabalho e cultura.

Assim, a construção de uma prática de ensino de História que de fato objetiva a formação de cidadãos críticos, requer a valorização permanente das vozes dos diferentes sujeitos, do diálogo, do respeito à diferença, bem como do combate às desigualdades, atrelada ao exercício da cidadania em todos os espaços, através de um ensino prazeroso e numa perspectiva interdisciplinar.

No primeiro capítulo, trataremos da relação entre a literatura com o ensino de história, sua importância como fonte documental e ocular para a historiografia, dentro deste contexto, vemos a questão de como ela deve ser tratada pelo historiador/pesquisador, em seguida, buscamos fazer um apanhado de sua importância para o ensino de história e seu uso na sala de aula. Neste capítulo, ressaltamos ainda a importância da fotografia como instrumento de pesquisa para o historiador, seu uso e suas formas de representações dentro da pesquisa histórica e seu uso perante o ensino de história.

Reservamos o segundo capítulo para a contextualização das obras escolhidas: *Chão Vermelho* e *Eu Vi Goiânia Crescer*, onde realizamos um estudo a cerca da vida e obras dos autores e a historicização do período histórico onde as mesmas foram sendo escritas e fotografadas.

O terceiro capítulo é dedicado a história de Goiânia, por onde realizamos um estudo desde os primeiros discursos para a construção da mesma até a jovem Goiânia de 1950, cheia de surpresas, problemas e formada por uma diversidade de moradores que fizeram e edificaram a urbe. Neste capítulo ressaltamos discursos ideológicos de Pedro Ludovico com a idealização de uma cidade planejada para atender as necessidades modernas do país, mas o contrapomos com a Goiânia de 1950 que fugiu da ideologia do ordenado e planejado com uma grande explosão de crescimento, para isso trazemos os trechos de *Chão Vermelho*, que nos conta a Goiânia que crescia mas a cada momento crescia seus problemas de infra-estrutura, segurança, populacional, dentre outros.

O quarto capítulo, daremos ao aluno, a oportunidade de refletir todo o processo da cidade de Goiânia, onde propomos uma série de atividades que irá permitir com que o alunado possa discutir em grupo, formar ideias e opiniões, produzir textos e analisar trechos e fotos das obras estudadas neste trabalho.

O quinto e último capítulo, é dedicado a avaliação, onde propomos ao professor, algumas considerações a cerca do processo de avaliação da aprendizagem do aluno nas atividades propostas no capítulo anterior, além de trazer sugestões de avaliações a serem aplicadas aos alunos.

CAPÍTULO 1

A LINGUAGEM LITERÁRIA E FOTOGRÁFICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

O objetivo deste capítulo é oferecer ao docente uma breve reflexão a respeito da Literatura e da fotografia como fontes para pesquisa histórica e para o ensino de História, numa perspectiva e abordagem interdisciplinares. Essas linguagens possuem relações estreitas com a história como processo e podemos a elas recorrer em diálogo com outras disciplinas para o estudo da História como conhecimento.

1.1 - A Literatura como fonte para a História e seu ensino

A Literatura é muito utilizada como fonte para a história, mas para o desenvolvimento de uma pesquisa o historiador após definir o que é o documento ele tem que decidir qual será o seu documento para a realização de sua pesquisa histórica.

Valdeci Rezende Borges, que na introdução de seu livro *Cenas Urbanas - Imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis*, recorrendo a Roger Chartier (1990, p. 62-3) diz que todo o documento constitui, em si, representações de um real, não existindo nenhum texto que mantenha uma “relação transparente com a realidade que apreende”. Dessa forma, o texto literário ou dito “documental”, não pode nunca se desligar de sua realidade de texto, de sistema construído no qual a percepção e a apreciação são categorias e regras que remetem para as suas próprias condições de produção. (BORGES, 2000, p. 10).

Mas, Sandra Jatahy Pesavento no texto “História e literatura: uma velha-nova história”, em 2006, diz que

por vezes, a aproximação da história com a literatura tem um sabor de *dejà vu*, dando a impressão de que tudo o que se apregoa como novo já foi dito e de que se esta ‘reinventando a roda’. A sociologia da literatura desde há muitos anos circunscrevia o texto ficcional no seu tempo, enriquecia por vezes seu campo de análise com a dimensão cultural, no qual a narrativa literária era ilustrada de sua época. (PESAVENTO, 2006, p. 22).

A literatura traz definições diversas para vários autores, dessa maneira, nosso estudo busca explorar os ricos caminhos que nos oferece literatura, uma vez que ela detém um valor temporal e histórico que podemos captar mediante um processo de historicização, que

evidência a cumplicidade entre uma e outra, a partir de aproximações internas e externas ao texto. A literatura é uma espécie de historiografia com características específicas, assim como aquela que se pretende científica. (BORGES, 2000, p.11).

A literatura tem uma importância muito grande como fonte por representar e testemunhar acerca do cotidiano, as ações nele contidas, as transformações e permanências históricas. Ela capta, torna matéria prima e a transfigura, os fatos observados na sociedade ou os desejos e proposições de mudança histórica de um tempo e lugar. Assim, ela passa, então, a ser testemunha ocular da história, conforme nos fala Borges (2010, p. 98-99):

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico. Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular.

O historiador deve analisar o romance levantando aspectos que julgar oportunos e importantes para sua análise, extraindo do livro escolhido os principais dados que irão conduzir sua pesquisa histórica. No caso da literatura é preciso, portanto, estar atento aos ambientes socioculturais do período analisado para se evitar tratamento anacrônico da fonte (FERREIRA, 2011, p. 81).

Nesse contexto, a literatura, produzida sempre em diálogo com a sociedade, sua cultura e história, apresenta-se como suporte para a produção e veiculação de imaginários uma vez que

entendemos que a narrativa e sua linguagem se instituem como produções humanas e como tal estão envoltas por intencionalidades.

De tal forma, a historicização e contextualização da produção literária remete à interrogar sobre suas relações com o mundo social. Conforme Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de M. Pereira (1998, p.7),

a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.

Assim, buscamos ater às imagens que emergem da escrita do literato em suas representações da cidade de Goiânia, um imaginário, como conjunto de imagens, fruto de diversos olhares.

Desta forma, no ensino de História, uma postura importante a ser considerada ao propor o uso da literatura em sala de aula refere-se a abordar o contexto histórico, temporal e espacial, em que o texto literário foi produzido, buscando refletir se o texto e o autor são contemporâneos da realidade representada e como eles realizam essa representação, explicitando como edificam e expressam um dado ponto de vista sobre as questões que tratam. Na busca de procurar desvelar que a história resulta de pontos de vistas, que podem convergir ou divergir entre si, realizar uma abordagem comparativa com outros textos torna-se fundamental.

Ensinar a edificar o próprio ponto de vista histórico significa ensinar a construir conceitos e aplica-los diante das variadas situações e problemas; significa ensinar a selecionar, relacionar e interpretar dados e informações de maneira a ter uma maior compreensão da realidade que estiver sendo estuda; ensinar a construir argumentos que permitam explicitar a si próprios e aos outros, de maneira convincente, a apreensão e compreensão da situação histórica; significa, enfim, ensinar a ter uma percepção o mais abrangente possível da condição humana, nas mais diferentes culturas e diante dos mais variados problemas. (RUIZ, 2010, p. 77-8).

1.2 - A Fotografia como fonte para a História e seu ensino

Para complementar e ampliar os estudos a cerca da cidade de Goiânia, trazemos a fotografia com a referência teórica para a discussão em Boris Kossoy (2007). Para esse autor a imagem, em especial a fotografia, sempre se viu, tradicionalmente, relegada à condição de “ilustração” dos textos e “apêndice” da história. No entanto, “a documentação iconográfica é

uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado; trata-se, porém de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa de histórias que não mostram” (KOSSOY, 2007, p. 31).

A fotografia e seu uso, ao longo da história, foi marcada por uma diversidade de possibilidades, pois foi, e ainda é, parte importante de diversos tipos de jornais, revistas, dentre outros. Com passar dos tempos a mesma ganhou espaço em museus, exposições, dentre outras. No caso dos estudos históricos, seu uso teve nuances diferenciadas. A partir da década de 1920, os livros didáticos de História passaram a utilizar reproduções fotográficas de obras encontradas em museus e arquivos. O uso complementar, técnico ou narrativo, no livro didático se reduz, na grande maioria dos casos, ao meramente ilustrativo, no sentido de oferecer ao aluno uma idéia visual do acontecimento apresentado no texto didático (CARVALHO; LIMA, 2011, p. 39). Isso empobrece o papel que as imagens podem ter no trato com a história e é, justamente, o historiador tomando-a também como uma forma de representação do passado que pode alterar essa forma de apropriação das imagens.

E isso, apesar de pouco usual, já vem ocorrendo, pois como considera Peter Burke (2004, p. 17) as “[...] imagens, assim como textos e testemunhas orais constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular”, o que, para o mesmo autor, não significa que seu uso seja tranquilo, mas sim que há a necessidade de pensar na imagem como testemunha, porém uma testemunha muda que precisa ser indagada sobre o que mostra e, também, pelo que não mostra.

Imagens que não podemos identificar como sendo o real, mas como construções acerca do mesmo, como representações do real. Logo não recuperando por si a realidade, mas permitindo realizar em mente associações de imagens, sendo para isso necessário alcançar o fotografado e o fotógrafo por meio da foto; estar atento ao modo como foi produzida e por que o foi de determinada maneira, antes mesmo de perguntar o que está representado (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1995, p. 23, 52, 64).

Conforme Geni Rosa Duarte (2007), no artigo “De olho no olhar da História”, as fotografias são bons materiais para ser explorados em sala de aula no ensino de História e seu uso pode seguir alguns caminhos, como a busca de identificação tanto de seu autor quanto das fotos, a partir da localização e configuração delas (em que suporte encontram-se, a página, a disposição no mesmo, seu tamanho, sua cor), bem como analisar seus elementos constituintes (ângulo, quem ou o que aparece, quem ou o que constitui a figura em foco e de fundo etc.). É importante, ainda, buscar articular a foto com a sua “função”, ou seja, de que modo ela agrega informações como imagem, como ela “impõe” uma interpretação dos fatos narrados. “Por isso,

é importante que nos detenhamos, dialoguemos, e não sejamos passivos diante delas, nem como professores, nem como alunos.” (DUARTE, 2007, p. 75).

Assim, tanto a literatura quanto a fotografia são representações do passado. Representação que para Roger Chartier (2009, p. 12), se dá entre o que foi e o que não é mais, propondo ocupar o lugar desse passado e permitindo o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida sempre como uma escritura construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção.

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZANDO O LITERATO E O FOTÓGRAFO: VIDA, OBRA E SOCIEDADE

Neste capítulo abordaremos algumas facetas da vida e da obra dos dois “contadores” de Goiânia, o literato Eli Brasiliense, autor da obra literária que usamos como fonte principal para discussão e Hélio de Oliveira, que foi o fotógrafo oficial da cidade nesse período.

2.1- Eli Brasiliense e *Chão vermelho*

Eli Brasiliense Ribeiro nasceu na cidade de Porto Nacional, no dia 18 de abril de 1915. Durante sua infância na cidade de Natividade teve algumas experiências traumáticas, como ter caído da escada de casa e quase morrer afogado num dos poços do Córrego da Praia, onde brincava com seus colegas.

Em entrevista concedida ao professor Giovanni Ricciardi e publicada no prefácio do livro *Chão vermelho*, ao ser questionado sobre como era a vida em Natividade, Brasiliense diz que “era aquela vida pacata... De noitinha, a gente via os velhos em roda, na porta, conversando. As comadres de um lado, os compadres de outros, aquela vida pacata.” (BRASILIANSE, 2002, p.18).

A mãe de Eli Brasiliense, Jesuína Silva Braga, foi professora, mas quase não exercia a profissão, pois tinha mais vocação para costureira. Eli Brasiliense decorava o “livro de história sagrada”, que era a *Bíblia*, onde realizava estudos que eram tomados por sua mãe; ele decorava as páginas da *Bíblia* ilustrada com desenhos de mais diversas representações simbólicas e dali recebia orientações gerais para a vida.

Brasiliense foi uma pessoa que muito estudou desde sua infância e foi educado em colégio católico em regime de externato. Depois do primário cursou todas as matérias no Seminário São José, que era de responsabilidade dos Dominicanos na cidade de Porto Nacional.

Na vida profissional Brasiliense teve grande êxito. Na cidade de Pedro Afonso, foi diretor do Grupo Escolar Pádua Fleury; em Goiânia, em 1937, foi jornalista; já no ano de 1940, na cidade de Pirenópolis, fora nomeado Delegado Municipal do Recenseamento. Nesta

mesma cidade foi secretário da Prefeitura e professor. Brasiliense trabalhou como jornalista e professor em vários lugares, como no Colégio Comercial Cinco de Julho, Educandário Goianiense, Colégio Comercial Dom Marcos de Noronha, Colégio Santo Antônio e também contribuiu com a Escola Normal Padre Gonzaga, da cidade de Pirenópolis.

O interesse pela literatura surgiu durante os estudos no Colégio de Santo Tomás de Aquino, onde havia um jornal, que começou sendo manuscrito até que a direção do colégio comprou uma tipografia com o passar dos anos. Brasiliense também teve seu próprio jornal, denominado *O Tagarela*.

Brasiliense é um dos testemunhos do nascimento, crescimento e desenvolvimento da cidade de Goiânia, pois se mudou para a mesma em 1937, logo no início da construção da cidade.

Na capital, foi membro da Academia Goiana de Letras, onde ocupou a cadeira número 2. Foi presidente da mesma entre 1961 a 1964, membro da União Brasileira de Escritores e seu presidente no período de 1950 a 1955, além de membro da Comissão Executiva do 3º Encontro Nacional de Imprensa, fundador da revista periódica *O Bólido* e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Durante os anos em que Brasiliense exerceu a profissão de jornalista ele escreveu seu primeiro romance *Pium*, em 1940, que foi um de seus maiores sucessos, sendo conhecido em todo território nacional e também no exterior, e premiado.

A partir de então, continuou a escrever e, em 1954, lançou sua segunda obra, *Bom Jesus do Pontak*; em 1956, publicou o romance urbano *Chão vermelho*, que também teve grande importância na carreira do escritor, pois o enredo relatava o surgimento de Goiânia como capital. Em 1964, ganhou o prêmio da categoria romance do 1º Concurso Literário da Universidade Federal de Goiás, com o livro *Rio Turuna*. Em 1968, com novo estilo, escrevendo contos, lançou *O irmão da noite*, livro que foi bem aceito. Já com certo cunho filosófico, em 1969, lançou o *Grão de mostarda* e, em 1970, *A morte do homem eterno*. 1972 foi o ano de *Uma sombra no fundo do rio* e de *Cidade sem sol e sem lua*. Em 1973 lançou *Perereca* e, em 1982, seu último livro, *Um bilhete a minha filha na noite de Natal*.

Eli Brasiliense faleceu em 5 de dezembro de 1998, aos 83 anos de idade e 59 anos de atividade literária. Brasiliense deixou várias contribuições para a sociedade, com suas atividades culturais e literárias. E este trabalho se serve de *Chão vermelho*, obra de literatura urbana, rica em detalhes e marcada pela simplicidade do povo, para recontar parte de sua história.

O livro ora trabalhado, *Chão vermelho*, foi publicado em 1956, logo, possivelmente, escrito, ao menos em parte ou sob o clima do último governo de Getúlio Vargas (1951 a 1954)

ou de Café Filho (1954 a 1955) e dos presidentes interinos de novembro de 55 a janeiro de 1956, quando Juscelino Kubitschek assumiu a presidência. É considerado por críticos literários e por estudiosos, como Nelly A. de Almeida (1985, p. 17), como uma das mais belas obras de Brasiliense, recebendo críticas e elogios literários de grandes nomes da literatura brasileira como de Jorge Amado, dentre outros.

O livro pertence ao ciclo citadino do autor, mas não deixa de promover relações com temas alheios a urbe, mas sempre preso ao universo da cidade. O romance conta-nos, através de narrativas compostas por diálogos entre seus personagens, o dia a dia de uma cidade que estava nascendo. O livro está dividido em 33 capítulos numerados e em cada um desses se encontra um tema, uma abordagem diferenciada dessa cidade que aflora no meio do cerrado.

Os personagens, na sua maioria, são pessoas pobres, humildes e preocupadas com o seu futuro. Personagens esses que se preocupam com a vida escolar dos filhos, com a poluição, com a política, com o rápido crescimento da cidade e suas consequências, como o aumento da marginalidade e criminalidade. O livro conta, também, através dos personagens jovens, o cotidiano boêmio, noturno, com suas festas e dramas, permitindo, assim, fazer uma reflexão sobre a vida boêmia das pessoas daquela época.

Assim, em suma, a obra de Brasiliense aborda a cidade de Goiânia jovem e o cotidiano das pessoas naquele momento. Com isso a violência, muito mostrada no livro, é uma questão que, desde a década de 1950, em sua afirmação como “cidade grande”, Goiânia já enfrentava. A violência retratada no decorrer da obra é vista como uma questão rotineira nas ruas da cidade, ainda jovem, mas que já sofria com a marginalidade e os atos de vandalismo, que as grandes metrópoles enfrentavam e ainda enfrentam.

2.2 - Hélio de Oliveira e *Eu vi Goiânia crescer*

Como dito anteriormente, trazemos para complementar esses estudos a cerca da cidade de Goiânia na década de 1950, a fotografia como fonte secundária, em específico, as fotos de Hélio de Oliveira contidas na obra fotográfica *Eu vi Goiânia crescer*, publicada em 2008. O livro é uma coletânea de fotografias feitas pelo autor ao longo de sua vida de fotógrafo e se ocupa também dos temas e lugares que remetem ao cotidiano da nova capital.

Na obra *Eu vi Goiânia crescer*, Hélio de Oliveira expõe suas imagens de Goiânia, já que o mesmo é um livro de fotografias a partir das quais o autor conta Goiânia através de suas fotos.

O autor é assim descrito em um produto televisivo, o “Programa Raízes – Jornalismo Cultural”, realizado em Goiânia:

Goiano Hélio de Oliveira, natural de Buriti Alegre, em 1935, mudou-se para Goiânia na companhia de seus pais. Cresceu acompanhando o desenvolvimento de Goiânia, e fez seus primeiros estudos em escolas particulares. Em 1950, exerceu a profissão fotografando reuniões sociais, atividades desportivas até que, no final de 1951, ingressou no jornalismo sendo contratado pelo jornal “O Popular”, como primeiro repórter fotográfico de Goiânia, permanecendo no cargo por 10 anos. Na mesma época começou a prestar serviços para o Governo do Estado, sendo o fotógrafo oficial dos Governos de Pedro Ludovico Teixeira, José Ludovico de Almeida (Dr. Juca), José Feliciano Ferreira, Mauro Borges Teixeira, interventor Meira Matos, Marechal Ribas Júnior e Otávio Lage de Siqueira (até a metade de seu mandato). Continuou trabalhando junto à área de comunicação do Estado até o 1º mandato do governo de Marconi Perillo quando se aposentou. Foi o primeiro fotógrafo a retratar o Presidente J.K. no sítio onde se ergueria a nova Capital do País, em 1956. Fotografou os primeiros grandes acontecimentos de Brasília, como as primeiras construções, a primeira missa, a inauguração oficial da capital, as primeiras visitas ilustres, sempre acompanhando os Governadores de Goiás. Foi o fotógrafo oficial da campanha de J.K. ao senado por Goiás, acompanhando-o por todo o Estado. Durante mais de trinta anos, antes do advento dos cartões postais coloridos, divulgou Goiânia fornecendo vistas da cidade para as bancas de jornal, atendendo também solicitações por carta de várias partes do país. (HELIO... , 2011).

O livro *Eu vi Goiânia crescer*, é composto por 80 fotos que mostram imagens de diversos pontos da cidade que ia crescendo a cada dia. As fotos foram tiradas entre os anos de 1950 a 1968, período esse que Goiânia ainda crescia de forma triunfal para a aclamada marcha do progresso.

Hélio de Oliveira também publicou o segundo volume de *Eu vi Goiânia crescer*, em 2014, e lançará, ainda, um terceiro com imagens aéreas da cidade e um quarto, com fotos antigas e atuais, fazendo uma comparação entre os locais goianienses e como eles mudaram desde a fundação da capital.

Nas fotos de *Eu vi Goiânia crescer* pode-se perceber momentos de distração das pessoas em parques, o grande fluxo de veículos e pessoas nas avenidas Anhanguera e Goiás, várias imagens de ângulos diferenciados do marco principal do poder na capital, a Praça Cívica, composta, em especial, pelo Palácio da Esmeralda, sede do governo estadual.

Há, também, fotos da Praça Universitária e da Faculdade de Direito, o que nos remete a questão da cidade que se preparava para formar e receber os intelectuais da época. O Cine

Teatro Goiânia foi também fotografado por Oliveira que nos mostra esse espaço cultural para receber as pessoas da elite goianiense, mas que, também, parece querer inserir Goiânia em um circuito nacional de arte e espetáculos. Com capacidade para 850 pessoas, foi inaugurado em 1942, por Pedro Ludovico, com peças de teatro e filmes, apresentando, assim, a aspiração da cidade em ser, também, uma capital artística.

O autor, assim, vai compondo seu acervo de fotografias, organizado em livro, de forma a mostrar uma evolução de Goiânia, ao mesmo tempo, deixando entrever uma vocação, como se verá no próximo capítulo, da cidade para a grandiosidade. As fotos, em grandes planos, e as diversas fotos aéreas, expressam a leitura que Oliveira foi fazendo da cidade com sua câmera. É possível dizer que ele desejava que a cidade fosse vista em seu rápido crescimento, pois percebe-se nas fotos asfalto em bairros, prédios, monumentos, muitas casas, pessoas bem arrumadas, trabalhadores risonhos sobre as grandes obras... Em fim, Oliveira parece querer mostrar uma cidade que é a cara do progresso.

CAPÍTULO 3

GOIÂNIA - DOS DISCURSOS À CIDADE DOS ANOS 1950

Neste capítulo temos por objetivo discutir como se deu a construção e crescimento da cidade de Goiânia até a década de 1950, partindo dos primeiros discursos que defenderam a mudança da capital do Estado até a mudança propriamente dita. Em seguida, mostraremos Goiânia como resultado da representação literária na obra de Eli Brasiense, *Chão vermelho*.

3.1 - Dos discursos da esfera política à cidade de Goiânia

Ao tratar da história e formação do Estado a historiografia goiana aponta que desde início da colonização diversas bandeiras, expedições exploratórias, percorreram esse território, mas que seu povoamento apenas ocorreu no século XVIII devido o descobrimento das minas de ouro. Essas expedições seguiam os trechos dos rios Paranaíba, Tocantins e Araguaia, e “vários arraiais surgiram às margens dos rios propícios à mineração.” Conforme Nasr Fayad Chaul (1997, p. 28), é comum dizer que foi Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que “descobriu” Goiás, pois, “após seis meses de viagem de São Paulo ao sertão goiano, onde vinha pela terceira vez, fundou em 1726, às margens do Rio Vermelho, o Arraial de Sant’Anna, mais tarde Vila Boa, que viria a ser a capital da futura capitania de Goiás”.

Vários centros de garimpos se formaram durante o século XVIII por todo o território da capitania e na região que dava acesso a São Paulo se concentrou diversos arraiais como de Santa Cruz, Santa Luzia, Meia Ponte, Jaraguá e Vila Boa. Outra região povoada se concentrava ao norte, a caminho do Maranhão, com os arraiais de Traíras, Água Quente, São José, Santa Rita e Muquém. E na região com as fronteiras baianas tinha os povoados de Arraias, São Felix, Cavalcante, Natividade e Porto Real.

O restante do território era quase despovoado. Desde 1772 esse território fizera parte da capitania de São Paulo até 1749, quando se tornou independente, passando a chamar Capitania de Goiás, e tendo por sua primeira capital a Cidade de Goiás, antiga Vila Boa, que desde esse período fora vista inadequada para ocupar esse posto. No entanto, foi com os avanços alcançados pelo Estado, nos primeiros anos do século XX, que ressurgiu o discurso da necessidade de mudança da capital e a ideia de transferência, que desenvolveu a partir de interesses econômicos e sociais da época.

Dirigidas por Pedro Ludovico de Teixeira essas propostas se sustentavam na ideia da necessidade de uma nova capital para o Estado de Goiás com melhor localização, de forma a integrar um Estado que era muito grande.

Goiânia teria de ser um símbolo do progresso que chegava ao Estado. Para Eugênio Resende Carvalho (2002, p. 160-1),

tal ideologia do progresso vinculava-se no âmbito nacional à ideologia ditada por Getúlio Vargas, expressa em sua política da Marcha para o Oeste, que pregava a ocupação e integração de regiões então marginais do interior do Brasil, [...] a promessa do desenvolvimento e do progresso constituía-se assim num poderoso elemento legitimador da revolução e justificador da permanência de Pedro Ludovico no poder.

Com esse chamado avanço ao progresso, a cidade velha Cidade de Goiás, com seus traços coloniais e estrutura urbana precária, não poderia mais ser, então, a capital do Estado. Goiânia passava a ser horizonte máximo desse progresso imaginário que se aproximava e chegava ao Centro Oeste brasileiro. “Goiânia seria reivindicada então em nome desse progresso, ou, nas palavras de Pedro Ludovico, ela era a ‘chave do progresso do Estado’, simbolizava ‘o começo de solução de todos os demais problemas’, a chave de um futuro grandioso” (CARVALHO, 2002, p. 161 - 162).

Mas essa ideia de mudança da capital do Estado para um novo local já vinha sendo discutida há muito tempo. Isso, logo após as “transformações políticas produzidas no Estado pela Revolução Liberal de 1930” (REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL, 1984, p-9), mas, também, antes disso, por outros governadores antes de Ludovico. Lá “pelos anos de 1754, o então governador Conde dos Arcos observava ao soberano português a deficiência climática e as difíceis comunicações de Vila Boa, sugerindo a mudança da capital para Meia Ponte (atual Pirenópolis)” (CHAUL, 1999, p. 66). E, houve, também, outros que defenderam o discurso mudancista por outros motivos. Em 1830, o

segundo governador de Goiás, o Marechal de Campo Miguel Lino de Moraes (1827-1831), manifestava-se favoravelmente à mudança, porém, para o Norte, proximidades de Água Quente (Niquelândia), região mais povoada e de comércio mais franco. (REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL, 1984, p. 9).

Segundo a *Revista do Arquivo Histórico Estadual* (1984, p. 10), “a 1º de junho de 1891, os constituintes goianos oficializaram a ideia da transferência da capital no texto constitucional, ratificando-a na reforma de 1898, como na de 1918.”

Enfim, em vários momentos pelos quais Goiás passou, desde o século XVIII a ideia de mudança da capital estava presente nos discursos dos governadores. Ou seja, o discurso mudancista já vinha sendo definido no mundo colonial, mas a sua realização somente se deu

no momento em que a República Brasileira se estruturou nas mãos de Getúlio Vargas. Nesse momento, esse foi um discurso vitorioso, pois Goiânia teve, assim, sua construção iniciada e, a partir desse processo, foi pensada por alguns autores como expressão da ruptura com a decadência, a justificativa da Revolução de 1930 em Goiás, e como o símbolo do progresso e como um sonho, uma utopia:

A construção de Goiânia e a transferência da capital podem ser vistas sob alguns aspectos que passamos a enumerar: primeiro como uma estratégia de poder de Pedro Ludovico [...] que tinha na mudança da capital uma forma de consolidar seu poder político, uma vez que, de 1930 a 1937, no Brasil, tudo era provisório; segundo: Goiânia, mais que uma capital para Goiás, era uma capital para o Sul e o Sudeste, à medida que permitiria uma inserção de Goiás na economia de mercado; em terceiro lugar, uma nova capital seria de suma importância para o processo de acumulação capitalista no Estado; por fim, Goiânia representaria a consolidação da frente pioneira na região, servindo de trampolim para a conquista e a viabilização capitalista da Amazônia. Tudo isso foi feito em nome do progresso, ou seja, da divisão burguesa do progresso. (CHAUL, 1999, p.163-164).

Essa mudança da capital significava ganhos políticos em vários aspectos, não só para Pedro Ludovico, mas também para Getúlio Vargas, que apoiou a construção e mudança da capital e também um ganho para o Partido Social Republicano – partido do então governador Pedro Ludovico. Em um de seus discursos Ludovico mostra Goiânia como uma conquista muito elevada para a política da época, pensamento esse que Nars Fayad Chaul encampa:

Se, construindo Goiânia, outubristas tiveram como propósito criar as bases para sua afirmação política e assentar mecanismos de aceleração da expansão capitalista na região, Getúlio Vargas, ao apoiar a construção de Goiânia, ampliava o projeto, colocando Goiânia como base de uma conquista maior. (CHAUL, 1999, p. 87).

Como se sabe, nada em um governo pode ser feito de qualquer forma, então teve que se elaborar uma “Comissão de Estudos do Local” para construção da nova capital. Sob o Decreto nº 2737, de 20 de Dezembro de 1932, Pedro Ludovico instituiu a comissão para estudos e pesquisa do local onde deveria ser construída a nova capital do Estado. A comissão entregou o relatório completo ao governo em 4 de março de 1933, e a partir daí ficou escolhido a região onde seria edificada a nova capital.

Em 6 de julho de 1933, sob o decreto nº 3547, foi elaborado o Plano Diretor da cidade sob responsabilidade do urbanista e arquiteto Atilio Corrêa Lima. Segundo o Plano:

A cidade seria dividida em setores (central, norte, sul e oeste), que ainda se subdividiam sem zonas, conforme funções. Assim haveria zonas de trabalho (comercial, industrial); de residência; de educação; de política (centro cívico); de religião; de diversão; de transporte (rodovia, ferrovia, ruas,

estacionamentos); de esporte; de assistência médica; de distribuição policial; de defesa militar, dentre outras. (CAMPOS, 2002, p. 178).

Em 24 de outubro de 1933, em missa campal realizada às margens do córrego Botafogo, foi lançada a pedra fundamental para a futura capital do Estado. A cerimônia, segundo a Ata da solenidade, contou com inúmeras participações políticas da região, do Estado e representantes do governo federal. Em discurso durante o ato, Pedro Ludovico ressaltou a importância desse projeto e disse:

[...] o projeto é o mais grandioso de minha administração, a que estou dando todo o vigor do meu querer, toda a força do meu idealismo, rompendo com a tradição e a rotina todo o entusiasmo proveniente de uma ideia sadia e que, por si mesma, se impõe. Não vi obstáculos para a sua realização. Desgostei velhos amigos ao protegê-la e ao levá-la avante. Pus em jogo meu prestígio político, contrariando o desejo da maior parte de uma população que representa a intelectualidade do Estado, pois, são sempre as capitais os cérebros que pensam e que dirigem. (REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL, 1984, p. 37).

Aqui se pode perceber o quanto essa cidade era sonhada e fazia parte da ideologia política de Pedro Ludovico. Em seu discurso ele próprio a exalta, mostrando, assim, que a sonhada Goiânia se tornaria para ele mais que um projeto, mais sim uma glorificação pessoal e política.

A chave mestra inicial dos discursos de mudança da capital fora o argumento de desenvolver o Estado de Goiás. Podemos ver na introdução do “Relatório de Pedro Ludovico a Getúlio Vargas (1930 a 1933)”, de 1933, o desejo e sentimento de tornar o Estado mais rico. No referido relatório Ludovico faz um apanhado geral sobre situação do Estado de Goiás naquele momento, identificando diversos problemas e ao mesmo tempo apresentando soluções a eles. Diversos pontos são abordados no relatório enviado ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, como: Educação, Navegação Fluvial, Colonização, Serviços Sanitários, Força Pública, Força de Luz da Capital, Justiça e Mudança da Capital.

No capítulo em que Ludovico trata da mudança da capital do Estado, ele procurou estabelecer um discurso lógico, comparando-a à construção de Belo Horizonte, para provar seus argumentos: “exumarei galvanizar a velha ideia da mudança da sede dos poderes públicos estaduais para o local bem escolhido, que possibilite a formação de uma verdadeira capital” (TEIXEIRA, 2010, p. 117). Ele deixa claro que a cidade não tinha mais condições de ser a capital. Francisco Itamim Campos (2002, p. 174-176), mostra os pontos principais dessa

argumentação, os quais foram extraídos do “Relatório”, acima mencionado, enviado ao governo central. Primeiro podemos destacar dois aspectos relativos ao espaço físico, natural:

- h) Sítio: “Situada em meio de uma bacia, conquanto sobre terreno acidentado, cerca de altos montes que a comprimem em diminuto âmbito, embaraçando-lhe a regular ventilação, estreitando-lhe, demais, o horizonte visual”;
- i) Clima: “Castigada por excessiva temperatura graças à sua baixa latitude [...], não corrigida pela altitude ou por causas locais [...]. A casa habitada [...] de Goiás, longe de proporcionar ao homem os meios de tornar mais fácil a vida e de furtar à plenitude da ação entorpecente da elevada temperatura média local, como que colaborava com ela no esforço de fazer inhabitável a cidade de Goyaz” (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p. 174);

Em seguida Ludovico faz considerações em relação ao Homem goiano:

- j) Homem: “Pela poderosa influência do meio na mentalidade dos homens, estreitando os horizontes e embargando os impulsos de engrandecimento [...] Contam-se às dezenas nesta Capital, os infelizes classificáveis no extenso grupo patológico dos débeis mentais, desde imbecis natos até os cretinizados pela miséria física ou por outras causas degenerescentes, congênitas ou adquiridas, os quais, como verdadeiras máquinas, se esbofam nos trabalhos caseiros das famílias que os acolhem.” (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p.174-175).

Outros aspectos abordados no “Relatório” referem-se aos serviços de infra estrutura básica.

- k) Abastecimento de água: “o problema de abastecimento de água permanece insolúvel, tal como em 1890, tal como sempre. [...] Toda a água potável, consumida pela população da Capital, é transportada na cabeça em potes, e fornecida pelas únicas e podres fontes existentes.”
- l) Rede de esgoto: “Como pode uma cidade ser limpa, higiênica, habitável sem possuir um sistema de galerias subterrâneas para o escoamento dos detritos, águas servidas e matérias fecais?”
- m) Habitações: “As habitações da cidade de Goyaz [...] aberram de todos os princípios de higiene e de todas as utilidades de conforto. Noventa e oito por cento da população da capital dorme em alcovas bafientas, que nunca recebem sol e em que jamais entra luz diretamente do exterior”. (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p. 175).

Por fim, Ludovico mencionou os aspectos econômicos:

- n) Decadência: “O fato que demonstra, de modo inexorável, a incapacidade do desenvolvimento, ou antes, a decadência invencível da cidade de Goyaz, é o seu índice de construções. De 1890 ate 1914, Goiás, não chegou a construir, em média, uma casa por ano. E de 1914 a 1932, apesar do advento do automóvel e da lenta mais registrável melhoria operada na situação econômica do Estado por influência da Grande Guerra, a média de construções na cidade de Goyaz não passou de uma e meia casas por ano [...]. Basta acrescentar que até na população tem havido decréscimo sensível. Em 1890, a população da cidade de Goiás atingia 10 mil almas. Em 1932 [...] a sede deste município tinha apenas 8256 habitantes”. (TEIXEIRA apud CAMPOS, 2002, p. 175-6).

Após essa crítica à situação da atual capital do Estado, Pedro Ludovico apresentou a solução, que seria mudança da sede do governo. Para ele, o governo não iria construir uma nova cidade, mais sim fundar uma cidade para ser a nova sede dos poderes estaduais.

Assim, a partir do lançamento da pedra fundamental, inicia-se, definitivamente o planejamento da construção da nova cidade. Segundo o decreto de nº 3557, de 6 de julho de 1933, o Plano Piloto da cidade deveria ser entregue em um prazo de seis meses e, nesse Plano deveriam estar previstos os seguintes edifícios: Palácio do Governo, Secretaria Geral do Estado, Diretoria Geral de Segurança e Assistência Pública, Palácio da Justiça, Palácio da Instrução, Quartel da Força Pública, Hotel com 60 quartos, Prefeitura e mais 20 casas para funcionários. As obras deveriam custar cerca de cinquenta e cinco contos de réis (55:000\$000). Lembramos que o mesmo decreto ainda previa que junto a essas obras deveriam ser entregues também a infraestrutura básica da cidade. Esse Plano Piloto de Goiânia formava em seu mapa o manto de Nossa Senhora, e a praça cívica, onde se situaria a sede do governo, seria a coroa de Nossa Senhora. Tal projeto da cidade, como já dito, foi elaborado pelo arquiteto Atilio Correa Lima, e sua finalização teve algumas mudanças, como afirma Patrick de Almeida Vieira em seu estudo sobre o plano original do arquiteto e a planta final que foi construída como a cidade de Goiânia.

Mas esse dinheiro todo para a construção de Goiânia viria de onde? Segundo Nasr Fayad Chaul, em seu livro *A construção de Goiânia e a Transferência da Capital*, “a maioria das terras obtidas o foram ou através de doações ou de compras” (CHAUL, 1999, p. 93). Doações de pessoas ou mesmo da Prefeitura de Campinas. Já as verbas, vieram também do governo Federal, pois como disse antes a nova capital era de interesse do Governo de Getúlio Vargas. Em “Relatório” enviado de Pedro Ludovico a Vargas, o governador expõe que:

O Governo de Goiás não vai construir uma capital, como pensam alguns. Vai fundar, isto sim, uma cidade nova e construir nela seis ou sete prédios destinados à instalação dos poderes públicos, e sessenta, aproximadamente destinados aos funcionários e à custa destes. Para iniciar as obras, o Governo conseguiu um empréstimo de 3000 contos, negociado com o Banco do Brasil na seguinte base: juros de 8 ½ ao ano, pagos por semestre [...] Deduzindo-se do empréstimo a dívida atrasada de 500 contos que o Estado tem para com o referido estabelecimento bancário, e que dar o impulso inicial ao empreendimento e financiar a terça parte das outras da nova capital, que serão concluídas com recursos advindos da venda de terrenos. (CHAUL, 1999, p. 96).

Com o avanço das obras, Goiânia foi a cada dia ganhando forma de uma nova cidade, e, em 7 de novembro de 1935, Pedro Ludovico decreta o professor Venerando de Freitas

Borges prefeito de Goiânia. A partir daí começaram as mudanças dos poderes Judiciários e Legislativos para a cidade.

Para a Nação Brasileira, Goiânia representou a concretização de um discurso e momento em que o símbolo se corporificou e se transformou em um marco na concretização de uma política nacionalista: o Brasil civilizado, a partir da integração de suas regiões, pretendia marchar, a passos largos, rumo ao progresso e à civilização rompendo, definitivamente, com um passado de inferioridade diante o mundo civilizado. (PEREIRA, 2002, p. 52).

No dia de sua inauguração oficial Pedro Ludovico expressou novamente em seu discurso que a capital era um sonho que se tornava realidade, um símbolo para o Brasil:

Dirijo-me ao Brasil, ao ensejo da passagem do maior acontecimento já registrado no meu Estado. Inaugura-se hoje a jovem Goiânia, Capital de Goiás. Ao entregar à comunhão nacional a cidade cuja construção foi parte primacial do meu programa de governo, despido de espírito regionalista, ergo o meu olhar para a Pátria comum, antevendo o seu futuro esplendoroso. Tenho a honra de saudar, na pessoa do grande condutor, o Presidente Getúlio Vargas, o Brasil gigante e poderoso. Saúdo a Amazônia, tão cheia de mistérios e tão rica de promessas; as terras dos palmares e babaçuais esplendidos do Parnaíba longínquo. Saúdo o nordeste, de atitudes heroicas e fecundas ante as durezas do clima que flagela; os Estados do leste, de riquezas tão numerosas e de um labor tão intenso, em benefício da economia nacional. Saúdo as terras dos vales históricos do Paraíba e do Tietê, onde vicejam os cafezais, os algodoais e tantas outras riquezas; as regiões admiráveis dos pinheirais paranaenses e catarinenses. Saúdo os pampas do sul, berço de heróis, celeiro do Brasil; as terras que, a leste e oeste de Goiás, com ele se irmanam na grandeza das suas glebas, na variedade dos seus produtos e no labor intrépido dos seus filhos. Saúdo o Brasil todo, símbolo de pujança, dignidade e elevação moral. A Ele, BRASIL, entrego um grande Ideal que se tornou uma grande realidade - GOIÂNIA. (TEIXEIRA, 1942, p.55).

Então, logo após sua inauguração, se deu a mudança definitiva de todos os poderes - Legislativo, Executivo e Judiciário - mas a transferências dos demais órgãos do governo só veio a acontecer em 1937, sob o decreto nº 1816, de 23 de março, que determinava a mudança definitiva para Goiânia.

Mas mesmo com a mudança definitiva a cidade não parava de crescer e ainda vivenciava a condição de um canteiro de obras, pois, havia muito a ser construído, muito a ser desbravado, muitos lotes baldios estavam espalhados em meio a essa nova cidade. E, até chegar às décadas de 1950, quando esse processo será acompanhado através da obra literária e fotográfica de duas pessoas que presenciaram e representaram esse avanço, muitas mudanças e transformações

ocorreram, concorrendo, assim, para finalizar uma cidade que, então, podia ser contada e retratada e, portanto, dada a ler.

3.2 - A Jovem Cidade na Década de 1950

Com o passar dos anos Goiânia vivenciou um forte impacto de urbanização e crescimento, determinado por uma quantidade enorme de loteamentos que foram surgindo, além da grande chegada de migrantes e imigrantes que se dirigiam à cidade e iam fazendo-a crescer, extrapolando seu plano diretor. “Goiânia estava se tornando uma cidade desconexa com a aprovação de inúmeros loteamentos, cujo critério se baseava apenas em estares localizados dentre do diâmetro legal de 30 quilômetros”. (MEDEIROS, 2010, p 138)

Com isso percebemos uma ruptura e um esfacelamento do planejamento da cidade que foi edificada para ser modelo para o restante do país. Bairros ilegais foram crescendo, como a Vila Operária, Botafogo e Macambira. Victoi (2013, p. 67) citando Gonçalves (2002, p. 115), afirma:

Entender a expansão urbana de Goiânia a partir das décadas de 1950 e 1960 significa montar a história do desplanejamento de uma cidade planejada. Os anos 50 assistiram a uma sensível mudança na construção do espaço urbano de Goiânia. [...] Goiânia passou por um surto de urbanização no qual o Estado, paulatinamente, deixou de regular e interferir no planejamento urbano da cidade e incentivou de certa maneira, a atuação da especulação imobiliária e da iniciativa privada, que há muito esperava autorização para poder parcelar as áreas adjacentes ao núcleo original da cidade. É possível caracterizar as décadas de 1950 e 1960 pelo descaso do Estado com as questões urbanas relacionadas à capital. Essa atitude irrefletida e a falta de interesse do poder constituído em arcar com os ônus da urbanização da cidade contribuíram de maneira decisiva para o surgimento de duas grandes invasões em áreas pertencentes ao próprio Estado, na Vila Operária e na Macambira, além, naturalmente, da invasão que já existia no Botafogo. Ao mesmo tempo, a explosão de loteamentos particulares, desvinculados de qualquer preocupação maior com a cidade, veio dificultar o entendimento sobre a maneira que a cidade cresceu nesse período.

Conforme o Plano Diretor de 1992, até a década de 1950 a cidade de Goiânia cresceu e se desenvolveu conforme o esperado nas previsões do plano original, mas a mesma sofrera com as administrações desatentas ao seu plano urbanístico.

A partir da década de 1950, a cidade de Goiânia foi marcada por uma explosão do crescimento e o Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia, de 1992, apresenta cinco fases do crescimento territorial da cidade, sendo a principal delas os anos de 1950, no quais

inserem a narrativa de Brasiliense que aqui buscamos analisar. Em 1950 fora aprovada a Lei Municipal nº 176 que, segundo Juliana Costa Mota (2004, p. 42), “obrigava a implantação de infraestrutura mínima pelo empreendedor”. Com a lei, a Prefeitura de Goiânia exigia dos empreendedores a locação e abertura de logradouros que só poderiam ser pavimentados depois que recebessem abastecimento de água e rede de esgoto.

Para Victoi (2013, p. 108), a fase do crescimento de Goiânia que vai de 1933-1950, apresentou, no início da década de 1950, uma “expansão da cidade com a criação de novos loteamentos facilitados pelo afrouxamento das exigências legais para implantação de novos empreendimentos”. Percebemos, então, que a lei citada facilitou a consolidação e expansão desordenada da cidade antes planejada. Para Mota (2004, p. 43) os loteamentos provocaram uma “expansão horizontal e dispersa de Goiânia”.

Com isso, também, houve um crescimento rápido da população, que em 1940 era de 14.943 habitantes e dera um salto para 39.871 no início de 1950, segundo fontes do IBGE. Já no final da década de 50 e começo de 1960 a população era de 101.254 habitantes.

Segundo o Plano Diretor de 1992, a fase seguinte da expansão de Goiânia se consolidou entre os anos de 1950 e 1964, sendo marcada pela atuação de políticas habitacionais que influenciaram na horizontalização da cidade e extensão periférica. Para Mota (2004, p. 46) este “crescimento acelerado agravou os problemas, já enfrentados na cidade desde o seu início, relativos à falta de infraestrutura e serviços urbanos, assim como a crise de moradia. Junto aos novos loteamentos feitos pela iniciativa privada e pelo Estado, que iam se espalhando, as invasões eram cada vez mais frequentes”.

Nesse interim, novos bairros foram criados e tiveram um rápido crescimento como o caso da Vila Operária (1952), Norte Ferroviário (1953), Universitário (1956) e Pedro Ludovico (1958). Segundo Everaldo A. Pastore (1984) a cidade de Goiânia tinha em 1950, 13.563 lotes urbanos para uma população de quase 40 mil habitantes e no final da década já havia 150.117 lotes aprovados para 133.462 habitantes. Com isso no início da década de 1960, a cidade já contava com 17 bairros. O rápido crescimento teve um desaceleramento em 1959 quando foram proibidos pela Prefeitura Municipal novos loteamentos na cidade através da Lei nº 1.556, de 11 de outubro de 1959, que vigorou até o ano de 1963.

3.3 - Da representação literária da cidade em *Chão vermelho*

A cidade de Goiânia proposta, e que se tornou nas fontes utilizadas, realidade nos anos 1950, foi planejada como cidade modelo. O ideário de modernidade e o planejamento urbano foram guias de sua construção. A cidade planejada foi crescendo e se transformando à medida que para ela afluíam mais pessoas e uma nova realidade humana se configurava, nem sempre coincidente com o planejamento realizado. Em alguns lugares, como o Centro, por exemplo, o controle do espaço parecia pleno, mas em outros, periféricos, a cidade crescia de forma desordenada, como mostra *Brasiliense* ao dizer:

[...] Joviano ficou assuntando a cidade. Já não podia abarcar, como antigamente, as casas todas olhando para um rumo só. Eram casas desordenadas no mato ralo da campina de terra vermelha. Havia ainda residências brotando do charravascal, em setores novos, naquela terra podre que desmoralizava os construtores apressados, rachando paredes e desconjuntando alicerces. [...] Pouca gente conhecia a verdadeira história da mudança da capital para Goiânia num pedaço de chão considerado sem serventia. Tinha conhecimento apenas dos bate bocas na Assembleia, antes de ser esbandalhada pela ditadura. Lorotas de jornais, patranhas de politiqueiros. Do serviço duro mesmo só davam notícia os pioneiros. Ele ali sentado na soleira de um caritó conhecia tudo, desde o começo do Palácio, batizado com um nome bonito. Muita gente dizia que aquela confusão de paus e de tábuas, antes de surgir o esqueleto do prédio transformaria em ninho de seriema, porque era coisa de doidos a mudança. As casas haviam desaparecido. Cada semana a cidade mudava de feição esparramando-se para todos os lados, escorraçando gente pobre do centro. (BRASILIANSE, 2002, p. 43-4).

Nesse fragmento se pode perceber que a cidade de Goiânia logo após nascer já enfrentava um dos maiores problemas das cidades de hoje em dia, que é o crescimento descontrolado e desordenado dos bairros. A maneira como o personagem ficou observando a cidade expressa que poucos anos antes do momento em que seu olhar é composto, Goiânia era apenas um espaço vazio, com poucas pessoas morando perto umas das outras, pois, o que se tinha como urbano era ainda o plano estrutural da cidade. Mas, tal como mostra o personagem de *Brasiliense*, a cidade planejada e pensada nos anos 1930, chega aos anos 1950 diferente, pois estava cada vez mais transformada e já abrigava as casas de vila, ou casas de periferia no entorno do centro planejado. E era para esses lugares que ia a população pobre, grande parte

dessa era de migrante e imigrante atraídos pelo sonho da cidade grande possuidora de oportunidades.

Joviano é o principal personagem da história de *Brasiliense*. Era um homem trabalhador, simples e sonhador, preocupado com o futuro de seus filhos e amigos, estava sempre trabalhando junto às obras da cidade de Goiânia. Mas ele e os seus companheiros estavam nas margens dessa capital, pois a sua cidade de Goiânia não é o Centro, mas sim os bairros que surgiam aleatoriamente abrigando operários seus construtores aqueles mesmos que aparecem nas fotos de Oliveira minimizados frente à grandiosidade das construções.

Foto: 01 - Mercado Municipal, 1952.



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 145.

Vejamos um fragmento onde também o literato se ocupa de uma idéia de cidade como capital:

Dali se avistava a Avenida Anhanguera, inçada de automóveis [...]. O progresso estava estragando tudo. Já não se podia andar com sossego pelas ruas. O vivente ia muito bem, andando distraído, de repente era um guinchar perto, a roda do carro riscando o asfalto. Carro passava por cima de gente de vez em quando. No bairro não havia desastres porque os choferes tinham de andar com cuidado, para se livrar dos buracos. [...]

Muita gente não andava mais a pé. Chegava de tanga na cidade e logo apreendia a mandraca da riqueza fácil, sem suor e sem cansaça, pinha casa de aluguel e carro pra rodar. Por isso é que olhava tudo com desconfiança todo sujeito com modos de camponês embrulhado em

roupa de carregação, com o bote armado pra emprestar dinheiro a até vinte por cento. (BRASILIENSE, 2002, p. 45).

Nesse momento, pode-se perceber o rápido crescimento do trânsito automobilístico na cidade e isso se tornando um problema naquele momento. A cidade foi pensada sem levar em consideração aspectos como um contínuo crescimento do uso de carros e, por consequência, do que esse uso significa. Mas para Joviano, tal como expressado em seus pensamentos, os automóveis significavam mais do que isso, pois eram sinais de uma mudança nos costumes, na vida das pessoas. Nesse caso, a cidade é um lugar que muda o homem, muitas vezes para pior, pois o personagem ressalta a diferença entre os modos do camponês, desacostumado com a cidade e os modos urbanos que ali se estabeleciam.

Dessa forma, também podemos observar uma Goiânia formada por homens que vieram do campo ou das pequenas cidades. Homens e mulheres ainda navegando no novo mundo que se lhe apresenta à sua frente. A cidade planejada, planificada, plana e de avenidas largas, em nada lembrava o mundo do qual esses sujeitos saíram. Goiás, nesse momento, ainda era um lugar cuja grande maioria da população estava na zona rural. É sim, a partir dos anos de 1950 que essa realidade começou a mudar. Pode-se dizer que houve uma influência de Goiânia, de sua condição de capital, sobre esse movimento de êxodo rural, mas também de todo o imaginário sobre cidade que ela representou, que, como afirma Raymond Williams, a cidade representaria o progresso, o estudo, a modernidade e o campo, seu oposto, o que deveria ser deixado para trás.

Foto 02 - Avenida Anhanguera, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.79.

Assim, em ambas as imagens, do trecho do livro e da fotografia, é preciso levar em consideração que os narradores viam a cidade de Goiânia a partir da preocupação com o

rápido avanço do chamado progresso, expresso nas máquinas, que, por seu lado, já impunham problemas para a população. Um povo que estava acostumado com a “lentidão” do seu dia a dia, e agora sofria com a correria dos automóveis, da locomotiva e impunha o mesmo ritmo acelerado às pessoas.

No livro deparamos muitos trechos que falam de carros em vias de terra e, com esse movimento, um prenúncio do que a cidade se tornaria. Tanto é que mais à frente, no livro, o romancista até chama Goiânia de “formigueiro humano”, ou seja, percebe que uma cidade como aquela é um espaço no qual as pessoas não ficam em um lugar só, mas ficam se movimentando o tempo todo na busca de garantirem a sobrevivência. Provavelmente, todo esse movimento pode ser o das pessoas se deslocando para seus locais de trabalho e outras atividades requeridas por seu viver, pois, como a cidade estava se transformando a cada dia, havia muitos pontos de trabalho e obras espalhadas por cada um de seus cantos em formação, como se pode ver no trecho já citado do romance, ao dizer que “cada semana a cidade mudava de feição, esparramava-se para todos os lados” (BRASILIANSE, 2002, p. 43).

Mas, em outro momento no livro de Brasilianse, podemos perceber outro trecho da Avenida Anhanguera tomada por veículos automotores.

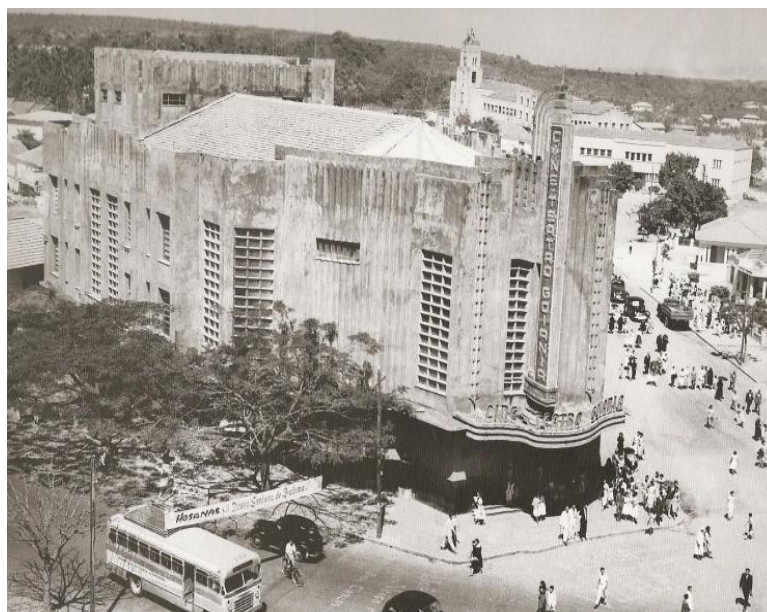
Ferreira descia a Avenida Anhanguera. Tinha pressa e andava com passos miúdos, quase aos saltos. Ao atravessar as esquinas sem nenhum guarda para a sinalização, era preciso ter cuidado. O movimento dos carros crescia com poeira das terras devolutas e dos lotes urbanos. Os atropelamentos se multiplicavam. (BRASILIANSE, 2002, p. 179).

A Avenida Anhanguera foi umas das primeiras de Goiânia e na época de sua construção tinha como objetivo sediar as principais lojas comerciais da cidade. Ela contava com um projeto ambiental e paisagístico integrando, assim, o Plano principal da cidade. Nessa avenida encontram-se os principais prédios e monumentos de Goiânia. Ela é a principal avenida da cidade.

Se o problema do trânsito é tema frequente nesse autor, também o são outros dramas dos sujeitos que chegam a Goiânia. Percebe-los implica em atentar às transformações mais íntimas, que alcançam as pessoas e como são representadas a partir, também, de suas percepções de mundo e de suas práticas culturais. Um aspecto que fica muito evidente no romance é a questão da religiosidade, pois “[...] Antigamente a gente podia rezar o terço diante de folhinha, que era tudo cara de santo e de anjo, mas hoje? É, só safadeza.” (BRASILIANSE, 2002, p. 50). Ou seja, para os personagens uma grande transformação vivida pelas pessoas em Goiânia é em relação a suas crenças e modos de vida. Quando a cidade foi se reconfigurando e

tomando ares cosmopolitas também as pessoas evidenciam isso nas formas de se relacionar com o mundo, mostrando-a a partir de seus monumentos e prédios. Um exemplo é a fotografia do Cine Teatro Goiânia que foi inaugurado, como já dito, em 12 de junho de 1942. Esse prédio compunha o conjunto arquitetônico da cidade, estando localizado na Avenida Anhanguera, no Plano original da cidade, e mostra como novos ambientes vão implicar em novos hábitos para a população: ir ao teatro, ir ao cinema, andar pelas ruas, que são ações no interior do Brasil, naquele período, consideradas como novidades, que aparentemente significavam o progresso e o desenvolvimento.

Foto 03 - Teatro Goiânia em 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 101.

A grandeza do Cine Teatro Goiânia e sua imponência, tal como construída pela fotografia, pode ser relacionada ao lamento da mencionada personagem de *Brasiliense* acerca das mudanças nas formas de praticar a religiosidade, pois podemos perceber que, ao fundo da imagem, aparece a Catedral e sua torre. Ora, não parece sem propósito uma imagem como esta e seu significado os hábitos estão mudando, e na modernidade o espetáculo, o lazer e o entretenimento, estão à frente do que era tradição, conservadorismo ou atraso. Nesse ponto, é o teatro que parece combinar com a grandiosidade da cidade e não mais a igreja.

Mas tudo isso, não independe do humano. Enquanto o progresso ia chegando à cidade de Goiânia por todos os lados, via-se, cada vez mais, a chegada de novos trabalhadores para Goiânia. Eram os nordestinos que *Brasiliense* cita em seu livro, em um trecho que remete a

esse grupo de pessoas que vieram à nova capital em busca do emprego e tentar uma nova vida para sua família:

[...] Por ali se abrigavam bandos de nordestinos que chegavam para a aventura da nova cidade. Alguns encontravam trabalho nas construções, na Usina do Rochedo, na limpeza de quintais, nas lenharias. Os rapazes sadios pegavam logo farda. Algumas velhas e meninos pedinchavam pelas ruas, açulando os exibicionismos dos esmoleres. As mocinhas empregavam-se em casa de família. (BRASILIENSE, 2002, p. 50).

Nesse contexto, a Rodoviária era um ponto importante dessa nova cidade: o porto de chegada, muito mais do que de partida. A capital do cerrado estava, portanto, cumprindo sua função, tal como proposta pela Marcha para o Oeste, atraindo pessoas com o sonho dourado de uma vida melhor. No entanto, essas pessoas conviveram com a contradição e com as condições precárias de uma cidade em formação. Vejamos o que nos mostra Brasiliense e Oliveira a respeito desse ideal de cidade:

[...] O carro foi solavancado quando passou por cima de um corte no asfalto, para ligações de novos telefones. __Deviam já ter consertado isso. __ Cidade de progresso o que me dana é essas coisa. Parece até arrumação de doido. Um ajeita a rua e outro vem com a picareta em cima, espondonga tudo. (BRASILIENSE, 2002, p. 99).

Foto 04 - Avenida Anhanguera, 1951



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 73.

Aqui podemos discutir a questão da construção de uma cidade bonita aos olhos, ou seja, que busca ocultar parte de suas fiações, como a fiação de telefones que, se toda exposta, poderia tornar as ruas um embaraço de fios, tornando a cidade feia aos olhos que almejavam o

belo. Essa faixa coberta pelo asfalto daria a Goiânia um aspecto de organização e planejamento.

Mas nos bairros essa realidade era diferente, na maioria deles o asfalto ainda não havia chegado. Em um trecho do livro *Chão vermelho*, Manoel, um personagem simples, que sempre pensava no progresso da cidade, em conversava com Ferreira, um médico muito preocupado com a saúde das pessoas, que as atendia sem distinção de cor, raça e classe social e até mesmo à domicílio no decorrer da noite e durante a madrugada, apresenta as contradições do progresso. Na conversa Manuel falou: “__Quando sair do asfalto é que o senhor vai sofrer. As ruas do bairro é buraco e lama só.”(BRASILIANSE, 2002, p. 99). Nessa fala o planejamento urbano se perde, pois ele não atinge os arrabaldes, não alcança os locais onde a população pobre e trabalhadora podia morar, construir seus barracos e conviver com as desventuras de quem estava fora do planejamento da cidade progressista.

Em Brasiliense essa é uma temática frequente, pois a maioria de seus personagens morava nesses lugares. Se alguns trechos nos passa a ideia de uma “Goiânia que cresce”, em outros, a Goiânia idealizada pelo poder, convive, ao mesmo tempo, com o “atraso do progresso” nos bairros periféricos.

Esse rápido crescimento da cidade de Goiânia impressionava mesmo seus moradores e trabalhadores. Em uma conversa com um amigo, Joviano relata:

_ Já reparou como Goiânia tá grande? Cadê o cerradão que a gente varava todo santo dia? Tudo é casa de luxo. Tem até prédio de arranha-céu. [...] Gosto disso aqui, Fernando. Tenho amor nessa cidade como se fosse minha filha. Ela tem muito do nosso braço. (BRASILIANSE, 2002, p. 175).

Ou seja, a cidade vai se tornando o lugar dos que ali chegam e nota-se em ambas as fontes que essa sensação de pertencimento vai sendo criada no dia a dia, seja nos ideais de progresso, representados na estrutura física da cidade, seja nos ideais de progresso representado nas próprias ideias, como é o caso das possibilidades de estudo e de formação intelectual e técnica, que são temas recorrentes também nas fontes.

No decorrer da história de Brasiliense conhecemos o personagem Toninho, um jovem, filho do operário da construção civil, Joviano, que estava sempre ligado aos estudos e almejava realizar o tão sonhado curso de Medicina. Em uma cidade que nasceu para ser a capital do Estado não poderia faltar espaços para os estudos e construção do futuro: “A Faculdade de Direito, vinda da Cidade de Goiás, instalou-se em 1937, ao lado da Praça da Rua 20. Estava assegurada assim a formação da elite intelectual” (LIMA FILHO, 2007, p. 178). Outras universidades foram se formando na cidade, entre elas as principais foram a Faculdade de

Farmácia e Odontologia, em 1948, que foi com suas primeiras turmas para a Santa Casa de Misericórdia de Goiânia e, em 1953, transferiu-se para o setor Universitário. A tão sonhada Faculdade de Medicina, que Toninho tanto almejava ver na cidade, só veio a ser inaugurada em 1959, quando, em seguida, todas as faculdades da cidade vieram a formar a Universidade Federal de Goiás (UFG), em 1960. No entanto, um ano antes da constituição da UFG, veio também a ser inaugurada na cidade a Universidade Católica de Goiás, hoje a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Go).

As faculdades que foram se formando, a maioria delas em um mesmo espaço, juntas, formaram o Setor Universitário, que foi criado para abrigar todo o conjunto de escolas de nível superior da cidade. Logo, daí, veio, a então Praça Universitária.

Foto 05 - Faculdade de Direito, 1955



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 135.

Como símbolos do progresso e da modernidade tais espaços tornam-se imagens da cidade capital, a cidade como lugar das luzes, do estudo, da ciência, tal como aponta Raymond Willians (1989). Em fim, uma realidade à disposição de todos. Mas será que alcança a todos?

É preciso, então, ir à busca desses “todos”, desses sujeitos que protagonizam o cotidiano goianiense que se forma na cidade já estruturada, ou seja, o cotidiano que ali se estabelece, pois a cidade já está formada, mas jamais pronta e acabada, como nos mostra a narrativa de *Chão vermelho*.

O Palácio das Esmeraldas, sede do Governo do Estado de Goiás, podemos pensá-lo, de início, como lugar frequentado pelas pessoas que ali trabalhavam e pela alta sociedade de Goiânia. Mas, esse tipo de frequentadores da alta sociedade, não é possível de se encontrar no livro de Brasiliense. O Palácio é citado em uma conversa de Joviano com um amigo, o qual a ele refere dizendo que ali havia seu braço, que ali trabalhou em sua construção quando ainda era uma “ingrisia e de tábua.”

Foto 06 - Palácio das Esmeraldas, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.21.

Assim, parte da história da construção de Goiânia ainda está escondida e sua revelação só pode ser feita pelo historiador ocupado não com a imagem pronta, mas com tudo que está por trás dela, por sua significação e pela representação que constrói da cidade e do povo que ali está.

Mas a fonte aqui utilizada nos faz, por outro lado, encontrarmos as pessoas separadas por suas classes ou lugares sociais. Pessoas sentadas, descansando nos bancos espalhados pela cidade são comuns na fonte fotográfica. Na literária os personagens aparecem também sentados e a conversar, inclusive tendo a cidade como tema, mas o fazem em casa, em visitas realizadas entre eles, como na conversa de Joviano e Joaquim que “iam conversando sobre as coisas do tempo de meninos” (BRASILIANSE, 2002, p.74). Crianças brincando nas ruas também eram fatos frequentes em ruas goianienses no período estudado, quando ainda não havia grande movimento de veículos.

Foto 07 - Avenida Goiás, 1950



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 41.

Tanto os bairros quanto a Avenida Anhanguera serviam também de ponto para os comerciantes. A avenida citada, como foi dito anteriormente, é o principal polo comercial de Goiânia, já desde aquela época, com lojas luxuosas e com preços elevados. Toninho teve que se deslocar à Avenida Anhanguera para comprar um presente de aniversário para sua namorada.

Na Avenida Anhanguera começou a olhar as vitrines. Os preços eram mãos de fantasmas empurrando para longe os fregueses de poucos recursos. Percorreria todas as casas comerciais até que seus olhos cansassem. (BRASILIENSE, 2002, p. 158)

No trecho do livro de *Brasiliense* vê-se que a cidade de Goiânia, o seu centro, já se formava com um espaço para pessoas que tinha um poder aquisitivo maior na época. Percebemos, em alguns trechos da obra, que já havia algumas lojas. Mas havia também o comércio popular. Na cidade já tinha se instaurado o Mercado Central, lugar onde as pessoas iam para fazer a feira, comprar produtos agrícolas, hortaliças, verduras, frutas dentre variadas mercadorias.

Foto 08 - Mercado Central, 1950



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 137.

Diversos lugares formavam o dia a dia da cidade de Goiânia, lugares simples, frequentados por pessoas comuns e de baixa renda. Em tais lugares, como a engraxataria fotografada por Oliveira, em 1953, encontrava-se a gente comum, o povo, tão presente em Brasiliense, que nos remete às crianças que pedinchavam pelas ruas, mas também ao trabalho de outras como engraxates, a exemplo de Toninho: “Fui engraxate, você sabe. Você veio da lavoura e está progredindo” (BRASILIANENSE, 2002, p. 124).

Foto 09 - Engraxataria, 1953



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.51.

Na época estava forte a imigração italiana e portuguesa para o Brasil, sendo assim, vieram para Goiás, além desses dois grupos, os imigrantes espanhóis, japoneses, alemães, sírios, poloneses, uruguaios e outros. “No censo de 1940, os imigrantes árabes, então englobados sob o título de sírios, continuaram a ser a maioria e representavam 35,44% do total de estrangeiros que viviam em território goiano.” (NUNES, 2007, p.196).

Esses imigrantes estrangeiros em Goiânia, em sua maior parte, foram os árabes, que contribuíram para o crescimento econômico da nova cidade. Os árabes começaram a transformar a cidade de Goiânia em um centro de reabastecimento comercial para todo estado.

Os comerciantes árabes realizaram em Goiânia uma verdadeira revolução nas práticas comerciais: redefiniram as condições de realização do lucro para todo o setor, adotaram uma política de vendas a crédito, ampliaram com uma alta rotatividade no estoque e dedicaram uma maior atenção às necessidades do consumidor. (NUNES, 2007, p.199).

Para Goiânia e seu povo simples isso seria um avanço, pode-se, então pensar que, talvez, a partir dessa nova política de vendas, Toninho conseguiria comprar um presente a altura de namorada em uma loja de árabes. Assim, mencionando a presença dos imigrantes na cena urbana, envoltos às atividades comerciais ambulantes, logo agindo como mascates, em especial os italianos, o narrador de *Brasiliense*, afirma acerca de um “estranho” com o qual o Dr. Ferreira, que morava “para os lados da Praça Cívica”, deparara em seu alpendre: “Se fosse

algum mascate mandá-lo-ia embora com uma negativa descortês. Não tinha tempo para ver panos, relógios e bugigangas. A cidade estava formigando de carcamos que muitas vezes se faziam entender por acenos.” (BRASILIANSE, 2002, p. 153, 260).

Os finais de semana em Goiânia, provavelmente, eram momentos de descanso para seus moradores e operários, momentos para passeios em parques, brincar com as crianças dentre diversas atividades de lazer, ir à igreja e a museus. Brasiliense mostra dois trechos retratando esses momentos. Ambos em passeios, como quando duas senhoras observavam obras de artes (BRASILIANSE, 2002, p. 202) e “quando se achavam na praça da igreja pararam um pouco para ver o movimento. Havia ali dezenas de quiosques” (BRASILIANSE, 2002, p. 203). Perto dali para passear com os filhos havia o Lago das Rosas onde ficava um trampolim bastante frequentado na época.

Foto 10 - Trampolim-Lago das Rosas, 1953



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 115.

Assim, notamos que nas fontes documentais há uma preocupação em mostrar a Goiânia em seu processo de crescimento, de estabilizar-se como grande cidade do Centro Oeste Brasileiro. Hélio de Oliveira parece ter no horizonte de suas representações aquele discurso que lá atrás já pensava Goiânia como capital da modernidade antenada com um mundo em transformação, que via o espaço urbano mais do que um lugar de se juntar pessoas, mas sim um lugar de proporcionar a essas as benesses da chamada modernidade, sem, no entanto, renunciar as suas transformações históricas. Brasiliense, por sua vez, traz uma representação dialética da cidade, pois, ao tempo que a mostra como cidade grande, progressista e moderna, não deixa de mostrar suas mazelas, como a violência urbana, a

precariedade dos serviços de infraestrutura básica e tantos outros problemas sociais que atravessavam esse palco idealizado pelos discursos oficiais.

CAPÍTULO 4

O ALUNO PESQUISANDO A CIDADE NA LITERATURA E FOTOGRAFIA

Neste capítulo, vamos propor algumas atividades de reflexão e ação prática acerca do processo histórico de construção de Goiânia atendo-se a seu cotidiano, visando estimular a leitura, a análise de excertos de *Chão vermelho* e das fotografias de Hélio de Oliveira. Assim essas atividades intentam oferecer aos professores sugestões para trabalharem com seus alunos visando neles desenvolver a capacidade de interpretar os documentos e os próprios processos e acontecimentos históricos.

4.1 - Atividade Sugerida 1 - Lendo e interpretando excertos de *Chão vermelho*

Neste tópico, dividimos Goiânia, como questão de estudo e investigação, em alguns subtemas para melhor compreensão dos alunos acerca de seu conhecimento na década de 1950, que foi momento auge da construção e consolidação da capital como a “filha mais moça do Brasil”.

4.1.1 - A construção da cidade, seu avanço e a chegada da modernidade

Goiânia, que teve os primórdios de sua edificação na década de 1930, passou por grandes mudanças ao longo de seu processo histórico de construção até o momento da década de 1950 representada por *Brasiliense* em sua narrativa.

Para analisar esse processo de construção da cidade e seu avanço, trazemos o seguinte fragmento, no qual Joviano fala sobre a falta de conhecimento mais aprofundado a respeito da mudança da capital e do rápido crescimento da cidade:

Pouca gente conhecia a verdadeira história da mudança da capital para Goiânia, num pedaço de chão considerado sem serventia. Tinha conhecimento apenas dos bate-bocas na Assembléia, antes de ser esbandalhada pela ditadura. Do serviço duro mesmo só davam notícia os pioneiros. Ele, ali sentado na soleira de um caritó, conhecia tudo, desde o começo do Palácio, batizado com um nome bonito. Muita gente dizia que

aquela confusão de paus e de tabuas, antes de surgir o esqueleto do prédio, se transformaria em ninho de seriema, porque era coisa de doidos a mudança. As casas de tábua, onde o governo assinara decretos no zangu, haviam desaparecido. Cada semana a cidade mudava de feição, esparramava-se para todos os lados, escorraçando gente pobre do centro. (BRASILIENSE, 2002, p.43-44).

Acerca da chegada da modernidade na cidade de Goiânia, trazemos outro trecho narrado também por Joviano, no qual ele fala dos automóveis na Avenida Anhanguera, a primeira avenida a ficar pronta na recém-fundada capital e que figura como um grande marco da nova cidade, em se tratando de símbolos da modernidade, atrelado à chegada e presença dos automóveis.

Dali se avistava a Avenida Anhanguera, inçada de automóveis, alguns até engraçados, parecendo mais com jabotis em lata. O progresso estava estragando tudo. Já não podia andar com sossego pelas ruas. O vivente ia muito bem, andando distraído, de repente era um guinchar perto, a roda do carro riscando o asfalto. Carro passava por cima de gente de vez em quando. No bairro não havia desastres porque os choferes tinham de andar com cuidado, para se livrar dos buracos. (BRASILIENSE, 2002, p.45).

A partir desses dois fragmentos, os alunos serão levados a pensar como se deu o desenvolvimento e o crescimento da recém-fundada Goiânia.

4.1.2 - Goiânia e seu crescimento populacional

Através da exposição de aspectos da pesquisa apresentados aos alunos, em forma expositiva pelo professor, os discentes poderão perceber que Goiânia passou por um processo de expansão de sua população muito rápido, sendo constituída em sua maioria de migrantes que vieram de vários Estados do Brasil, mas também de imigrantes oriundos outras partes do mundo.

Esse processo ocorreu devido ao número de empregos que foi ofertado na construção civil inerente ao processo de aumento da construção de prédios públicos para o Governo, assim como dos serviços de infraestrutura, de praças, ruas, monumentos, além da edificação de residências e prédios comerciais. Esses imigrantes e migrantes contribuíram para edificação da capital não só nas construções da cidade, mas também em outros fatores.

A cerca do crescimento populacional destacamos o trecho: “A população da cidade já era bem crescida, a todo momento surgiam caras novas pelas ruas. Milhares de fisionomias estranhas. Andavam-se no meio de uma multidão sem se notar um conhecido.” (BRASILIENSE, 2002, p. 188-189).

Sobre o trabalho dos migrantes nordestinos na nova capital, destacamos:

Por ali se abrigavam bandos de nordestinos que chegavam para a aventura da nova cidade. Alguns encontravam trabalho nas construções, na Usina do Rochedo, na limpeza de quintais, nas lenharias. Os rapazes sadios pegavam logo farda. Algumas velhas e meninos pechinchavam pelas ruas, açulando os exibicionismos dos esmoleres. As mocinhas empregavam-se em casa de família. (BRASILIENSE, 2002, p. 50).

Através destes fragmentos a proposta é levantar dados sobre os principais grupos pessoas que vieram para formar o povo goianiense, indicando suas contribuições acerca de fatores econômicos e culturais na constituição da nova cidade que se formava. Assim poderemos questionar: quem era essa população? Em que situação viviam os migrantes e imigrantes na nova capital que foi idealizada para ser sede política do Estado de Goiás? Como garantiam sua sobrevivência? Por meio de que atividades ganhavam a vida?

4.1.3 - O trabalho que dignifica o homem

Percebemos e destacamos que *Chão vermelho* trata das questões ao redor do mundo do trabalho como um fator essencial na vida das pessoas, pois através dele pode se alcançar o sucesso e vencer as dificuldades do dia a dia ou, se o negar, viver na esfera da malandragem e da bandidagem.

Com base nos fragmentos abaixo, a sugestão é refletir acerca dos espaços de trabalho na capital de Goiás na década de 1950 e sobre as fontes de renda de alguns segmentos de sua população.

Marcelo, depois de ficar bom, encontrou apoio no machado e na enxada. Desde menino eram seus instrumentos de trabalho, manejava-os com satisfação. Capinava quintais, rachava lenha, tinha uma diária que lhe garantia o aluguel de uma choça no bairro e sustento para a família. (BRASILIENSE, 2002, p. 166).

Ainda nesse sentido, de tratar do trabalho na cidade, destacamos:

Não concordo com os ingleses, quando dizem que tempo é dinheiro. Não. Para mim tempo é sabedoria, porque as horas que dedicamos ao trabalho são pura rotina, obrigação imposta pelo estômago. Os momentos que roubamos das diversões, bobas (falo das futilidades em que se chafurdam os ricos), empregando-os na aquisição de novos conhecimentos, significam sabedoria. [...] Há quase dois anos trabalho numa fábrica de aparelhos elétricos, ganho o suficiente para manter e estudar. [...] Já fiz o primeiro científico e emboquei no segundo, agarrado nos livros à noite, porque durante o dia é fábrica, monstro que precisa do tempo de que falam os ingleses. [...] Estou muito satisfeito agora. Leio muito e bons autores. [...] A noite é uma grande amiga do operário que estuda, meu velho. Para o farrista, os milionários que perdem e roubam, pelos cassinos e boates, para os malfeitores, a noite é uma espécie de tirana. Essa gente é escrava da noite. Aqueles que estudam e investigam estão construindo as “mais bonitas” auroras do amanhã. (BRASILIENSE, 2002, p. 207-208).

E ainda:

O exibicionismo está matando o aproveitamento na maioria de nossas escolas. - É melhor a gente começar de baixo. Fui engraxate, você sabe. Você veio da lavoura e esta progredindo. Muitos começam do alto... e terminam como frutos podres que apodrecem antes de amadurecer. (BRASILIENSE 2002, p. 124).

Por meio desses excertos, sugere-se pensar sobre as atividades e os espaços de trabalho abertos na cidade no decênio 1950 que são na narrativa contrapostos a vida no ócio e em atividades consideradas ilícitas. Assim, o aluno deverá pesquisar outros excertos do livro que realizem o contraponto de valorização do trabalho e condenação à malandragem.

4.1.4 - As questões da terra

A maioria da população de Goiânia durante sua formação era de pessoas que vinham do meio rural para tentar a vida na nova cidade que se formava. E esse povo do campo via de imediato a diferença no modo de vida e nas atitudes de seus habitantes, e alguns, logo, já assumiam certas feições do mundo moderno e o compreendiam, mas não rompiam de todo com seus laços e seus traços rurais constituindo uma cultura híbrida. Algumas dessas pessoas viam a cidade como forma de escape ou refúgio das perseguições que sofriam no campo pelos grandes fazendeiros na intenção de expulsá-los de suas terras e delas adonar. Outros a viam com “medo”.

Neste item o aluno deve refletir acerca das possíveis causas e formas de expulsão do homem do campo, do chamado êxodo rural e de movimentos de integração de posse da terra ocorridos na década de 1950. Também se pode levar em consideração a despreocupação em ater-se ao cumprimento do próprio Plano Diretor da cidade de Goiânia, com base no fragmento abaixo:

- Me tomaram tudo, fiquei com a noite e com o dia, nem ia chamar ninguém. Tou feito mulambo aqui na casa de compadre.[...] Marcelo havia vencido a ruindade da terra e a tornara produtiva. Quando os soldados chegaram lá, acapangados pelos grileiros, lutara até esgotar-se para depois ser surrado sem soltar um berro. Quando sua casa estava pegando fogo sentia o incêndio era dentro, estirado no chão. (BRASILIANSE, 2002, p. 103).

4.1.5 - A política, as eleições e as esperanças do povo

A política foi um fator muito comentado durante toda a narrativa de Eli Brasiense, seja o processo eleitoral ou até mesmo as esperanças do povo de intervenção e ação dos governantes para que fossem resolvidos problemas do dia a dia da cidade. Circo, educação, saúde, infraestrutura urbana, publicações para crianças, são assuntos que podem ser discutidos relativos ao campo da política no livro.

Vejamos alguns exemplos:

As eleições não estavam longe. Joviano se admirava da coragem de alguns homens que se candidatavam. De certo mesmo só contavam com o próprio voto. Pelas lorotas dos jornais ninguém iria perder. Seriam dois governadores, três ou quatro prefeitos, mais de duzentos vereadores, uns trezentos deputados. Não olhava os politíqueiros com simpatia. Tinham carícias de gato quando garimpavam votos pelos bairros, num atropelamento. Pelo menos movimentavam o dinheiro mofado dos coronéis e de trampolineiros que enchiam a bolsa com negociatas. [...] Nunca se orientava por jornais e partidos, fosse do governo ou da oposição, não gostava de ser encabrestado por ninguém. Votava nos conhecidos e amigos, assim mesmo catando nomes no meio do cardume de candidatos. [...] Estava decidido a apoiar o candidato do bairro, homem modesto e lutador, operário como ele. (BRASILIANSE, 2002, p. 221-223).

E ainda:

- Poucos palhaços agradam hoje. O circo está em decadência, Alfredo, não resta dúvida.
- Circo é divertimento do povo, precisa é de proteção. O governo deveria construir circos de cimento armado para que essa gente se encorajasse mais. Não precisam carregar esse mundo de paus, tábuas, corda e panos. (BRASILIANSE, 2002, p. 125).

A partir desses fragmentos, o aluno deverá pesquisar com base em outros excertos do livro, quais eram as principais formas de ação e atuação política na década de 1950, na qual, no ano de 1954, segundo fontes do Tribunal Superior Eleitoral, ocorreu o processo eleitoral citado por Joviano.

4.1.6 - Espaços de lazer e sociabilidades

Diversos espaços de lazer e entretenimento da recém-fundada Goiânia representava um cotidiano simples dessa cidade edificada como símbolo da modernidade para o Brasil. Os finais de semana em Goiânia, provavelmente, eram momentos de descanso para seus moradores, dentre eles, em especial, os operários, como os passeios em parques, as brincadeiras de crianças e com elas, dentre diversas outras atividades de lazer, como ao ir cumprir os compromissos religiosos na igreja ou apreciar objetos de arte e outros artefatos em casas como museu, cinema e teatro.

Um aspecto comum que do dia a dia dos personagens do livro é a parada em bares para tomar uma cachaça, que possibilitam ver que o bar como espaço de além de encontro de amigos, como também lugar de discussões e violências. Brasiliense reserva em sua obra capítulos destinados em específico aos bordéis e suas rotinas. O Bairro Campinas é citado no livro como espaço que abriga um desses estabelecimentos para os “homens usarem das moças.”

Como proposta os alunos deverão pesquisar no romance e escrever um texto coletivo acerca dos espaços de sociabilidades da cidade abordando os momentos de lazer na capital (em bares, bordéis, parques, museus, igrejas, cinema, dentre outros).

4.1.7 - O Ensino na década de 1950

Em *Chão vermelho* nos deparamos com discussões ao redor do ensino e da qualidade do mesmo na cidade de Goiânia, como o tão sonhado curso de Medicina por Toninho e as considerações acerca das escolas técnicas.

- No ano que vem vou pro Rio fazer o vestibular de medicina se Deus quiser.
- Dinheiro pra tua passagem ta na Caixa Econômica. Tem também pra uns tempos de gasto até tu firmar o pé por lá. Tu é quem escolhe o lugar. (BRASILIENSE, 2002, p. 145).

E ainda,

- Você agora pode completar o curso ginasial, com a nova lei que ampara os que tem cursos de escolas de artífices. Não sabe disso?
- Sei. Vou fazer isso por lá, aqui é que não fico. Fiz o curso de aparelhos elétricos na Escola Técnica, tirei diploma, entendo do ofício. Para continuar os estudos preciso de trabalho. Procurei emprego aqui, exibi meu diploma e somente vi caras de zombaria. Um sujeito chegou a dizer-me que não aceirava alunos da Escola Técnica. Ele disse *a-lu-nos*, não é desaforo?
- [...] - Sempre achei que certas escolas, principalmente as do governo, constituem um grupo à parte, não pertencem à comunidade dos estudantes de outros colégios. Nos dias de parara é que se nota o contraste. O ministério da Educação, devia adotar um tipo de farda única para as escolas publicas o subvencionadas. (BRASILIENSE, 2002, p.123-124)

Aqui os alunos poderão pesquisar e refletir sobre a instalação de faculdades na cidade de Goiânia e a questão das escolas técnicas, pois instituições ligadas ao campo educacional e formadoras de cidadãos, logo primordiais em uma cidade moderna.

4.2 - Atividade sugerida 2 - Lendo e analisando as fotografias de *Eu vi Goiânia crescer*

As atividades a seguir são de análise e interpretação das fotografias, onde os alunos deverão escrever um breve texto sobre o autor das fotos, pensar o suporte onde hoje são localizadas e pelo qual podem acessá-las, a configuração delas com sua cor, ângulo, além de descrever quem ou o que aparece nelas aparecem, quem ou o que constitui a figura em foco e de fundo. Sugere-se, ainda, estabelecer um diálogo com o texto de Brasiliense na busca de apreendê-las.

4.2.1 - Refletindo o contexto histórico

Na primeira atividade, o aluno deverá identificar as marcas do tempo, ou seja, pesquisar a partir das imagens, sobre o ano de construção das obras em foco, levando em consideração o contexto nacional, estadual e local.

Foto 11 - Usina do Jaó, 1957.



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 151.

Foto 12 - Estação Ferroviária, 1955



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 65.

4.2.2 - Refletindo sobre a cidade em si

Nessa atividade, propomos que o aluno, debata sobre o processo de construção e modernização da cidade de Goiânia, a partir das fotografias, descrevendo-as e atrelando-as ao processo histórico dos primeiros anos da cidade de Goiânia e de sua configuração na década de 1950.

Foto 13 - Avenida Anhanguera, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 79.

Foto 14 - Avenida Anhanguera, 1951



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 73.

4.2.3 - Refletindo sobre algumas construções símbolos da modernidade e espaços de sociabilidade e poder

Neste item, o aluno irá trabalhar tanto os espaços de poder, como de lazer e sociabilidade da nova capital do Brasil, a partir das fotografias, refletindo como tais espaços estipulavam e representavam hierarquias sociais, pois não acessados e frequentados de forma

indistinta por todos os moradores da cidade de Goiânia. Sugere-se ainda que tais lugares sejam contrapostos aqueles de maior acesso da população trabalhadora indicados por Brasiliense.

Foto 15 - Palácio das Esmeraldas, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p. 21.

Foto 16 - Teatro Goiânia, 1952



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.101.

Foto 17 - Jóquei Clube, 1951



Fonte: OLIVEIRA, 2008, p.109.

CAPÍTULO 5

ATIVIDADES AVALIATIVAS

Neste capítulo, é retomado o que foi dito nos capítulos anteriores, lembrando alguns dos princípios teóricos e metodológicos do ensino de história que consideramos importantes. A partir deles, serão tecidas algumas considerações acerca da avaliação. É objetivo do capítulo problematizar a avaliação e apresentar possibilidades metodológicas que podem ajudar o professor no desenvolvimento de competências e habilidades em História, onde possa envolver o aluno, o professor e a escola.

5.1 - Avaliação sugerida 1 - Exposição oral em grupo “seminários”

Neste tópico, realizamos a proposta de um seminário, onde os alunos divididos em grupos possam apresentar, após a realização das pesquisas e dos debates acima sugeridos a partir dos fragmentos do livro de Brasiliense e das fotos de Oliveira, tratados no capítulo anterior, os resultados obtidos em forma de seminário, de exposição oral, podendo apoiar-se em diversos recursos didáticos (cartazes, data show, quadro negro, revistas, dentre outros).

O professor, então, promoverá e incentivará a fala dos alunos, colaborando para a afirmação de sua autoestima e desenvolvendo as capacidades de exposição e de escuta, de respeito ao outro que toma a palavra.

Na avaliação, é preciso que o professor tenha sensibilidade, perspicácia e critérios para realizar o exame da apresentação do aluno por meio da exposição oral, ainda que recorra ao apoio dos recursos acima mencionados. Todo o processo avaliativo implica subjetividade e, assim como em outras situações de avaliação, não se está buscando a “resposta certa”, e sim valorizando a capacidade de engajamento, o comprometimento do aluno, a argumentação construída, a contextualização histórica que apresenta, seu envolvimento com que esta sendo proposto. São critérios que se organiza e estabelece para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Pensando nisso, propomos uma tabela que poderá auxiliar o professor no ato de avaliar o aluno durante a apresentação de seu seminário.

Tabela 1 - Competências e habilidades		
Seminário: Goiânia, anos de 1950.		
Nomes dos alunos:		
Grupo:	Data: ___/___/___	Disciplina: História Turma: _____
O que se espera que o aluno se desenvolva	Estratégias de aprendizagem	Nota ou conceito
Autonomia	Organizar sínteses daquilo que foi aprendido.	
Trabalhar em grupo	Preparação da apresentação.	
Domínio do debate	A construção e relação de sua fala com o processo histórico estudado.	

Além dessas sugestões o professor poderá avaliar outras habilidades que achar relevantes e pertinentes durante o desenvolvimento da atividade.

5.2 - Avaliação sugerida 2 - Exposição escrita Individual

Após a realização da atividade anterior, coletiva, em grupo, o professor poderá submeter os alunos a realizar uma avaliação individual por meio da escrita de um texto, de uma redação com raciocínio concludente com exposição de argumentos, com coerência e apresentação induções e deduções que demonstrem sua compreensão acerca dos temas estudados agregados em umas das propostas temáticas abaixo indicadas.

5.2.1 - Proposta 01: As eleições de 1954

Levando em consideração os estudos acerca dos problemas do cotidiano de Goiânia, e os excertos abaixo relacionados, o aluno deverá desenvolver um texto em forma artigo de opinião ou de carta de propostas ao leitor/eleitor, de no máximo 35 linhas, onde deverá se apresentar como candidato a uma das vagas a vereador da cidade nas eleições ocorridas em 1954. No texto deverá levar em consideração os anseios da população expostos por Eli Brasiense, apresentando, assim, propostas para o bom funcionamento e desenvolvimento da cidade. A fuga do tema (as eleições e propostas ao eleitor) implicará na anulação da redação.

Trecho 01:

Não sei porque o governo não proíbe essas porcaria. Pra mínimo é esse Gibi Chato, de caso bobagem. Pra gente grande é só revista imoral, cheia mulher pelada. (BRASILIENSE, 2002, p. 49).

Trecho 02:

- Poucos palhaços agradam hoje. O circo está em decadência, Alfredo, não resta dúvida.
- Circo é divertimento do povo, precisa é de proteção. O governo deveria construir circos de cimento armado para que essa gente se encorajasse mais. Não precisam carregar esse mundo de paus, tábuas, corda e panos. (BRASILIENSE, 2002, p. 125).

Trecho 03:

Ainda nas ruas asfaltadas os faróis do carro clareavam um alpendre onde dois meninos estavam espichados, embrulhados em jornais velhos. Manoel falava, acompanhando os movimentos do limpa-pára-brisa. - Tem uma meninada solta que faz dó. De dia pede esmola e de noite dorme onde dá na veneta. (BRASILIENSE, 2002, p. 98-99).

Trecho 04:

As eleições não estavam longe. Joviano se admirava da coragem de alguns homens que se candidatavam. De certo mesmo só contavam com o próprio voto. Pelas lorotas dos jornais ninguém iria perder. Seriam dois governadores, três ou quatro prefeitos, mais de duzentos vereadores, uns trezentos deputados. Não olhava os politikeiros com simpatia. Tinham carícias de gato quando garimpavam votos pelos bairros, num atropelamento. Pelo menos movimentavam o dinheiro mofado dos coronéis e de trampolineiros que enchiam a bolsa com negociatas. [...] Nunca se orientava por jornais e partidos, fosse do governo ou da oposição, não gostava de ser encabrestado por ninguém. Votava nos conhecidos e amigos, assim mesmo catando nomes no meio do cardume de candidatos. [...] Estava decidido a apoiar o candidato

do bairro, homem modesto e lutador, operário como ele. (BRASILIANSE, 2002, p. 221-223).

5.2.2 - Proposta 02: O desenvolvimento de Goiânia e sua rápida expansão

Com o processo de construção da cidade e seu posterior desenvolvimento, diversos migrantes e imigrantes vieram para o local eleito para edificá-la ou já para a recém-fundada capital. Com o aumento expressivo da população teve-se também um crescimento urbano considerável, que extrapolou o estipulado em seu 1º Plano Diretor. Através dos fragmentos abaixo, solicita-se que o aluno descreva de forma argumentativa, em até 35 linhas, como se deu o processo civilizatório e urbanístico de Goiânia, tratando de seu crescimento e desenvolvimento por meio dos aspectos estudados do livro *Chão vermelho*.

Ponto 01:



Figura 01: Planta final da cidade de Goiânia
Fonte: Patrick de Almeida Vieira, 2011, p.64.

Trecho 02:

_ Já reparou como Goiânia tá grande? Cadê o cerradão que a gente varava todo santo dia? Tudo é casa de luxo. Tem até prédio de arranha-céu. [...] Gosto disso aqui, Fernando. Tenho amor nessa cidade como se fosse minha filha. Ela tem muito do nosso braço. (BRASILIANSE, 2002, p. 175).

Trecho 03:

A população da cidade já era bem crescida, a todo momento surgiam caras novas pelas ruas. Milhares de fisionomias estranhas. Andavam-se no meio de

uma multidão sem se notar um conhecido. (BRASILIENSE, 2002, p. 188-189)

5.2.3 - Sínteses

Além dessas propostas de redações, pensamos em outras atividades que podem ser adotadas pelo professor, que vão desde a construção de quadros com informações das pesquisas realizadas, a produção de relatórios, a construção de conceitos ao redor dos temas estudados, a feitura de um jornal para circulação na escola, a elaboração de textos escritos em formas de e-mail ou para blogs abordando algum conteúdo relacionando a Goiânia da década de 1950, retirado ou inspirado em Brasiliense e Oliveira.

Enfim, nesse processo de avaliação individual o professor tem inúmeros meios para avaliar a formulação do aluno acerca do processo histórico de construção e desenvolvimento de Goiânia, cabendo a ele eleger o que mais considerar relevante, ao levar em consideração a realidade de sua sala de aula em que atua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo histórico da construção e consolidação de Goiânia como capital de Goiás marcou a era de desenvolvimento do Brasil proposto pelo então Presidente da República Getúlio Vargas, que tinha como seu plano de governo levar a modernidade e o progresso para todas as regiões do país.

Para ele, Vargas, Goiânia era fruto desse processo de marcha da nação rumo ao interior de seu território. Contrapondo a isso, seu interventor no Estado de Goiás, o então governador Pedro Ludovico, buscou projetar-se como o “idealizador” do projeto, e seus partidários o enaltecem como o “sonhador utópico” que realizou o grande feito. Porém, ele “aproveitou” do plano Varguista para consolidar essa proposta, bem fez avançar diversas propostas de mudança da capital que vinham sendo propaladas desde o século XVIII por meio dos governadores de província.

Goiânia teve na década de 1950 vários pontos a serem destacados, desde seu rápido crescimento da zona urbana, com o acelerado índice de construções, como também populacional, ao abrigar trabalhadores brasileiros que chegavam para a nova capital vindos de diversas regiões para realizar o sonho de um emprego fixo, além daqueles estrangeiros. A cidade veio, então, a abrigar as mais diversas classes sociais, das ricas as mais baixas, e é na perspectiva da classe trabalhadora que Eli Brasiliense conta o processo de urbanização e modernização de Goiânia em *Chão vermelho*. Percebemos por meio dele, a diversidade de culturas, etnias, pontos de vistas, perspectivas e sociabilidades que Goiânia já continha naquele período, sem deixar de lembrar-se da divisão espacial clara das classes sociais, onde o Centro de Goiânia era comandado e habitado por médicos, políticos e pessoas influentes do período, e os bairros afastados, com os diversos problemas de infraestrutura eram morada dos verdadeiros construtores de Goiânia, daqueles que deram seu sangue e suor para edificar a grande cidade.

Todo esse processo, que propomos ser trabalhado em sala de aula, nos faz refletir sobre a importância do ensino de História, seu valor nos dias de hoje marcados com os mais diferentes desafios. Em tempos de mudanças paradigmáticas, esse livro, tenta apresentar possibilidades para se trabalhar dentro da sala de aula a história de uma das mais importantes cidades de Goiás.

Ao expor um pouco de nossas reflexões acerca dessa temática, desejamos que elas sirvam de pontes para os professores transporem alguns dos obstáculos com os quais deparam em sala de aula ao ensinar História; para que suas aulas consigam provocar nos jovens o gosto

pelo estudo de História e, principalmente, a sua história, a história de sua cidade, de seu Estado, da capital de sua unidade federativa.

Nossa intenção foi produzir textos e fazer sugestões que fossem de fácil compreensão, didáticos e sem perder sua característica histórica, ao deter sobre o processo da construção e mudança da cidade. As atividades propostas foram pensadas como exercícios práticos a serem realizados em momentos de reflexão entre os alunos e professores, com vista a despertar a sensibilidade crítica dos discentes, ao oferecer-lhes outros pontos de vista de uma história que oficialmente possui outras leituras.

Esperamos que esse livro possa estar, mais dia menos dia, nas mãos dos professores do Ensino Médio de nosso Estado, como sendo mais um material didático ou paradidático, ao qual possam recorrer e que possa contribuir para sua formação continuada, mas que também seja um elo entre eles, os alunos e a História.

Nesse contexto e sentido, temos a esperança de sermos protagonistas do ensino de História de qualidade, fazendo com que nossos alunos sejam capazes de ler, interpretar, escrever, criticar, debater, pesquisar e analisar. É uma esperança que depositamos em algo novo e que possamos juntos, em cada sala de aula, colher bons frutos com nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nelly Alves de **Presença literária de Eli Brasiense**. Goiânia, UCG, 1985.
- BORGES, Barsanufu Gomides. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Goiânia: Ed da UFG, 2000.
- BORGES, Valdeci Rezende. **Cenas Urbanas: Imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis**. Uberlândia: Aspectus, 2000.
- _____. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. / 2010.
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues; PEREIRA, Eliane M. C. Manso (orgs.) **Goiânia: cidade pensada**. Goiânia: Editora UFG, 2002.
- BRASILIANSE, Eli. **Chão vermelho**. Goiânia: IGL / Agepel, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jathay (orgs). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p. 13-20.
- BUENO, André. Sinais da Cidade: forma literária e vida cotidiana. In: In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 89-100.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CAMPOS, Francisco Itami. Mudança da capital: uma estratégia de poder. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.). **Goiânia cidade pensada**. Goiânia: Editora da UFG, 2002. p. 169-184.
- CARVALHO, Eugenio Rezende de. Construções de Goiânia. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.). **Goiânia cidade pensada**. Goiânia: Editora da UFG, 2002. p. 153-168.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz. Fotografia - Usos Sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 29-60.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo: leituras, indagações e interpretações**. Belo Horizonte: Autentica, 2009.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org). Apresentação. In: _____. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.7-14.

CHAUL, Nasr Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**, 2. ed. Goiânia: UFG, 1999.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Ed da UFG, 1997.

DAHER, Tânia. O projeto original de Goiânia. **Revista UFG: dossiê Cidades Planejadas na Hinterlândia**, Goiânia, ano XI, n. 6, p. 77-90, 2009.

DUARTE, Geni Rosa. De olho no olhar da História. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: SABIN, ano 2, n. 16, p. 72-75, set. 2007.

FERNANDES, Ronaldo Costa. Narrador, Cidade, Literatura. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs). **O imaginário da cidade** Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 19-36.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jathay (orgs). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p.193-201.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura - A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 61-91.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **A construção do espaço urbano de Goiânia (1933-1968)**. Goiânia: UFG, 2002.

HELIO de Oliveira. **Programa Raízes - Jornalismo Cultural**. Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://www.programaraizes.net/posts/helio-de-oliveira>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: e efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.) **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007.

MACHADO, Laís Aparecida. Uma cidade no sertão. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.) **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 49-88.

MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. **Literatura e Fotografia: a problemática da cidades**. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/complemento/RODRIGO_MACHADO.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2013.

MARTINS, Tattiussa. Entre a cidade sonhada e a cidade real. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.) **Formas e tempos da cidade** /Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 141-149.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MEDEIROS, Wilton de Araújo. Goiânia de ontem nos mapas de memória. LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.) **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 215-227.

MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia Metrópole**: sonho, vigília e despertar (1933/1973). 2010. 334 f. Tese (Doutorado), UFG, Goiânia, 2010.

MELLO, Márcia Metran de. **Goiânia**: cidade de pedras e de palavras. Goiânia: Ed da UFG, 2006.

MELO, Orlinda Carrijo. **A inven o da cidade**: leitura e leitores. Goiânia: Ed. UFG, 2007.

MOTA, Juliana Costa. **Planos Diretores de Goiânia na Década de 1960** - A inser o dos Arquitetos Luis Saia e Jorge Williein no Campo do Planejamento Urbano. 218 f., 2004. Disserta o (Mestrado), UNESP, São Carlos, 2004.

NUNES, Heliane Prudente. Os imigrantes  rabes em Goiânia. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.) **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 193-212.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. As imagens de Goiânia na literatura moderna. In: CHAUL, Nars Fayad; SILVA, Luis Sérgio Duarte da (orgs). **As cidades dos sonhos**. -Goiânia: Ed. da UFG, 2005. p. 137-202.

OLIVEIRA, Hélio. **Eu vi Goiânia crescer**: décadas de 50 e 60. Goiânia: Ed. Do Autor, 2008.

PEREIRA, Eliane M. C. Manso. Goiânia, filha mais moça e bonita do Brasil. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues e PEREIRA, Eliane M. C. Manso (orgs). **Goiânia**: cidade pensada. Goiânia: Editora UFG, 2002. p. 13-70.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cl ria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (org.) **História e literatura**: identidades e fronteiras. Uberlândia: EDUFU, 2006 b. p. 22-23.

REVISTA DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL. Arquivo Histórico Estadual - Goiânia: Gráfica de Goiás, n  5, 1984.

RUIZ, Rafael. Literatura: novas formas de abordar o ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org). **História em sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 6. Ed., São Paulo: Contexto, 2010. p. 75-91.

SANTANA, Francis Marques Otto de Camargo; BONETTI, Maria Cristina de Freitas; MACÊDO, Maurides. Pioneiros: compondo o passado. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.). **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 151-192.

SILVA, Ciro Augusto de Oliveira. Primeiros traços e formas urbanas de Goiânia. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.) **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2007. p. 91-108.

SOUZA, Candice Vidal. Batismo Cultural de Goiania: um ritual da nacionalidade em tempos de Marcha para o Oeste. In. BOTELHO, Tarcísio Rodrigues e PEREIRA, Eliane M. C. Manso (orgs) **Goiânia: cidade pensada**. Goiânia: Editora UFG, 2002. p. 71-102.

SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jathay (orgs). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. Relatório ao Exmo. Presidente da Republica pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira – Interventor Federal (1933). In: MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia Metrópole: sonho, vigília e despertar (1933/1973)**. Goiânia: UFG, 2010.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. Mensagem ao Brasil. **Revista Oeste**, Goiânia, v.1, n.1, p.55, jul. 1942.

TELES, José Mendonça. **Dicionário do Escritor Goiano**. Goiânia: Kelps, 2000.

VICTOI, Raquel Simão. **Cidade polissêmica: diálogos interdisciplinares sobre a cidade de Goiânia**. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado), UFG, Goiânia, 2013.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.